

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ELLEN TALINE DE RAMOS

Educação Escolar e Formação de Mulheres Presas

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE.

São Paulo
2013

ELLEN TALINE DE RAMOS

Educação Escolar e Formação de Mulheres Presas

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Giovinazzo Jr.

São Paulo
2013

BANCA EXAMINADORA

À todas as mulheres que batalham diariamente contra o preconceito e a opressão.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente minha família que me apóia e acompanha sempre, em especial ao Enido que esteve ao meu lado incentivando e acolhendo os momentos de desespero e a Eloise que ouviu tantas vezes meus desabafos.

Agradeço Débora Lessa que permaneceu/permanece ao me lado apoiando e acolhendo minhas escolhas, angústias e “pirações”. Ao Zé (cachorro) e a Preta (gata) que acompanharam fielmente minhas madrugadas dissertando.

À Claudia Stella que me motivou durante meu percurso acadêmico como orientadora e amiga incentivando e contribuindo para a realização dessa dissertação.

Agradeço Ângela Nogueira, querida ex-chefe, que incentivou minha entrada no mestrado me auxiliou flexibilizando meu horário de trabalho para que fosse possível a ida às aulas.

À todos meus amigos e amigas que acompanharam direta ou indiretamente em especial, à Daniela Oloruma que me ajudou desde a elaboração do primeiro projeto até a constituição do trabalho final, à Kristina Speakes que gentilmente me ajudou na elaboração do Abstract e a Nádia Ramos que mesmo distante esteve presente e acompanhou todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Aos que me ajudaram no momento de dificuldade de ida a campo: John Kennedy que passou contatos de pessoas que poderiam me ajudar a entrar na penitenciária; Arlindo Lourenço que solicitamente leu e auxiliou na elaboração do projeto de pesquisa dando dicas de como conseguir o acesso ao campo; Amanda Fraga que passou informações sobre a instituição religiosa que possibilitou parte da minha pesquisa, à instituição religiosa que me acolheu e por fim ao funcionário da FUNAP que orientou sobre a melhor forma de elaborar o projeto para o Comitê de Ética.

Agradeço ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, à Betinha e aos professores que estiveram sempre presentes e disponíveis para auxiliar e principalmente ao Carlos que me orientou durante o processo de elaboração do texto.

E por fim agradeço a todas as mulheres que participaram dessa pesquisa oferecendo suas histórias de vidas e trajetórias escolares sem as quais esse trabalho não existiria.

“Dizem que as meninas nascem dentro de rosas... Assim como as rosas, acreditamos que sejam dóceis e frágeis, sensuais e delicadas. Como as rosas, oferecidas ao amor, vivendo à vontade da lua e do vento, despreocupadas, leves.

Mas Ronsard tinha razão, ele que já tinha aprendido a desconfiar da rosa e de seus espinhos.

A narrativa da vida dessas mulheres é seu eco. Nada as predestinava à coragem da qual elas dão prova, ao combate que empreendem dia a dia. A força delas é a força do desespero. Tantos punhos levantados e quantas lágrimas antes derramadas. Tantas palavras livres e quantos gritos abafados. Mas quando essa força se manifesta é sem limite, sem fronteira, sem cor de pele, sem sexo” (ZAZIE, 2008).

RESUMO

Considerando a temática educação e prisão como uma área em ascensão que vem sendo cada vez mais estudada e adquirindo maior visibilidade, esta pesquisa se somar ao rol de estudos voltados para a população carcerária. Contribui para a compreensão do que ocorre nesse ambiente, bem como para entendimento do indivíduo encarcerado a fim de salientar sua humanidade e sua experiência na prisão. Além disso, postula-se ser de extrema importância desvelar o universo feminino presente entre os muros e grades e dar voz a essas mulheres oprimidas e discriminadas. Dessa forma, a presente pesquisa tem por finalidade: compreender as especificidades da educação dentro da instituição prisional, assim como a organização das aulas; identificar a motivação das mulheres para prosseguir no estudo dentro da prisão e analisar suas trajetórias escolares; e, por fim, examinar as concepções de educação para essas mulheres, identificando, assim, aspectos que possam ser remetidos à formação, tendo como parâmetros as noções de resistência e adaptação, propugnada por Adorno. Buscando atingir os objetivos propostos, a pesquisa foi realizada em duas unidades prisionais femininas do Estado de São Paulo, por meio de dois procedimentos distintos: um realizado via observação e registro em diário de campo, a partir das visitas realizadas com determinada instituição religiosa, e outro realizado após aprovação do Comitê de Ética da Secretaria de Administração Penitenciária, utilizando diário de campo e entrevistas áudio gravadas com 13 mulheres. Utilizou-se para análise as informações colhidas via diários de campo e transcrições das entrevistas. O que permitiu elaborar categorias de análise. Após a análise dos resultados, foi possível perceber que a escola como está organizada nas penitenciárias femininas estudadas, ocupa um lugar marginalizado e que não há muito investimento, faltando matérias didáticos, local apropriado e ausência de professores preparados e, além disso, outro ponto crítico da educação prisional é a carga horária reduzida. Assim, considera-se que a desmotivação das mulheres para irem à escola na prisão pode relacionar-se com suas histórias de vida, nas quais a educação ocupou um local periférico, gerando pouco significado para elas. O trabalho historicamente é mais valorizado, mas, somado a isso, infere-se que a prisão contribui para a desmotivação escolar por sua estrutura precária e pelo fato da remição ser ainda incipiente e desorganizada. Foi possível verificar também que essas mulheres se mantêm alienadas o tempo todo, apresentando como objetivos não sua autonomia e emancipação, mas apenas sua liberdade física. Dessa maneira, nota-se que as mulheres apenas se adaptam ao meio carcerário sem apresentar noções de resistência; o que se vê claramente em todas é uma motivação afetiva para saírem da prisão e voltarem aos seus países, no caso das estrangeiras, e ao convívio com seus familiares. Nessa lógica, trabalho e educação apresentam-se como instrumento principal no combate à ociosidade. Por fim, percebe-se que um local destinado a punição não possibilita aos indivíduos a “readaptação”/“ressocialização”, mas sim a reprodução e promoção do preconceito e violência, o que, no caso das mulheres, é potencializado pela posição histórica ocupada por elas: devem ser amáveis, dóceis e, sobretudo, submissas. Dessa forma, verificou-se que a identidade da mulher presa encontra-se emaranhada na discriminação social e de si própria, por ser considerada “não capaz” de cumprir suas funções (mãe, mulher, esposa). Sendo assim, sua identidade continua marcada pela reprodução da cultura tradicional machista, o que pode ser confirmado pelo lugar que ocupam na criminalidade e, principalmente, no tráfico de drogas, principal atividade em que estavam envolvidas.

Palavras-chave: Escola na prisão; formação e semiformação; presídio feminino; educação e prisão.

ABSTRACT

The theme of prisons and education is a field on the rise which is being studied more and more and has been acquiring greater visibility. It is believed that including this research in the list of studies about the incarcerated population can contribute to the understanding of this site, as well as value the incarcerated individuals by emphasizing their humanity. In addition, it is also believed to be extremely important to unveil the feminine universe present inside these walls and behind these bars, giving a voice to women who are both oppressed and discriminated against. In this way, the current research seeks to understand the specificities of education inside correctional institutions; envisage how classes are organized, the motivations women have for continuing their studies while inside the prison, and their academic trajectories; and finally to verify, with the notions of resistance and adaptation as parameters, these women's conceptions of education and identify aspects that can lead to their development. In order to achieve its objectives, the research was carried out in two different women's correctional facilities in the state of São Paulo using two distinct procedures: one through field observation and field notes taken while visiting together with a religious institution and the other realized after approval from the State Penitentiary Administration's Ethics Committee, making use of field notes and audio recordings of 13 women. Information obtained through field notes and interview transcripts were used for analysis and two categories for analysis were established. After analyzing the results, it could be perceived that school, as it is organized within the women's penitentiaries studied, occupies a marginalized position with few investments, lacking teaching materials, adequate spaces and prepared teachers. In addition, another critical point is that a prison education has a lighter course load. In this way, the lack of motivation that women feel towards going to school can be related to their life histories, where education has occupied a peripheral position, generating little meaning for them, with work being historically more highly valued, and it can be inferred that the prison contributes to this lack of academic motivation due to its precarious infrastructure and the possibility for redemption which is still incipient and "disorganized". It was possible to verify that these women continue to be alienated at all times, demonstrating their objectives as being fiscal freedom instead of autonomy and emancipation. In this way, it is possible to note that the women only adapt to the ways of the prison without showing signs of resistance; what can clearly be seen in all of the women is a strong motivation to leave the prison and return to their countries, in the case of foreigners, and their families. Following this logic, work and education present themselves as being the main instruments for fighting against idleness. Finally, it can be perceived that a location destined for punishment cannot provide individuals with the possibility for "readaptation"/"resocialization", but instead is a place for the promotion of prejudices and barbarities, which, in the case of women, is potentized by the position women have historically occupied: they should be affable, docile and, above all, submissive. In this way, it can be verified that the identity of the imprisoned women is tangled up in their own and society's prejudices, since they are considered "incapable" of carrying out their duties (as mothers, women, wives). Their identities continue to be marked by the replication of the traditional, chauvinistic culture, accentuated by these women's attitudes towards life and the drug trade.

Key words: prison school, semi-development, women's prison, education and prison.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. APRISIONAMENTO E PROCESSO EDUCATIVO.....	13
1.1. A prisão e suas características.....	13
1.2. Educação na Prisão.....	20
1.3. Educação de Mulheres.....	27
1.3.1. Especificidades do Sistema Prisional Feminino e da Educação Escolar para Mulheres Presas	30
2. EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO E COMO FERRAMENTA DE COMBATE À VIOLENCIA.....	37
2.1. Indivíduo, Sociedade e Progresso.....	37
2.2. Formação Cultural.....	40
2.3. Semiformação.....	46
2.4. O Criminoso.....	49
2.5. Representação da Família e da Mulher na Sociedade.....	51
3. DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	55
3.1. Objetivos e hipóteses.....	55
3.2. Método.....	57
3.2.1. A Pesquisa e seus Impasses.....	57
3.2.2. Observações na primeira unidade prisional.....	61
3.2.2.1. Procedimentos.....	61
3.2.3. Entrevistas e observações do cotidiano escolar.....	62
3.2.3.1. Participantes.....	62
3.2.3.2. Procedimentos.....	62
3.3. Forma de Análise dos Resultados.....	64
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	65
4.1. Rotina e Organização Escolar.....	67
4.2. Trajetórias Escolares.....	71

4.3. Motivações Pessoais para frequência as aulas na prisão.....	74
4.4. (Im)Possibilidades de autonomia e emancipação.....	78
 4.4.1. Controle versus “vida melhor”	78
 4.4.2. Organização da instituição prisional.....	80
 4.4.3. Condição da Mulher.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
6. APÊNDICES.....	96
 6.1. Diário de campo da Unidade 1.....	96
 6.2. Diário de campo da Unidade 2.....	102
 6.3. Transcrição das entrevistas realizadas na Unidade 2.....	113

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade compreender as especificidades da educação dentro de instituição prisional, mais especificamente das penitenciárias femininas, além de entender o que motiva mulheres a prosseguir nos estudos e quais suas concepções de educação para, dessa forma, traçar a intersecção entre suas trajetórias escolares individuais fora e dentro da prisão.

A fim de verificar previamente a literatura existente na área, realizou-se levantamento bibliográfico em sites acadêmicos (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, *Scientific Electronic Library Online* - SCIELO, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED) e diversos bancos de dissertações e teses, por meio de descritores como: *educação de jovens e adultos e prisão*, *educação prisional*, *educação na prisão*, *penitenciária feminina e educação*, *mujeres presas e educación*, *educação de adultos na prisão*, *mujeres e educación prisional*, *motivação de mujeres presas*, *teoria crítica e educação*, *teoria crítica e prisão e semi-formação¹* e *prisão*. Os três últimos definidos em função de a presente pesquisa adotar a Teoria Crítica da Sociedade como referencial. Além desse levantamento, foi realizada pesquisa em sites oficiais (Ministério da Educação – MEC e Ministério da Justiça - MJ), com objetivo de mapear a legislação relacionada à educação de adultos na prisão, além da consulta em livros relacionados à temática e/ou ao referencial teórico adotado.

Como resultado desta pesquisa encontraram-se 12 teses/dissertações, 23 artigos, 11 textos em sites oficiais e 22 livros relacionados ao tema proposto, os quais serão citados no decorrer do texto. Entretanto, cabe ressaltar que esses números dizem respeito aos trabalhos utilizados na elaboração dessa pesquisa, sendo assim, não representam a totalidades de trabalhos ligados à temática.

Considera-se a temática educação e prisão relevante, pois se apresenta com poucos estudos do ponto de vista da investigação empírica no âmbito científico, bem como de análises pautadas na Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt). É importante ressaltar que aqui a educação escolar é concebida como via de mão dupla, esta constituída pela escola oferecida e pela maneira como é introjetada pelas alunas. Assim, entende-se escola como o local onde ocorre a educação no interior da prisão (constituída dos seguintes aspectos: rotina e organização escolar, conteúdos lecionados, materiais e recursos

¹ Embora haja diferentes formas de tradução da palavra alemã Halbildung, optou-se neste estudo pela utilização de semi-formação, termo utilizado na tradução para a língua portuguesa.

didáticos, bem como as especificidades que envolvem a educação no sistema prisional). Quanto àquilo que está relacionado com a introjeção pelas mulheres, considera-se a disposição das alunas ao estudo, o que, no caso desta pesquisa, foi analisado por meio da trajetória escolar anterior e atual, buscando compreender as diferenças, semelhanças e singularidades de cada experiência vivenciada pelo indivíduo (dentro e fora da prisão).

Dessa forma, tornou-se viável investigar os aspectos motivadores para a continuidade do processo de aprendizagem e a concepção educacional dessas mulheres, uma vez que um percentual muito pequeno de mulheres frequenta a escola, o que pode suscitar significativas contribuições para o meio acadêmico e para aperfeiçoamento da educação prisional, bem como aspectos que expressam como se organiza e se efetiva a ação educativa na prisão.

Além disso, considera-se relevante o estudo da temática educação e prisão com base no referencial da Teoria Crítica da Sociedade porque se considera que, diferentemente da educação para o combate à ideologia e para a formação de indivíduos autônomos, o que se vê, no ambiente carcerário, é uma educação que propaga a ideologia de que essa recebe a população carcerária de igual maneira como se realiza com a população em geral; o que não corresponde, pois a primeira possui carga horária reduzida, além das interferências da rotina institucional, tornando mais difícil uma experiência educativa que promova o desenvolvimento pleno das alunas. Outra questão relevante incide sobre a identidade da mulher na sociedade moderna, pois, embora existam modificações, vale ressaltar que esta “é produto social e reflexo do olhar do outro [...] a identidade é construída socialmente pelas práticas discursivas, cujo discurso é produto da cultura que a construiu” (VIERA, 2005, p.235).

Diante disso, pode-se considerar que a sociedade brasileira vê a mulher, além de responsável pela harmonia do lar, como provedora financeira, o que leva a pensar em qual identidade a mulher presa apresenta, uma vez que foi destituída destes dois papéis e é duplamente marginalizada. Assim, acredita-se que dar voz à esta população trará contribuições acadêmicas, sociais e políticas e que ouvir as mulheres presas possibilitará contato com as protagonistas dessa história complexa e repleta de tabus.

Assim, considerando-se os objetivos propostos para este estudo, os capítulos apresentados buscam delinear e estruturar a pesquisa a fim de levar o/a leitor(a) a envolver-se com a temática e visualizar o percurso realizado para a efetivação da pesquisa.

Dessa maneira, o texto se estrutura em seis capítulos. O primeiro capítulo – *Aprisionamento e processo educativo* – apresenta características das instituições prisionais tais como: o controle, a constante vigilância, a rotina administrada e uma breve discussão a respeito de sua função “ressocializadora”; além disso, visando à maior aproximação da

temática, será apresentado também, neste capítulo, um breve histórico da educação no interior das prisões, bem como a trajetória educacional das mulheres na sociedade e as especificidades educativas nas penitenciárias femininas, buscando assim, demonstrar os papéis sociais da mulher e as questões de gênero que perpassam sua entrada e posição no crime. Ademais, será discutido, sumariamente, as legislações pertinentes à área educacional na prisão, bem como o crescimento da população carcerária brasileira e o perfil da mulher presa.

No capítulo dois – *Educação como possibilidade de formação e como ferramenta de combate à violência* – serão discutidos conceitos frankfurtianos norteadores pela análise dos resultados da pesquisa, tais como os conceitos de: indivíduo e sociedade e suas interligações; formação cultural e semi-formação e as possibilidades e limitações para a educação para a emancipação; além disso discutir-se-á o que os autores discorrem a respeito do preconceito e do papel do criminoso na sociedade e, por fim, serão apresentadas as concepções dos frankfurtianos a respeito da família e sua constituição e mudanças históricas, como também o papel da mulher na sociedade.

O capítulo três discorrerá sobre o *Delineamento da Pesquisa*, expondo o percurso da pesquisa descrito no item *A Pesquisa e seus impasses*, o qual explicitará diversas alterações que ocorreram no projeto levando a pesquisa ao direcionamento aqui apresentado. Ademais, esse capítulo informa os objetivos e hipóteses do estudo; o método adotado e a descrição da duas unidades estudadas e suas peculiaridades e, finalizando-o, a expressar a forma como foram analisados os resultados.

No quarto capítulo, apresentar-se-ão os resultados e suas discussões pautadas na revisão da literatura apresentada nos capítulos um e dois. A análise dos resultados foi dividida em quatro categorias: *Rotina e Organização Escolar; Trajetórias Escolares; Motivações Pessoais para frequência as aulas na prisão e (Im)Possibilidades de autonomia e emancipação*, sendo essa última ramificada em três subcategorias: *Controle versus “vida melhor”, Organização da instituição prisional e Condição da Mulher*. As categorias de análise foram elaboradas e organizadas de modo a abranger os principais pontos das falas das entrevistadas e dos diários de campo, a fim de oferecer suporte para a conclusão da dissertação, exposta por meio das *Considerações Finais*, que trazem as possíveis contribuições da pesquisa para o meio acadêmico e social. Por fim, apresentam-se nos *Apêndices* os diários de campo das duas unidades estudadas e as transcrições das entrevistas na íntegra.

1. APRISIONAMENTO E PROCESSO EDUCATIVO

Este capítulo tem por finalidade apresentar alguns estudos ligados à temática da presente pesquisa, visando discutir o significado das instituições prisionais: seu lugar e efeitos individuais e sociais, a situação educacional da mulher nas unidades prisionais e na sociedade, além de discutir conceitos norteadores para análise teórica que será pautada na Teoria Crítica da Sociedade.

Dessa maneira, serão expostas, no decorrer do capítulo, informações colhidas, por meio do levantamento bibliográfico, o qual possibilitou a visualização de teses, dissertações, estatísticas, artigos e livros relacionados à temática da educação de mulheres presas. Cabe ressaltar que o critério para seleção dos textos foi o da similaridade com a temática do presente estudo e não pelo uso da totalidade de trabalhos existentes.

Assim, considerando que tanto pesquisas acerca do sistema penitenciário como as que estudam a educação nesse ambiente são recentes no mundo acadêmico, podem-se considerar alguns autores como referência. Dentre eles, salientam-se os estudos clássicos sobre prisão de Michael Foucault (2002; 2009), que levantam o histórico da prisão e sua função social, e de Erving Goffman (2010), que cunha o conceito de instituição total, bem como relata os efeitos psicossociais da prisão. Outro autor-referência nos estudos prisionais é Loïc Wacquant (2001; 2008), que trabalha, principalmente, questões relacionadas à criminalização da pobreza.

Dentre os estudiosos atuais e brasileiros sobre a temática, um dos autores de referência é Sérgio Adorno (1984; 1987; 1991), que vem estudando o homem aprisionado, seus estigmas e as políticas penitenciárias; fato que contribui para a compreensão do sistema penitenciário. Ademais, alguns autores têm se destacado em relação à temática, o que resultou na confecção de dois livros relacionados à educação e prisão, discutindo as peculiaridades que envolvem a vida no interior dessa, sua rotina e, sobretudo, buscando compreender o lugar ocupado pela educação nesta instituição (ONOFRE, 2007; LOURENÇO; ONOFRE, 2011).

Dessa maneira, é possível notar que estes autores, além de contribuírem para o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema, oferecem subsídios para o aprofundamento das análises da situação prisional.

1.1. A prisão e suas características

Quanto à constituição da instituição prisional, estas:

surgiram no século XVI na Europa e, no século XIX, foram disseminadas pelo mundo todo. [...] No caso específico do Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, vão surgir em São Paulo estabelecimentos que vão originar as prisões tal como as conhecemos (MOREIRA, 2007, p.28-29).

Como relatado na introdução deste capítulo, um dos autores clássicos que discorre a respeito do surgimento das prisões é Foucault (2002). Para o autor, a prisão tinha como função acabar com a punição corporal. Deixa-se de aplicar os suplícios, acreditando-se que seria necessária a punição da mente, tirando assim, o indivíduo criminoso do convívio com a sociedade para que pudesse, na prisão, refletir sobre seu crime e, assim, tornar-se um indivíduo dócil e útil (FOUCAULT, 2002). É importante ressaltar que, segundo Foucault (2009), a prisão, como descrita, teoricamente seria destinada à transformação e reabilitação dos indivíduos na sociedade; no entanto, o que foi constatado por ele é que as prisões acabaram por se tornar depósitos de criminosos. Dessa maneira, relata que seu fracasso:

foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou aprofundá-los ainda mais na criminalidade (FOUCAULT, 2009, p.131-32).

Assim, considera-se que até aproximadamente o século XVIII não havia, na prisão, o objetivo de ressocialização, pois esse ambiente se relacionava apenas à ideia de punição e depósito de pessoas à espera dos suplícios. Todavia, com o surgimento do Panóptico², entre 1780 e 1820, “a prisão assume uma tripla função: punir, defender a sociedade isolando o malfeitor para evitar o contágio do mal e inspirando o temor ao seu destino, corrigir o culpado para reintegrá-lo à sociedade, no nível social que lhe é próprio”. (PERROT, 1988, p.262). Funções estas reproduzidas fielmente pela legislação brasileira (BRASIL, 2010).

Outro autor de destaque nos estudos sobre prisão foi Goffman (2010), que conceituou e descreveu, a partir de pesquisa de campo, uma série de características das denominadas instituições totais, as quais são definidas como: “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (GOFFMAN, 2010, p. 11).

Diante disso, o autor passa a analisar as transformações sofridas pelo indivíduo ao viver cindido da sociedade. Dentre as características descritas por ele, optou-se explorar neste trabalho, brevemente, dois deles: a mortificação do eu e a morte civil.

² Estrutura arquitetônica criada Jeremy Bentham, com finalidade de exercer um papel de controle social sobre os indivíduos. Trata-se de um edifício com várias celas, construído em formato circular, com um pátio no meio e uma torre ao centro. As celas podem ser vigiadas tanto do lado interno do prédio quanto pela parte externa, pois seu projeto foi elaborado de modo a permitir que o espaço seja inteiramente observável. (Fonte: <http://peramblogando.blogspot.com.br/2009/09/o-que-e-o-panoptico.html>).

Quanto à primeira característica, Goffman (2010) descreve que o interno ao adentrar, no caso, na prisão, é destituído de tudo que remeta ao meio externo, sendo forçado a vestir-se conforme exigido pela instituição, seguir regras e horários pré-definidos, ou seja, perde sua autonomia e sua liberdade de ir e vir, fica condicionado a barreiras institucionais; além das regras ditas “oficiais”, os indivíduos se sujeitam também às de boa convivência, sendo muitas vezes reprimidos pelo grupo, forçados a tomar atitudes que não gostariam e, muitas vezes, ficam expostos a humilhações.

Com isto, o sujeito vai gradativamente, por meio da aculturação institucional, tendo seu eu mortificado, levando-o a perder seus papéis sociais, tais como o de pai e mãe, passando a ser denominado como um número e muitas vezes por apelidos. Alguns desses papéis poderão ser recuperados ao retornar ao meio externo, enquanto outros como, por exemplo, “o tempo não empregado no progresso educacional e profissional, no namoro, na criação dos filhos” (GOFFMAN, 2010, p.25), podem não se restituírem, constituindo a denominada morte civil.

Todavia, cabe ressaltar que, além dos exemplos citados pelo autor, pode-se considerar que os indivíduos encarcerados, ao saírem da instituição total, passarão por um processo de reintegração social, não apenas no sentido de readaptação às rotinas objetivas, mas também por readaptação subjetiva e social, frente à qual enfrentará o que poderíamos considerar uma re-mortificação, uma vez que terá que “matar” o eu imposto pela prisão, a fim de ser aceito novamente na sociedade, tentando minimizar o preconceito – o que será discutido adiante – sofrido pelo egresso do sistema penitenciário.

Segundo o roteiro de contribuições de autores de referência, Sérgio Adorno (1984), ao discutir a questão do egresso penitenciário e sua estigmatização, assevera que:

a condição de vida do egresso penitenciário parece por si só evidente. Portador de uma “identidade virtualmente deteriorada”, constituída no curso de um projeto de vida em que a situação de inferioridade e desigualdade social pode significar um ponto de partida, o cotidiano marcado pelo contato permanente com a polícia e com a justiça significa um trânsito necessário e o acesso à prisão uma lógica irreversível; ele vivencia a experiência mais cruel de sua condição de subalterno, justamente ao retomar seus direitos civis (ADORNO et al., 1984, p.103).

Isso se deve ao fato do(a) egresso(a) sair da prisão carregado(a) de manias institucionais (postura, gírias etc.) e, principalmente, ao estigma social sobre a questão penitenciária; o indivíduo se vê diante do preconceito e da perda de parâmetros da sociedade extra-muros. O(a) egresso(a) da prisão deverá viver em uma sociedade que dificilmente lhe oferecerá ajuda, o que, muitas vezes, contribui para a reincidência e, quando ocorre, é comum a culpabilização do indivíduo, pois, se não conseguiu um emprego, foi por não se esforçar ou por não ser capacitado, entre outras “justificativas” criadas, deixando de lado que esse

indivíduo tem uma trajetória institucionalizada e que, em decorrência disso, foi colocado à margem e será continuamente estigmatizado e alvo de preconceitos.

Adorno e Fischer (1987), discorrem sobre os problemas carcerários, constantemente discutidos por estudiosos da área e conhecidos socialmente, tais como: superlotação, falta ou deficiências nas assistências laborais, educacionais e jurídicas, além da hostilidade e violência existente nas prisões, seja por parte dos funcionários com os encarcerados, seja entre os internos. Problemas estes que, passados 25 anos desde o texto de Adorno e Fisher, persistem como descrito adiante e explicitado pela situação carcerária atual.

Assim pode-se questionar: quais as possibilidades de ressocialização oferecidas pelas prisões? Frente a este questionamento, é possível considerar que, devido ao descaso em relação ao sistema prisional, as possibilidades da chamada ressocialização, quando existentes, reduzem-se à implantação de oficinas de trabalho e/ou escolas prisionais. Entretanto, será que essas medidas são efetivas ou servem apenas para ocupar o preso? A fim de expandir essa discussão, será apresentado um panorama geral de como se instituiu a chamada “possibilidade de ressocialização”.

Adorno e Fischer (1987) escrevem sobre a evolução das políticas de segurança e penitenciária, em São Paulo, desde a década de 1920, com a construção da Penitenciaria do Estado. Apontam que o desenvolvimento das leis pouco se alterou, uma vez que desde a década de 1950, quando houve alterações legais, as políticas prisionais são praticamente voltadas apenas para a construção de novas unidades e ampliação das vagas. Diante do explicitado pelos autores, é possível notar que atualmente essa política de encarceramento continua prosperando, já que é comum, principalmente, em épocas de eleição, ouvir-se muitas propostas e promessas voltadas à segurança pública, com aumento de frota policial e de punições mais rígidas aos “infratores”.

Entretanto, muitas vezes a realidade punitiva, socialmente consentida, é negada pela ideia emblemática da prisão ressocializadora, o que, dada as condições precárias da maioria das instituições prisionais, ainda se constitui como um discurso ideológico pautado no trabalho/escolarização/assistência (social e jurídica).

Cabe discutir fatores que contribuíram para a constituição da ideia de prisão ressocializadora, uma vez que, como descrito, em suas origens, possuíam objetivos distintos. Assim, um dos fatores para a inserção do trabalho e da educação no ambiente prisional é que, com o passar dos anos, estes ganharam caráter terapêutico, fato que, para Carlen (2007, p.1007-08), não é possível, pois “quaisquer tentativas de terapêutica isolada em diminuir o sofrimento da prisão serão inevitavelmente minadas pelo contexto de punição

e encarceramento”, ou seja, um ambiente voltado à reclusão do indivíduo e à privação de sua liberdade não pode simultaneamente punir e ressocializar:

e apesar de muitos governos pretenderem dizer-nos o contrário, a prisão está, em primeiro lugar, essencialmente organizada para punir os excluídos, controlando-os de forma segura durante o período de tempo definido por um tribunal. Independente de outras funções que as prisões possam ter, a única característica comum a todos os sentenciados à prisão é a de terem sido condenados por um crime que é punido (CARLEN, 2007. p.1009).

Outro fator relevante, além da ideia terapêutica, que levou ao investimento em trabalho e educação no sistema prisional foi o avanço do capitalismo que, como descreve Cunha (2010), pauta-se na economia e no aumento das riquezas materiais, o que leva a ampliação tecnológica e o bem-estar de uma seletiva parcela da sociedade. Com isso, a sociedade capitalista aumentou a pobreza e a marginalização social, uma vez que a ascensão econômica beneficiou apenas uma pequena parcela populacional (ADORNO et al., 1984). Cunha (2010) relata o efeito desumanizador do capitalismo, pois este reduz:

a participação da maioria da população trabalhadora tanto no que se refere à disponibilidade de trabalho como ao usufruto dos bens produzidos, produz marginalização social e miséria. Essa classe marginalizada busca, de diferentes formas, estratégias de sobrevivência, o que nem sempre está em consenso com a ordem social estabelecida [...] A desumanização do trabalhador provocada pela sociedade e seu sistema capitalista de produção, onde o principal objetivo é o acúmulo de riqueza a qualquer custo, traz para essa mesma sociedade conflitos de ordem econômica, social, política, cujas principais expressões são a violência e o medo (CUNHA, 2010, p.159).

Considerando a relação feita entre crime e pobreza é importante ressaltar o estudo realizado por Wacquant (2001), que relata a cultura de aprisionamento do pobre, tanto nos Estados Unidos como na Europa, salientando a doutrina da “tolerância zero” que, entre outras coisas, serve para legitimar o poder policial, judiciário e a criminalização da miséria, pois, por meio desta ideologia, dissemina-se a noção de que somente pobres cometem crimes e que, além de influência da miséria, há também a questão étnica, pois a maioria dos que cometem crimes seria negros. Frente a isso, o que vemos é a propagação de uma cultura preconceituosa e “determinista” com relação à população marginalizada, que é justificada pela “necessidade” de guerra ao crime, expressão que, segundo Wacquant, seria:

inapropriada sob três aspectos, retóricos tanto quanto materiais. Em primeiro lugar, guerras são empreendidas por militares contra inimigos externos da nação, enquanto o combate ao crime, independentemente do quanto duro seja, envolve órgãos civis que lidam com cidadãos e detentos protegidos por uma série de direitos e que, ao invés de serem expulsos ou aniquilados, são reintroduzidos na sociedade após um período em custódia penal. Segundo, a chamada guerra declarada por autoridades federais e locais nunca foi empreendida contra o “crime” em geral. O alvo na verdade eram determinadas categorias de ilegalidades cometidas em um setor bem definido dos espaços físico e social: basicamente crimes de rua cometidos em bairros de classes desfavorecidas e segregadas das metrópoles norte-americanas. Terceiro, e mais importante: o açãoamento da luta contra o

crime serviu tão-somente como pretexto e trampolim para uma reformulação do perímetro e das funções do Estado, que resultou no enxugamento (downsizing) do seu componente de welfare e no inchaço (upsizing) dos seus setores policiais, jurídicos e correcionais (WACQUANT, 2008, p.10).

Outro fator relevante levantado por este autor é a diminuição da taxa de desemprego nos EUA em decorrência do aprisionamento da população mais pobre, pois esta trabalha predominantemente no mercado informal, assim, ao aprisioná-la, o desemprego “diminui” e em contrapartida há o crescimento do:

emprego no setor privado de produtos e serviços carcerários, um setor com altas taxas de empregos precários e rotatividade, e que cresce paralelamente à privatização da punição (já que a fonte da “competitividade” das empresas correcionais são os salários incrivelmente baixos e os benefícios insuficientes concedidos ao seu quadro de empregados) (WACQUANT, 2008, p.11-12).

No entanto, o que se vê frente a este encarceramento em massa da população pobre é que, a médio e longo prazos, aumenta o número de trabalhos informais, pois após a saída da prisão, dificilmente o indivíduo é aceito formalmente em um emprego, em decorrência de seu passado.

Contudo, em contrapartida à ideia da associação entre criminalidade e miséria, Cunha (2010) ressalta que a classe mais abastada, como ela denomina, também comete crimes, mas:

não são penalizados, pois esta possui recursos para sua defesa. A prisão hoje é uma instituição de criminalização da pobreza, uma vez que somente aquele que não possui conhecimento e recursos materiais para se defender é que acaba penalizado, muitas vezes com sentenças e julgamentos tardios e medidas punitivas severas à natureza (CUNHA, 2010, p.175).

Assim, observa-se que, com o aumento das desigualdades sociais, há o aumento da exclusão social e de subempregos que desumanizam o trabalhador em prol do aumento da riqueza dos detentores do capital, além disso, com a ascensão desse modelo econômico, a busca pela sobrevivência e saída da marginalização contribuíram para o aumento da violência que, consequentemente, ampliam o número de estabelecimentos prisionais (ADORNO et al., 1984; ADORNO; FISCHER, 1987; CUNHA, 2010). Ainda sobre a tendência de aprisionamento da camada marginalizada da sociedade, Moreira (2007, p.31), assinala que “fica evidente uma política higienista [...] com vistas a *manter limpo* o ambiente urbano para a circulação daqueles considerados *cidadãos de bem*”. Fato diretamente relacionado a questões econômicas implicadas.

Para outra autora:

entre as principais medidas de cunho violento do Estado no “combate” aos excluídos, estão a criminalização dos movimentos sociais e a política de encarceramento em massa. Essa monopolização da violência pelo Estado torna o controle e a repressão da sociedade cada vez mais legalizada e

violenta, num movimento em que, a repressão emerge como atividade essencialmente estatal (MASSARO, 2011, p.33).

Diante do panorama de crescimento do capitalismo e da população prisional, Cunha (2010, p.164) verificou “que, no decorrer da história, o tratamento dado aos presos e presas esteve atrelado ao modelo social vigente, ou seja, os suplícios deixam de ser necessários a partir do momento em que o infrator passou a ser considerado uma possibilidade de mão de obra”. Assim, constata-se que os olhares humanizadores se voltam à prisão apenas no momento em que se vê nesse local a possibilidade de funcionar em prol do capitalismo. Claro que, paralelo a esse fato, há a preocupação com a humanização da pena, por meio da discussão sobre direitos humanos, principalmente após a Revolução Francesa: muitos setores sociais “passaram a cobrar das autoridades a redução da arbitrariedade e a humanização das penas” (CUNHA, 2010. p.164).

A prisão passa, então, a ter “a função de modificar os condenados em seu foro mais íntimo, fazendo com que estes retornem ao convívio social teoricamente ressocializados e reeducados” (CUNHA, 2010. p.165).

Frente ao discutido, brevemente, pode-se notar que tanto o processo de avanço do capitalismo como a tendência “atual” de marginalização da pobreza e encarceramento em massa incidem sobre a desigualdade, como discutido por Oliveira (2003). O autor apresenta uma mudança que marca a sociedade brasileira:

[...] toda a transformação ocorrida fundou outra desigualdade, qualitativamente diferente sobretudo quando vista sob a ótica da liberdade, e quantitativamente maior se observadas as distâncias entre os muito ricos e os muito pobres. Mas a nova diferença quantitativa obriga os dominados a um esforço descomunal para superá-la, o que introduz uma nova qualidade na desigualdade, que, se já não é a completa ausência de liberdade, é a quase completa ausência de horizonte de superação. De fato, embora continuemos a ser uma sociedade racista, na semântica social e nas relações sociais o escravismo foi superado. Mas superar a desigualdade capitalista supõe poder superar o próprio capitalismo, o que é uma tarefa de titãs. (OLIVEIRA, 2003, p.10).

Em face a essa situação, é possível inferir que vivemos num constante e naturalizado estado de exceção, como discutido por Oliveira (2003), pois políticas higienistas e de encarceramento, que eram consideradas exceções, hoje são extremamente naturalizadas; prendem-se e se deixam presas pessoas que cometem pequenos delitos, para os quais outras medidas poderiam ser tomadas sem a privação da liberdade e dos demais direitos, fato que constitui a institucionalização da exceção.

É importante salientar que o passado colonial e escravocrata ainda guarda seus vestígios na sociedade brasileira da atualidade, principalmente relacionados à transição do escravismo para o capitalismo. Quanto ao trabalho, observa-se que, historicamente, foi a tentativa de torná-lo o mais duradouro possível, a fim de aproveitar o máximo a mão-de-obra

negra. Em relação ao trabalho oferecido nas penitenciárias, é possível pensar que este se assemelha ao trabalho escravo, pois, fazendo uma analogia ao escrito por Schwarz (2001, p.63), “é preciso espichá-lo, a fim de encher e disciplinar o dia do escravo. O oposto exato do que era moderno fazer”. Também em relação ao trabalho oferecido aos detentos, Wacquant (2008) ressalta que este evoca uma situação de escravidão penal, pois submete o preso a um trabalho precário, mal remunerado e que dificilmente o empregará fora da unidade penal. Além disso, constata-se que os trabalhos exercidos pelos presos são em sua maioria obsoletos em relação à sociedade extramuros, ou seja, o que o preso aprende como profissão dentro da prisão não é viável, é corriqueiro fora da prisão, levando, assim, a autora a considerar que, como o faz outro autor brasileiro: o “trabalho de presos assim como é conhecido passa a ser uma alternativa a despender o tempo e conquistar alguma remição dos dias na prisão” (FAVARO, 2008, p. 226).

Dessa maneira, o que se vê na sociedade brasileira é uma tendência à reprodução de certos traços históricos, o que, em certo sentido, viabiliza a continuidade da violência, da tortura, da militarização dos espaços públicos e, consequentemente, fortalece a política de encarceramento em massa.

Após essa breve caracterização do campo estudado, cabe apontar que uma possível melhora no sistema penitenciário brasileiro depende de atuação política; esta, por sua vez, depende de diversas iniciativas e, sobretudo, de reflexões e ações em prol da dignidade humana. Aqui cabe perguntar: será que as autoridades políticas estão interessadas na humanização das prisões? Ora, a resposta parece ser não, uma vez que desde os escritos de Sérgio Adorno, na década de 1980, pouca coisa parece ter mudado; as instituições prisionais continuam em situações insalubres, o trabalho e o estudo são precários, o preconceito e a não aceitação do(a) egresso(a) prosperam e as condições econômicas e sociais que contribuem com a criminalidade persistem. Dessa maneira, é possível pensar que é mais fácil e mais cômodo continuar a investir em uma sociedade movida pelo medo e pela insegurança de que em uma igualitária e, principalmente, humana.

1.2. Educação na Prisão

Como discutido anteriormente, a prisão era um ambiente destinado à contenção (detenção); não existiam propostas voltadas à reinserção do encarcerado na sociedade, fato que se desenvolveu após a introdução de programas direcionados ao treinamento profissional dos aprisionados. Segundo Perrot (1988), não havia projetos no interior da prisão, pois se acreditava que a detenção por si só levaria o indivíduo a refletir e mudar seus

comportamentos, contudo, observou-se que o número de reincidentes se manteve e a transformação dos presos não ocorria, constatando, assim, o fracasso da instituição prisional, o que ocasionou a inserção da educação nas prisões.

Em relação a temática educação prisional, Santos (2005) descreve que esta foi iniciada no sistema penitenciário brasileiro na década de 1950. Após a inserção da educação nas instituições prisionais, no Estado de São Paulo, ela passa para a responsabilidade da Secretaria da Educação, sendo executada por professores comissionados (SANTOS, 2002; SANTOS, 2005; MOREIRA, 2007). Entretanto, a escola na prisão seguia os mesmos procedimentos adotados para crianças e adolescentes do ensino regular, não fazendo parte da suplência instituída em 1971.

Em 1979, a Secretaria de Educação deixa de administrar a educação carcerária; com isto, tentou-se transferir a educação para a responsabilidade dos agentes penitenciários, fato que logo foi deixado de lado, pois as rotinas escolares não condiziam com a rotina da instituição; em seguida, optou-se por recrutar educadores na própria instituição carcerária, para, somente, em meados da década de 1980, a educação prisional ser delegada à Fundação de Amparo ao Preso (FUNAP) (SANTOS; 2002; MOREIRA, 2007).

Todavia, após estas modificações no sistema educacional na prisão, observa-se que a possibilidade de educação prisional:

tem sido desperdiçada, devido aos múltiplos limites impostos pela dinâmica de funcionamento da prisão, pelos problemas estruturais e de gestão e por limites na atuação dos educadores e educadoras, que muitas vezes têm uma prática que faz da escola apenas mais uma engrenagem da máquina prisão (MOREIRA, 2007, p.49).

Verificou-se que alguns dos estudos de educação na prisão objetivam investigar o funcionamento e o papel das escolas dentro das unidades prisionais, bem como a função educacional no processo de ressocialização (ONOFRE, 2009; 2011; PENNA, 2007; 2011; ARAÚJO, 2005; LOURENÇO, 2005; JULIÃO, 2009). Além disso, há pesquisas que apresentam como foco a análise das políticas públicas voltadas à educação penitenciária (JULIÃO, 2003, 2009; MOREIRA, 2007). Encontrou-se, também, trabalhos relacionados ao funcionamento da FUNAP, com as políticas educacionais e seu papel na ressocialização (MOREIRA, 2007; FAVARO, 2008).

É importante destacar que alguns dos estudos consideram, assim como a pesquisa relatada aqui, o olhar do preso e sua interpretação sobre educação na unidade prisional (SANTOS, 2002; SILVA, 2004); entretanto, cabe ressaltar que são poucos os estudos que trabalham com o referencial teórico adotado na presente pesquisa, fato que a diferencia das já realizadas.

Ao se falar em educação, considera-se que esta deveria possuir como objetivo promover o indivíduo em prol da formação cultural - conceito que será discutido adiante - levando-o a transformar o ambiente em que vive, no entanto, ao considerar a educação prisional, esbarra-se em diversas questões: qual a finalidade da ação educativa dentro do ambiente carcerário? A fim de responder a questão, evoca-se alguns estudos que incidem sobre o tema.

Para Onofre (2009) e Carlen (2007), as possibilidades de superação do ambiente punitivo e repressivo, a fim de constituir um espaço educativo, encontram-se limitadas, pois, como discutido anteriormente, há muitas dificuldades em atribuir aspectos positivos a um local considerado por essência arrebatador do indivíduo e de seus papéis sociais.

Contudo, para Moreira (2007, p.46), a educação na prisão ganha outros significados:

por mais paradoxal que possa parecer, devido às condições que a prisão apresenta serem mais propícias ao castigo e à humilhação, uma parcela cada vez maior da sociedade espera da prisão uma eficácia que nenhum outro setor ou instância dessa mesma sociedade (família, escola, etc.) teve quando era de sua responsabilidade educar: reabilitar jovens e adultos presos para que se tornem cidadãos úteis, produtivos e conscientes de suas responsabilidades sociais.

Retomando os escritos de Perrot (1988, p.238), a questão educacional na prisão envolve:

uma tripla muralha que cerca os prisioneiros: em primeiro lugar, o analfabetismo sempre mais acentuado que o da população total. No entanto, no último quartel do século XIX, a difusão da instrução modifica as relações dos prisioneiros com a escrita. [...] um segundo e temível obstáculo: ela recusa a palavra e esconde o escrito, quando não o destrói, nos obscuros arquivos que só podem ser abertos após um século. Por fim, a vergonha social, o estigma infligido pela prisão recalcam o testemunho.

Ao tratarmos de políticas relacionadas à educação no sistema penitenciário, visando compreender a relação da educação realizada nas prisões com a “ressocialização”, constata-se que há precariedade nas escolas da prisão, tanto no que se refere à estrutura física como no referente às atividades e procedimentos realizados (ausência de metodologia). Notou-se também a precariedade da formação dos educadores, os quais deveriam ser devidamente treinados e formados continuamente pela FUNAP, pois, como descrito por Moreira (2007), esta instituição, como representante do Poder Público, demonstra que não tem como suprir as necessidades humanas e financeiras para uma política educacional de qualidade.

Dessa forma, embora existam escolas no sistema penitenciário, são inexistentes políticas públicas educacionais que atendam a realidade das unidades carcerárias, além disso, constatou-se que as atividades desenvolvidas (educação e trabalho) não visam à promoção da cidadania, mas simplesmente à terapia ocupacional ou passatempo, a fim de combater a ociosidade e, embora estas atividades existam nos presídios há décadas, não

há ações e projetos voltados a esta realidade, não havendo regulações específicas para essa modalidade educacional. Opinião esta compartilhada por um conjunto de autores (JULIAO, 2003; 2009; ONOFRE, 2009; 2011; PENNA, 2007; 2011; ARAÚJO, 2005; LOURENÇO, 2005).

Quanto à influência do ambiente escolar no indivíduo preso, Onofre (2009) e Santos (2011) destacam que, ao invés de possuir papel transformador, a escola na prisão, apresenta como uma de suas funções, e talvez a de maior impacto subjetivo, o “achatamento” do indivíduo, impulsionando-o à adaptação à rotina da escola e à da instituição prisional, ocasionando, como já anteriormente discutido, uma identidade social deteriorada. O indivíduo é forçado a constituir uma nova identidade, a prisional, o que evidencia, mais uma vez, a falência da instituição prisional no quesito ressocialização.

A respeito da organização escolar, do ponto de vista do conteúdo, Leme (2011) apresenta alguns argumentos para justificar a necessidade de melhoria e instauração de políticas nessa área. Considerando a sala de aula como local onde se possibilita a construção de novos projetos e a compreensão e reflexão acerca do meio em que vive, assinala que, além de regulamentar a educação ofertada nas prisões, é de extrema importância que se leve em conta as especificidades de cada unidade prisional, a fim de se criar um espaço e um modelo curricular adaptável a cada ambiente, pois, sem isso, o que se tem é uma educação *para a prisão* e não uma educação *na prisão*.

Outro fato constatado em relação a escolarização nas prisões é que esta ocorre muitas vezes no mesmo período do horário de trabalho, fato que impossibilita muitos dos internos a frequentarem a escola. Sendo assim, nota-se que o binômio educação-trabalho não funciona como teoricamente deveria, uma vez que trabalho e formação apresentam-se desconectados, pois,

no âmbito da iniciativa privada, a responsabilidade social apregoada pelas empresas configura-se geralmente no plano formal, pois são poucas as que liberam o preso para frequentar as aulas, ficando clara a dimensão única do trabalho como produção. A contrapartida não há nem do ponto do acesso da escolarização nem do tipo de atividades que são desempenhadas nessas oficinas (FAVARO, 2008, p.228).

Ademais, outros pontos possíveis de melhoria são: em relação ao material didático, o qual é precário e/ou até inexistente em alguns locais e o tempo de permanência na escola que deveria ser equivalente ao período regular, fatos que dificultam o desenvolvimento da educação escolar e evidenciam que:

[...] a escola, que teoricamente seria um veículo de mobilidade social, não surte os efeitos esperados. Currículos tradicionais, aliados a um quadro de professores que, aparentemente, não estão treinados para o desempenho de suas tarefas, jamais provocarão atitudes positivas por parte dos internos (LEMGUBER, 1999, p.49).

Ainda a respeito das contradições nas unidades prisionais, Lourenço (2005, p.131) encontrou:

de um lado, a privação da liberdade, a exclusão social, o estigma, o desvio, as celas, os muros, a rígida disciplina, a submissão quase que completa do homem encarcerado. De outro, o “sonho” da humanização das prisões, das políticas públicas destinadas à população reclusa.

Quanto à formação do professor, Moreira (2007), notou que poucos professores relatam ter recebido formação, e, quando esta existiu, assemelhava-se mais a um treinamento do que a uma formação propriamente dita. Diante disso, nota-se que estes professores sentem necessidade no que se refere ao aprimoramento de sua formação, fato que seria relevante para a melhoria da qualidade da educação oferecida em instituições de privação de liberdade.

Assim, o que se vê, a partir das informações apresentadas, é uma constante desvalorização da educação prisional, vista como ineficaz, como perda de tempo, colocando em dúvida a possibilidade de ressocialização do preso. Para Araújo (2005), um dos fatores que contribui para a desvalorização da educação escolar decorre de ser vista como um apêndice, ou seja, se for possível, é realizada; se não for, é deixada de lado, pois a preocupação principal é com o controle, disciplina e vigilância dos presos. Frente a isso, a educação dentro da prisão deveria “ser diferenciada, assim como diversificado é o contingente carcerário, e ser capaz de suprir as deficiências educacionais, psicológicas, conceituais e, também, morais dos educandos” (SERRADO JUNIOR, 2009, p.96).

Considerando a estrutura precária e deficitária que a escola prisional em sua maioria apresenta, é importante refletirmos a respeito das motivações do sujeitos que a frequentam. Amorim (2001), ao investigar o presídio com seu olhar voltado para o preso e sua interpretação da educação escolar, verificou, assim como (ONOFRE, 2009; 2011; PENNA, 2011), motivações como a possibilidade de evitar o retorno ao crime, como local de refúgio do cotidiano institucional, por ser algo que parece “benéfico” frente aos dirigentes e à sociedade, entre outros.

Um outro ponto importante em relação a educação prisional e aos alunos diz respeito à expectativa que estes criam com a educação escolar e as possibilidades extramuros, todavia, muitas vezes, as expectativas nutridas pelo indivíduo encarcerado caem por terra, uma vez que, ao sair da prisão, encontra-se desprovido de seus papéis sociais (morte civil) além de lidar com preconceitos, situações que os colocam numa posição de risco da reincidência (ONOFRE, 2009).

Visto que a educação escolar na prisão é descrita como caótica, desorganizada e com dificuldades físicas para se instituir, uma possibilidade apresentada por Campestrini (2002) é

a da Educação a Distância (EAD) nas instituições prisionais, considerando essa modalidade de ensino como meio de “inclusão e permanência dos jovens e adultos excluídos do processo educacional como forma de universalizar e democratizar o acesso à educação sistematizada” (CAMPESTRINI, 2002, p.16). Contudo, é possível questionar a viabilidade da implantação desse tipo de educação na prisão. Mas, a autora acredita ser possível a implantação de EAD nas prisões, uma vez que “pauta-se no princípio de maior acesso e condições da conclusão dos estudos básicos e diminuição do número de reeducandos que, ao retornarem à sociedade reincidam ao ‘mundo do crime’ pela falta da educação básica” (CAMPESTRINI, 2002, p.113). Dessa forma, propõe a inserção da educação a distância no presídio para que os encarcerados tenham acesso à educação básica considerada como requisito para o exercício da cidadania. Evidentemente, deve-se questionar se somente a oferta da educação a distância supriria a problemática educacional dos(as) encarcerados(as). Postula-se que não, pois, embora a EAD possa oferecer os conteúdos escolares, impede os indivíduos do exercício das relações sociais, fato que pode ser destacado como positivo, uma vez que, nesse ambiente, torna-se possível a quebra da rotina prisional, proporcionando saída dos pavilhões, “passatempo”, além de contribuir na avaliação criminológica para progressão da pena (ONOFRE, 2009; 2011; PENNA, 2007; 2011).

No que concerne à legislação, a Lei de Execuções Penais (BRASIL, 1984), determina no artigo 18 que “o ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa”. O estabelecido neste artigo é reafirmado na Resolução nº14/94, artigo 40: “a instrução primária será obrigatoriamente ofertada a todos os presos que não a possuam” (BRASIL, 1994). De outra parte, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) não especifica a educação de adultos presos. A respeito desse tema, o Plano Nacional de Educação, por meio da Lei 10.172 de 2001, expõe como objetivo “implantar, em todas as unidades prisionais e nos estabelecimentos que atendam adolescentes e jovens infratores, programas de educação de jovens e adultos de nível fundamental e médio, assim como de formação profissional” (BRASIL, 2001).

Posteriormente, por meio da Resolução nº03/2009, foram traçadas as Diretrizes para a oferta de educação nos estabelecimento penais (BRASIL, 2009), as quais foram atualizadas na Resolução nº02/2010, que estabelece, no Artigo 3, algumas orientações que a educação prisional deve obedecer. Dentre elas, cabe ressaltar as seguintes:

IV – promoverá o envolvimento da comunidade e dos familiares dos indivíduos em situação de privação de liberdade e preverá atendimento diferenciado de acordo com as especificidades de cada medida e/ou regime prisional, considerando as necessidades de inclusão e acessibilidade, bem como as peculiaridades de gênero, raça e etnia, credo, idade e condição social da população atendida; [...]

VII – contemplará o atendimento em todos os turnos;

VIII – será organizada de modo a atender às peculiaridades de tempo, espaço e rotatividade da população carcerária levando em consideração a flexibilidade prevista no art.23 da Lei nº 9.394/96 (LDB) (BRASIL, 2010).

Recentemente foi implantada no país a Lei 12.433/11, que altera a Lei de Execuções Penais de 1984 no que concerne a remição de um dia de pena a cada 12 horas de frequência escolar – “atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior ou, ainda, de requalificação profissional – divididas, no mínimo, em 3 (três) dias” (BRASIL, 2011a). Destaque-se também o Decreto nº 7.626/11, que institui o Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional; esse estabelece as diretrizes que o plano deve seguir, destacando, dentre elas, a descrita no Artigo 3º: “promoção da reintegração social da pessoa em privação de liberdade por meio da educação” (BRASIL, 2011b).

Frente ao brevemente exposto e considerando todos os problemas e ambiguidades, é possível notar, em relação à ideia de ressocialização, que a prisão ao invés de “devolver” à sociedade um “novo homem”, o que apresenta como resposta à privação de liberdade, “é um homem que sai da prisão destroçado em seus mecanismos físicos e morais, profundamente desadaptado, isto quando ela não o destrói” (PERROT, 1988, p.269). Pode-se observar também que, no que concerne à legislação voltada a população presa, as mudanças e garantia dos direitos, no caso o educacional, são relativamente recentes, o que traz ainda mais relevância para a temática abordada neste trabalho.

Por fim, apesar da ideia arraigada de que a educação traz a possibilidade de ascensão social, de fuga da marginalização e de saída do lugar de dominação, nota-se que tais expectativas em relação à educação muitas vezes não se efetivam. Propiciam ao sujeito que sonhe e acrede nessas possibilidades, mesmo que não existam para a maioria da população, ainda mais minimizadas quando se trata de presos. Dessa forma, o indivíduo passa por um assujeitamento histórico na ilusão de que por meio da aprendizagem deixará o papel de marginal, fracassado ou bicho/coisa (BAQUERO, 2001).

Por outro lado, considera-se que a educação escolar na prisão quebra, ainda que brevemente, a rotina prisional proporcionando um espaço onde é possível a diversificação de assuntos, trabalhando temáticas para além da questão do aprisionamento. Contudo não se pode esquecer que o espaço escolar se constitui também como parte do sistema repressivo, pois constantemente é vigiada, sendo frequente a passagem de agentes, além de ser utilizada como passatempo, a fim de eliminar, muitas vezes de qualquer forma, o tempo ocioso do preso.

1.3. Educação de Mulheres

Sabe-se que historicamente as mulheres ocuparam um lugar marcado pelo domínio e exclusão social e que, atualmente, ainda se encontram vestígios dessa exclusão e invisibilidade. Além disto, “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2007, p.17), no entanto, após anos de lutas e conquistas, muito foi alcançado, mas ainda há uma longa jornada para que igualdade entre os gêneros³ seja efetivada. Assim, torna-se possível e relevante abordar brevemente a história educacional das mulheres, utilizando textos de Michelle Perrot (2007), relacionados à realidade das mulheres na França e a obra organizada por Mary Del Priore (2000), além de textos mais contemporâneos sobre as mulheres no Brasil.

Segundo Perrot (2007), o acesso à educação pelas mulheres ocorreu de maneira tardia na França, pois o saber era considerado contrário à feminilidade. Contudo, com a Reforma Protestante, inicia-se certa ruptura com esse paradigma, pois,

ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela contribui para desenvolver a instrução das meninas. Na Europa protestante do Norte e do Leste espalharam-se escolas para os dois sexos. E constata-se na França, uma dissimetria sexual na alfabetização entre um lado e outro da linha Bordeaux/Genebra. A instrução protestante das meninas teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os性os e até sobre as formas do feminismo contemporâneo. O feminismo anglo-saxão é um feminismo do saber, muito diferente do feminismo da maternidade da Europa do Sul (PERROT, 2007, p.91).

No entanto, no decorrer do século XIX, a crença de que educação e feminilidade se opõem volta à tona, apresentando como justificativa “que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto à sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre portas perigosas do imaginário. Uma mulher culta não é uma mulher” (PERROT, 2007, p.93). Com o passar dos anos, chega-se à conclusão de que é necessário instruir as mulheres para que se tornem agradáveis e sociais, formando-se como mães, esposas e donas-de-casa. O objetivo era “incluir-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas” (PERROT, 2007, p.93).

Mesmo com alguns “avanços” na educação feminina, ainda não era possível ver mulheres frequentando a escola, o que vem a ocorrer nos anos de 1880, por meio da escolarização das meninas no primário e:

³ Para diferenciação entre sexo e gênero consultar: GARCIA, C. C. 2011. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Editora Claridade.

no secundário em torno de 1900; o ingresso de jovens na universidade aconteceu entre as duas guerras, e maciçamente a partir de 1950. Atualmente as jovens universitárias são mais numerosas que os rapazes. Efeito da modernidade, provavelmente: os homens desejam ter “companheiras inteligentes” (PERROT, 2007, p.94-95).

Contudo havia certa desconfiança frente ao ensino oferecido, pois as mulheres temiam sua desvalorização. “É por isso que as feministas da *Belle Époque* reivindicavam a ‘coeducação’ dos sexos, os mesmos programas e espaços que garantiriam uma certa igualdade” (PERROT, 2007, p.96).

Com o descrito por Perrot, nota-se que o caminho percorrido pelas mulheres até adquirirem essa coeducação foi longo, sofrendo muitas mudanças e restrições, fato que não ocorreu de maneira tão distinta no Brasil. Segundo LOURO (2000), desde meados de 1800, “Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada” (p.443). E em 1827 já existia legislação que determinava a existência de escolas de primeiras letras em todas as localidades do Brasil.

Mas a realidade estava, provavelmente, muito distante dessa imposição legal. [...] Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas e masculinas; escolas mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. [...] Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura (LOURO, 2000, p.444).

A partir do avanço industrial do século XIX e da crescente urbanização, com repercussões no Brasil, elevou-se “a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a a modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens” (LOURO, 2000, p.447). Assim, segundo a autora, em meados do mesmo século começaram a ser criadas as Escolas Normais. O objetivo era formar professores e professoras. “Mas tal objetivo não foi alcançado exatamente como se imaginava: pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens” (LOURO, 2000, p.449). Em decorrência dessa inserção da mulher nas escolas normais, observou-se no final do século XIX e início do século XX, os primórdios da chamada “feminização do magistério”, legitimando assim o lugar da mulher na educação, fenômeno este ainda predominante, uma vez que as mulheres representam cerca de 80% da força de trabalho relacionado à educação (ROSEMBERG, 2001).

Nota-se que as mulheres conquistaram a igualdade educacional nas últimas décadas, contudo, embora o acesso à educação esteja mais democratizado, ainda há distinções de

gênero, exemplo disso é que somente no ano 2000 é que as mulheres começaram a apresentar índices de analfabetismo inferiores aos dos homens, entretanto “em números absolutos, as mulheres ainda constituem a maioria dos analfabetos no país, apesar da diferença entre os sexos ter diminuído” (AÇÃO EDUCATIVA; CARREIRA, 2011, p.53). Embora, as mulheres venham apresentando maior média em anos de estudo que os homens, é importante salientar que as diferenças de gênero não findam, pois ainda é comum as diferenças salariais, muitas vezes no exercício do mesmo cargo, além disso, os maiores índices de desemprego predominam entre mulheres e negros “sendo as mulheres negras as que se encontravam em pior situação, apresentando uma taxa de desemprego de 10,8%, comparada a 8,3% para as mulheres brancas, 5,7% para os homens negros e 4,5% para os homens brancos” (AÇÃO EDUCATIVA; CARREIRA, 2011, p.57).

A partir das informações sumariamente apresentadas, pode-se considerar que, embora se tenham empreendidos esforços pela igualdade educacional de gênero, ainda há uma longa caminhada para que esse objetivo seja atingido de fato, pois o que se vê atualmente é uma desigualdade mascarada por uma pseudo-igualdade, uma vez que, oferecendo “acesso igualitário” a homens e mulheres, fortalece-se a noção meritocrática e, ao mesmo tempo, machista, pois se uma mulher consegue chegar a ocupar um cargo dito “masculino”, foi porque batalhou, superou todas as dificuldades; logo justifica-se sua posição com a interpretação de que se trata de exceção. Se, por outro lado, a mulher “fracassa”, não termina seus estudos ou termina e não apresenta “sucesso” profissional, é vista como incapaz, incompetente, colocada à margem, afinal “só podia ser mulher”.

Assim, cabe refletir até que ponto as desigualdades deixaram de existir. O que parece é que as desigualdades e preconceitos, seja quanto ao gênero ou quanto à etnia, foram e têm sido mascarados por uma onda do chamado discurso “politicamente correto”, no qual apodera-se da ilusão da não discriminação quando, na verdade, a sociedade sexista predomina nos acontecimentos cotidianos e corriqueiros. Frente a isso, estudar a temática proposta por este estudo, apresenta grande relevância, uma vez que aborda uma dupla discriminação: a situação de mulher e de criminosa e de indivíduos presos que frequentam a escola na prisão. As características peculiares dessas situações serão apresentadas a seguir.

1.3.1. Especificidades do Sistema Prisional Feminino e da Educação Escolar para Mulheres Presas

Como discutido, a mulher ocupou/ocupa no imaginário social a função familiar de “responsável por produzir a força de trabalho, internalizando normas e ideologias, tendo como papel principal a formação da personalidade dos filhos” (CUNHA, 2010. p.161). Além disso, “no universo das mulheres, pela construção social a que está sujeita a linguagem, geralmente são interditadas certas palavras relativas ao sexo e as partes genitais” (VIERA, 2005, p.222).

No entanto, com a ascensão do capitalismo, há mudanças nos papéis sociais e a mulher passa a participar do mercado de trabalho, o que a leva à sua maior inserção no meio social e aumento da escolarização. Um fato que contribuiu para o aumento das mulheres no mercado de trabalho tem ligação direta com a discriminação sofrida por elas, pois são vistas como inferiores ao homem; dessa maneira, tornam-se uma possibilidade viável ao capitalismo, pois se qualificam profissionalmente e são uma mão-de-obra mais barata. “Desse modo, a sociedade constrói, então, não só uma identidade social, mas também uma sexual, que pode ser reforçada em qualquer domínio da vida compartilhada, como nas relações afetivas, familiares, educacionais e profissionais” (VIERA, 2005, p.222).

A mulher é impulsionada pela necessidade de mão-de-obra e “pelo agravamento das condições materiais impostas pelo sistema capitalista às famílias, que, para sobreviverem, têm se reestruturado e lançado o maior número de membros no mercado de trabalho, inclusive mulheres” (CUNHA, 2010. p.161). Com isso, a mulher passa a ter uma dupla jornada de trabalho, pois, ao mesmo tempo em que necessita contribuir na composição da renda familiar e, também, prover o próprio sustento, também precisa suprir o papel social estabelecido para ela dentro da família, como supracitado.

Contudo, o que se percebe nos últimos anos é que tanto homens quanto mulheres sofrem consequências do “aumento do desemprego ou o fim da promessa de emprego pleno, aumentando a desigualdade e a exclusão” (CUNHA, 2010, p.162). Perante essas modificações sociais, Cunha (2010) assinala que há no cenário nacional aumento considerável da violência, fato que eleva a sensação de insegurança e impotência.

Com o aumento da violência há, consequentemente, o impulso para repressão e punição. “Assim, a restrição da liberdade apresenta-se como principal forma de punição e tratamento para os infratores nas sociedades atuais” (CUNHA, 2010, p.162).

A seguir, apresenta-se a Tabela 1, que expressa o crescimento da população carcerária no Brasil bem como sua divisão por sexo e suas respectivas porcentagens em relação a população total.

Tabela 1. População Carcerária no Brasil*

Ano	Mulheres	Homens	Total	% de mulheres em relação ao total	% de homens em relação ao total
2001	9.873	223.986	233.859	4,2	95,8
2002	10.285	229.060	239.345	4,3	95,7
2003	9.863	230.340	308.304	4,1	95,9
2004	18.790	317.568	336.358	5,6	94,4
2005	20.264	341.138	361.402	5,6	94,4
2006	23.065	378.171	401.236	5,7	94,3
2007	25.830	396.543	422.373	6,1	93,9
2008	28.654	422.775	451.429	6,3	93,7
2009	31.401	442.225	473.626	6,6	93,4
2010	34.807	461.444	496.251	7	93
2011	34.058	480.524	514.582	6,6	93,4

*Fonte: Ministério da Justiça – Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN)/ Sistema Integrado de Informações Penitenciárias - InfoPen – População Carcerária – 2001-2011.

Por meio da tabela acima, nota-se um crescimento considerável da população carcerária. Segundo dados da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD (BRASIL, 2010, p.9), “nos últimos nove anos (2000 a 2009), esse contingente aumentou 101,73%, saltando de 232.755 internos (dados de 2000) para 473.626. Em 2010, esse número subiu para 496.251, e fechou o ano de 2011 ainda mais alto, contabilizando 514.582 presos e presas.

Nota-se, também, o crescimento da população carcerária feminina em 11 anos: de 9.873 para 34.058, o que demonstra um aumento de 24.185 mulheres presas, em média 2.198 prisões por ano. Em termos gerais, pode-se afirmar que o crescimento da população carcerária feminina é maior do que a masculina. Enquanto, no período considerado, o número de homens preso aumentou em 120%, o de mulheres aumentou 245%.

Apesar do número de aprisionamento de mulheres ser inferior ao de homens, aproximadamente 6,6%, considera-se, a partir das ponderações expostas sobre a condição

da mulher na sociedade moderna, que são elas que sofrem maior estigmatização, pois perdem sua identidade feminina e passam por danos psíquicos que, muitas vezes, perduram por toda sua vida, uma vez que a “passagem pela prisão se associa ao sexismo⁴ e seus estereótipos, contribuindo para que o domínio do poder masculino prevaleça sobre as relações, reafirmando o sentimento de inferioridade e submissão feminina” (CUNHA, 2010, p.163).

Quanto a essa estigmatização, é possível afirmar, ainda, que a mulher encarcerada é duplamente marginalizada e discriminada: em primeiro lugar por ser mulher e, em segundo, por estar presa (DRIGO, 2010). Se é assim, a mulher encarcerada apresenta-se à sociedade como desqualificada e destituída de seus papéis sociais, ocupando outros:

tanto o da “louca”, “que não sabe se comportar”, “que arruma confusão” – insubmissa ao código disciplinador da prisão que admite e incita a violência, mas não tolera os protestos – como também o da “ignorante”, “que não conhece os direitos”, “desqualificada”. A prisão feminina é construída simbolicamente como um espaço onde não há organização, solidariedade, e embora menos violento (as rebeliões femininas são raras), é frequentemente associado a um tipo de desordem, atribuída à “incapacidade nata” das mulheres de conviverem pacificamente e segundo o regulamento vigente das cadeias (masculinas, diga-se de passagem) (TEIXEIRA, 2010).

Cabe ainda ressaltar que a mulher quando presa, além de ficar mais suscetível a discriminação social, na maioria das vezes, perde seus vínculos parentais, uma vez que as visitas às encarceradas são realizadas geralmente por pais e filhos, o que demonstra que os companheiros/cônjuges em geral ou também estão presos ou acabam abandonando sua companheira, fato que ocorre com menos frequência quando o encarcerado é o homem (LEITE, 2010; GRACIANO, 2010).

É possível notar, por meio dos dados apresentados pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) (BRASIL, 2011c), que a população carcerária feminina no Brasil é composta, em sua maioria – aproximadamente 40,8% – por mulheres jovens com menos de 30 anos; 36,9% são consideradas pardas. Quanto ao tempo de prisão, a maioria (22%), cumpre de 4 a 8 anos de prisão e quase 47% estão presas em decorrência do tráfico de drogas.

Diante dos dados descritos, nota-se que as mulheres, muitas vezes por necessidades econômicas ou por questões afetivas, por exemplo, acabam envolvendo-se com o tráfico de drogas ligado direta ou indiretamente ao parceiro/parceira, sendo usadas nos casos de

⁴ Sexismo é aqui entendido como sistema de poder, inferioridade/superioridade entre homem e mulher, que impede a relação de igualdade entre os sexos (CUNHA, 2010, p.176).

tráfico internacional como “mulas”⁵, portando uma pequena quantidade de entorpecentes, sendo frequentes os casos em que são denunciadas pelo próprio grupo, a fim de criarem uma situação de distração propícia ao tráfico de maior quantidade (CARREIRA, 2009; RODRIGUES; FARIAS, 2012; HOWARD, 2006).

Essas informações demonstram o quão subalterna é a inserção da mulher no crime, uma vez que seu envolvimento com o tráfico, por um lado, está atrelado às relações afetivas ou familiares, entretanto, por outro lado, é comum o relato de que, antes de serem encarceradas, estas mulheres eram, por diversos motivos, “chefe de família” que, devido às suas necessidades socioeconômicas e o baixo nível de escolaridade, acabam recorrendo ao tráfico como possibilidade de sustento familiar e sobrevivência (DRIGO, 2010; TEIXEIRA, 2010).

Além disso, frente às dificuldades vivenciadas no dia-a-dia da sociedade capitalista:

furtar, traficar sendo socialmente reprovados e juridicamente criminalizados, constituem práticas correntes de um processo de sobrevivência do cotidiano, em que falta o trabalho, a educação, e do qual a comunidade e o Estado estão ausentes, sem efetivamente aplicar políticas públicas de assistência, apoio e acompanhamento (RODRIGUES; FARIAS, 2012, p.18).

Outro ponto a ser salientado, em relação ao envolvimento de mulheres com o tráfico, é que esta não é uma realidade exclusiva do Brasil, uma vez que em outros países acontece o mesmo (Argentina, Colômbia e Espanha). A partir de estudos realizados nos países citados (CELS, 2011; PROCURADURÍA DELEGADA EN LO PREVENTIVO PARA DERECHOS HUMANOS Y ASUNTOS ÉTNICOS, GRUPO DE ASUNTOS PENITENCIARIOS Y CARCELARIOS, 2006; OLMOS, 2002), verifica-se o crescimento considerável da população carcerária feminina nas últimas décadas na América Latina (CELS, 2011; GIACOMELLO, 2010); ademais, é possível notar que os perfis das mulheres encarceradas são muito semelhantes, como descrito na tabela abaixo.

5 Nome dado às pessoas que conscientes ou não são utilizadas por traficantes para realizar transporte ilegal de entorpecentes.

Tabela 2. Perfil da População Carcerária Feminina*

País	Idade média das presas	Tempo médio de pena	Crime cometido
Argentina	26,4% menos de 30 anos	4 a 5 anos	68,20% relacionado a drogas
Colômbia	43,4% menos de 30 anos	Até 5 anos	43,48% relacionado a drogas
Espanha	45,12% menos de 30 anos	Informação não coletada	55,27% relacionado a drogas
Brasil	40,8% menos de 30 anos	4 à 8 anos	47% relacionado a drogas

*Fonte: Olmos, 2002; Cels, 2011; Giacomello, 2010; Procuraduría Delegada en lo Preventivo para Derechos Humanos y Asuntos Étnicos, Grupo de Asuntos Penitenciarios y Carcelarios, 2006; Ministério da Justiça – Depen/Infopen – População Carcerária – 2001-2011.

Assim, constata-se que, no geral, as mulheres presas são jovens, com menos de 30 anos, com exceção da Argentina, e em todos os países a maior parte dos crimes cometidos pelas mulheres estão relacionados ao tráfico de entorpecentes. Cabe ressaltar: o que fortalece a relação da mulher com o tráfico é que este:

é uma atividade que oferece benefícios econômicos sem perigo, e que não requer força física para seu desenvolvimento (envolvendo mulheres de toda condição social e idade). O tráfico diminuiu o destaque de outras atividades típicas como a receptação (venda de objetos roubados) ou o lenocínio. É socialmente aceito em determinados círculos sociais como meio lícito para obtenção de recursos (não considerado como um ato injusto contra a pessoa como ocorre em delitos contra a propriedade). A mulher se encontra frequentemente como responsável pela subsistência da família (mãe solteira/família monoparental). E a venda de drogas finalmente abre a porta para alívio econômico e para atender as despesas mais básicas, sendo indiferente a elas o objeto do crime, ou seja, poderiam vender qualquer produto, legal ou não, se economicamente mais rentável. Venda em pequena escala (em sua casa) é o último elo da cadeia de uma atividade compartilhada com os homens da família (marido, pai, filhos etc.) que fornecem regularmente. O contrabando em grande ou pequena escala é praticado por estrangeiras (principalmente da América do Sul e da África), ou por locais. Por um lado, as mulheres são utilizadas como correio de grandes organizações e, por outro, aumentam a população carcerária em nossas prisões (OLMOS, 2002, p.12)⁶.

Mais uma característica comum entre o encarceramento de mulheres em outros países e no Brasil é a chamada feminização da pobreza, que se encontra diretamente relacionada às sociedades capitalistas e competitivas e que “coincide com um momento de quebra da

6 Tradução livre da autora.

estrutura sócio-ocupacional, de grandes mudanças nas estruturas familiares" (CELS, 2011, p.25-26)⁷. Assim, observa-se esse fenômeno potencializado na América Latina, desde a década de 1990, quando a implementação de políticas econômicas e reformas estruturais modificaram as condições gerais da organização social do trabalho, somando-se a isso a precarização das situações de trabalho e a divisão sexual deste, o que afetou diretamente as mulheres mais pobres, mães e cada vez mais responsáveis pelo sustento familiar. Dessa maneira, é possível inferir que o avanço capitalista e industrial, bem como as diferentes constituições familiares, contribuíram para a inserção em massa das mulheres no crime, principalmente relacionado a drogas.

Em relação à questão educacional, o que se nota no Brasil e nos demais países analisados é que a população carcerária, em sua maioria, obtém baixo nível de escolaridade, menor ou equivalente ao ensino fundamental incompleto, o que pode estar diretamente relacionado à situação socioeconômica das mulheres encarceradas.

Ao adentrarem no sistema prisional, homens e mulheres, passam a se sujeitar a rotinas altamente administradas, abandonam seus papéis sociais e apenas constituem uma massa carcerária exposta a chamada "ressocialização" que visa "readaptar" o indivíduo "errante" à sociedade. Em se tratando das mulheres encarceradas, segundo Carlen (2007), há uma indústria para a reintegração da mulher presa pautada no mito da reabilitação e que:

baseia-se não só num revivalismo das explicações psicológicas do crime, mas também na mítica transparência, por demais enaltecidá, da dualidade crime/prisão, isto é, o mito persistente de que as mulheres que transgridem a lei são presas devido à gravidade dos seus crimes, e não por força da complexidade das suas condições de vida, excludentes, desiguais no gênero e anti-sociais (p.1007).

Frente ao exposto até então, nota-se que tanto questões econômicas e sociais como as de gênero influenciaram na inserção da educação e do trabalho no interior das unidades prisionais. No que concerne à educação na prisão, um ponto a ser enfatizado é que, embora seja legalmente garantida aos internos, ela não ocorre em todas as unidades; além disso, ainda permeia no imaginário social que a educação na prisão em vez de direito é um privilégio concedido ao preso. Ainda assim, a educação se mantém nas unidades prisionais, pois "é considerada um dos meios de promover a integração social e a aquisição de conhecimentos que permitam aos reclusos assegurar um futuro melhor quando recuperarem a liberdade" (BRASIL, 2010, p.13).

No entanto, o que se vê no cotidiano do sistema penitenciário brasileiro e, especificamente, nas penitenciárias femininas é que a educação:

⁷ Tradução livre da autora.

constitui uma prática desinteressada e neutra, reproduzindo a ideologia da sociedade capitalista que escolhe o trabalho como eixo fundamental na vida das mulheres presas, porquanto é através dele que elas conseguem o sustento para seus familiares (DIAS, 2010, p.62).

Além disso, as estatísticas contradizem o que teoricamente deveria ocorrer com a educação prisional, uma vez que a realidade explicitada pelos números denunciam o descaso e falta de investimento na escola na prisão. Segundo informações do Departamento Penitenciário Nacional (BRASIL, 2011a), o Ensino Fundamental é o seguimento que contém o maior número de mulheres presas que não o completaram, sendo, em 2011, 13.250 no Brasil e 3.601 no Estado de São Paulo; dentre estas, apenas 2.562 e 482, respectivamente, frequentam Ensino Fundamental na prisão, fato que contribui para a relevância deste trabalho, uma vez que esta população é que se pretendeu investigar. Também é importante salientar que estes dados dizem respeito a matrículas efetivadas, não sendo possível saber se todas as mulheres matriculadas frequentam regularmente a escola na prisão.

Quanto à motivação e aos significados dados à escola na prisão, pesquisas demonstram que a educação não é vista como forma de ressocialização, mas sim como uma exercício da condição humana, além de ser encarada como uma possibilidade de autonomia, uma vez que muitas das alunas, ao entrarem na escola, não sabem ou sabem parcialmente ler e escrever e, no decorrer das aulas, adquirem conhecimentos que as possibilitam de escrever e ler cartas, meio de comunicação mais comum com o meio externo. Essa é uma forma de adquirirem autonomia frente aos funcionários e companheiras, pois não necessitam mais de auxílio; outro benefício relacionado à escolarização é que esta facilita e possibilita acesso a outros direitos, em especial relacionados à sua sentença (GRACIANO; SCHILLING, 2008; GRACIANO, 2010).

Em contrapartida às motivações apresentadas, há os fatores ditos desestimulantes, em relação à frequência educacional. Uma delas e talvez a mais relevante, por se tratar de algo instituído e culturalmente cristalizado é que muitas mulheres trazem consigo vestígios da sociedade machista, na qual o trabalho do lar é mais importante do que a escola, que não é tão relevante para elas como para os homens (DIAS, 2010). Frente a isso, e na ausência do trabalho do lar, as mulheres costumam optar pelo trabalho remunerado na prisão pelos motivos já descritos, além da remição de pena, a qual legalmente também já abrange a educação. Mas, talvez, possa-se postular que essa informação não tenha sido efetivamente transmitida às mulheres e, por esse motivo, a escola acaba permanecendo com a função de passatempo, o que reforça a ideia da desvalorização da ação educativa na prisão e salienta a relevância da pesquisa aqui desenvolvida.

2. EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO E COMO FERRAMENTA DE COMBATE À VIOLENCIA

Nesta parte do texto buscar-se-ão definir e discutir conceitos da Teoria Crítica da Sociedade, por meio dos autores da denominada Escola de Frankfurt e por autores contemporâneos.

Dentre os autores frankfurtianos utilizados estão Max Horkheimer, Herbert Marcuse e, principalmente, Theodor W. Adorno, e entre os brasileiros contemporâneos está principalmente José Leon Crochík.

2.1. Indivíduo, Sociedade e Progresso

Ao pensarmos no desenvolvimento histórico da civilização ocidental e no avanço do capital e da técnica, tornam-se evidentes as transformações pelas quais cada um desses eventos passou durante os séculos. Dessa maneira, é relevante discutir os elementos que constituem essas modificações, tais como a tensão entre indivíduo, sociedade e cultura. Horkheimer e Adorno (1973b), discorreram sobre o conceito de sociedade, que aparentemente é de fácil explicação, sendo considerada:

o conjunto de homens, com grupos de diversas dimensões e significados, que compõem a humanidade. Entretanto, é também fácil perceber que o conceito de sociedade não combina imediatamente com esse substrato e estamos mais próximos do que se considera próprio da sociedade se orientarmos o conceito para os momentos de conjunção e separação do “homem” como uma série de individualidades biológicas por cujo intermédio os seres humanos se reproduzem, controlam a natureza interna e externa, e das quais promanam, em sua própria vida, conflitos e formas de dominação (HORKHEIRMER; ADORNO, 1973b, p.25).

Os autores, apresentam diferentes concepções de sociedade, apontando momentos de desaparecimento do conceito, e que este ressurgiu fortalecido “com o advento da época burguesa, quando se tornou visível o contraste entre as instituições feudais e absolutistas por um lado, e aquela camada social que já dominava então o processo vital material da sociedade e instituições vigentes” (HORKHEIRMER; ADORNO, 1973b, p. 29-30). Ainda estabelecem relação entre o conceito de indivíduo com os de sociedade e cultura direta ou indiretamente, uma vez que estas só existem porque há homens que cunharam estes conceitos e os tornam reais.

Assim, ressaltam que na época primitiva não havia necessidade de instituições, uma vez que viviam em igualdade, todavia com o avanço civilizatório e o advento da propriedade

privada, cada vez mais, houve demanda para o surgimento de instituições e controle social, entrando em jogo:

um novo argumento, a que a sociedade burguesa se ateria firmemente daí em diante: a doutrina segundo a qual a sociedade se baseia na propriedade privada, cabendo ao Estado a obrigação de assumir a tutela da propriedade. Com essa finalidade e para salvaguardar o primeiro contrato, ou contrato social, estabeleceu-se um segundo, o de domínio, mediante o qual os indivíduos se submetem às Instituições do Estado. O medo de todos a todos é suplantado agora pelo “temor a um poder que se situa acima de todos”. A convivência entre os homens – ou seja, a Sociedade – só é possível em virtude da submissão dos indivíduos. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973b, p.31).

Diante do descrito e considerando a inter-relação sociedade/indivíduo, os autores consideram que “desde o seu aparecimento, o conceito de indivíduo quis sempre designar algo concreto, fechado e autosuficiente, uma unicidade que se caracteriza por propriedades peculiares que só a ele se aplicam” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 46). Contudo, ressaltam que o indivíduo, anterior à esta designação, é homem e possui relações com seus semelhantes e, por meio dessas relações é que pode chegar à autodeterminação e, assim, ter consciência de si (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a). A existência tanto da sociedade quanto do indivíduo estão interligadas e uma só torna-se possível em decorrência da outra. Assim, o indivíduo seria “aquele que se diferencia a si mesmo dos interesses e pontos de vista dos outros, faz-se substância de si mesmo, estabelece como norma a autopreservação e o desenvolvimento próprio” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 52), ou seja, é aquele que apresenta autoconsciência da singularidade do eu. Porém, apenas essa autoconsciência “não basta para fazer, por si só, um indivíduo, é uma autoconsciência social; e vale a pena lembrar aqui que também o conceito filosófico de ‘autoconsciência’ supera o indivíduo ‘abstrato’ elevado à meditação social” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 52).

A partir do descrito a respeito desse conceito, cabe refletir e questionar: será que este indivíduo é real ou este conceito dissolveu-se em um ideal inatingível na sociedade do capitalismo avançado? Como possível resposta a esse questionamento, os autores problematizaram a respeito do lugar do indivíduo na sociedade contemporânea assim como acerca do papel da sociedade na constituição e manutenção do indivíduo, considerando que “a sociedade, que estimulou o desenvolvimento do indivíduo, desenvolve-se agora, ela própria, afastando-se de si o indivíduo, a quem destronou. Contudo, o indivíduo desconhece esse mundo, de que intimamente depende até o julgar coisa sua” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973a, p. 55). Ou seja, nessa passagem, salienta-se que só é possível o indivíduo tomar consciência de si e para si no momento em que ultrapassa as determinações sociais por meio da formação cultural, o que viabiliza a emancipação do sujeito.

No entanto, a tendência na sociedade atual é:

a perda de diferenciação [...] não só é um fato positivo, uma espécie de economias de cargas supérfluas mas, simultaneamente, é um fato profundamente negativo, que está ligado, de forma indissolúvel, ao surgimento da barbárie no próprio âmago da Cultura e no qual vemos em ação aquele “igualitarismo nivelador” de que tanto foram acusados, em seu tempo, os críticos da sociedade (HORKHEIRMER; ADORNO, 1973b, p.39).

Da outra parte, Horkheimer (2010), discute o movimento de ascensão e declínio do indivíduo, salientando que “o homem emergiu como indivíduo no momento em que a sociedade começou a perder a coesão e ele tornou-se consciente da diferença entre sua vida e da coletividade aparentemente eterna” (HORKHEIRMER, 2010, p.141). Todavia, com a ascensão da sociedade burguesa, a relação do indivíduo com o mundo passa a ser “determinada pelas leis cegas da produção de mercadorias e do mercado” (MARCUSE, 2001a, p.38).

Outro ponto a ser ressaltado é o desenvolvimento técnico, uma vez que, por meio deste, torna-se possível “tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo” (MARCUSE, 1999, p.74). Torna-se visível, com o progresso técnico, o declínio do indivíduo, pois este é desrido “de sua individualidade, não pela coerção externa, mas pela própria racionalidade sob a qual vivem” (MARCUSE, 1999, p. 82). Racionalidade esta tornada ideologia pela sociedade baseada no consumo, tendo como resultado a pseudo-exaltação do indivíduo a partir de relações e situações que impossibilitam o desenvolvimento pleno da subjetividade:

como representante dos mais elevados valores humanos que esta sociedade produziu, combinado ao achatamento subjetivo sofrido pelos sujeitos sob os apelos monolíticos da sociedade de consumo, produz este estranho fenômeno em que as pessoas, despojadas ou empobrecidas em sua subjetividade, dedicam-se a cultuar a imagem (KEHL, 2004, p.67).

Imagem esta que pode ser atribuída tanto à identificação e projeção em outro indivíduo quanto à técnica, uma vez que fragilizado egoicamente o indivíduo tende a colocar:

seu objeto supremo, sua felicidade, nesses bens [e] se converte em escravo de homens e de coisas que se subtraem ao seu poder: renuncia a sua liberdade. Riqueza e bem estar não são alcançados e mantidos por sua decisão autônoma, mas devido aos fatores mutáveis de relações imprevisíveis. Portanto os homens subordinam sua existência a um fim em seu exterior (MARCUSE, 2001a, p. 9).

Considerando-se o dinamismo e a rapidez com que a sociedade se modifica, o indivíduo acaba por perder sua história pessoal, “embora tudo se modifique, nada se movimenta” (HORKHEIRMER, 2010, p.163).

Diante desse dinamismo e da problemática apresentada em relação à formação cultural, nota-se que “a crise da razão se manifesta na crise do indivíduo” (HORKHEIRMER, 2010, p.

133), levando este a aceitar e defender a dominação (MARCUSE, 2001b). E esta é viabilizada por meio da:

absorção administrativa da cultura pela civilização [que] é o resultado da direção dada pelo progresso científico e técnico, da submissão crescente do homem e da natureza aos poderes que organizam essa submissão e que utilizam a elevação do nível de vida para perpetuar sua organização de luta pela existência (MARCUSE, 2001b, p.82).

Com relação ao progresso tecnológico, se este fosse utilizado de maneira reflexiva e consciente:

possibilitaria diminuir o tempo e a energia gastos na produção das necessidades da vida, além de uma redução gradual da escassez. A abolição dos objetivos competitivos poderia permitir que o eu se desenvolvesse a partir de suas raízes naturais. Quanto menos tempo e energia o homem precisar gastar para manter sua vida e a da sociedade, maior a possibilidade de ele poder “individualizar” a esfera de sua realização humana. Para além do reino da necessidade, as diferenças essenciais entre os homens poderiam se expandir: cada um poderia pensar e agir por si só, falar sua própria língua, ter suas próprias emoções e seguir suas próprias paixões. Já sem estar preso à eficiência competitiva, o eu poderia crescer no reino da satisfação. O homem poderia encontrar-se consigo mesmo nas suas paixões (MARCUSE, 1999, p.103).

Contudo, o progresso ao invés de libertar o homem o aprisiona nas entranhas do sistema, aliena-o e distorce o conceito de racionalidade ou consciência, levando-o à crença de que o indivíduo “racional é aquele que mais eficientemente aceita e executa o que lhe é determinado, que confia seu destino às grandes empresas e organizações que administram o aparato” (MARCUSE, 1999, p.97). Frente à realidade da sociedade capitalista, o autor citado ressalta que “a verdadeira satisfação dos indivíduos não pode ser enquadrada em uma dinâmica idealista que reiteradamente adia a satisfação ou desvia a mesma para aspirar algo nunca alcançado” (MARCUSE, 2001a, p. 23).

Por fim, a possibilidade de superação da racionalidade tecnológica, do empobrecimento da formação cultural e de um de seus derivados, o preconceito, impõe que nos debrucemos sobre a noção de educação para a emancipação, a qual será discutido a seguir.

2.2. Formação Cultural

Theodor W. Adorno começa a escrever sobre educação na década de 1950 e ao longo dos anos seguintes participa de debates e conferências sobre o tema. Pensou a educação como forma de combate à ideologia e “como instituição necessária ao combate à violência, como formadora de indivíduos autônomos, democráticos e emancipados, sem desconsiderar os limites desta sociedade” (CROCHIK, 2009, p.16).

Entretanto, o próprio Adorno (1995a) assume não ser pedagogo e que seus escritos têm como objetivo refletir acerca da formação cultural. Dessa forma, para Adorno (1996, p.391):

A formação devia ser aquela que dissesse respeito — de uma maneira pura como seu próprio espírito — ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo.

Em decorrência dessa formulação, o autor discute a crise na formação cultural, uma vez que no lugar dela é difundida a semiformação ou semicultura socializada. Destaca que, apesar de toda informação disseminada e do acesso quase irrestrito à cultura por parte das classes sociais menos favorecidas, é a semiformação que passa a dominar a consciência. Para ele, formação é a apropriação subjetiva da cultura, a qual possui duplo caráter, pois, ao mesmo tempo remete-se à sociedade e realiza o intermédio desta com a semiformação. Quando a cultura é compreendida como conformação, adaptação ao meio sem possibilidade de reflexão, os homens impedem-se de educarem uns aos outros, reproduzindo a semicultura (ADORNO, 1996). Por outro lado, em uma sociedade dominada pela irracionalidade, concebe a educação com objetivo de desbarbarização, que deverá “orientar esses traços [derivados dos instintos] contra o princípio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça” (ADORNO, 1995c, p.158). É importante frisar que a barbárie relaciona-se à regressão e, “continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta” (ADORNO, 1995a, p.117).

Dessa forma, Adorno traz a questão da necessidade de contrapor-se à ausência de consciência, por meio da educação autocrítica, para evitar-se “que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias” (ADORNO, 1995d, p. 121). Essa educação crítica para a desbarbarização seria facilitada desde que fosse feita a partir da primeira infância, momento em que se forma o caráter, por meio da dissolução de qualquer autoridade; todavia, isto seria inviável, “pois os pais com que temos que lidar são, por sua vez, também produtos desta cultura e são tão bárbaros como o é esta cultura” (ADORNO, 1995c, p.167).

Assim, para Adorno, trabalhar para a desbarbarização é a temática mais urgente da educação e para isso seria necessário um esclarecimento geral, que poderia evitar a repetição de *Auschwitz*, tratada pelo autor como a expressão máxima da barbárie. Dica evidente que a tarefa da educação e da escola não será realizada se o clima cultural não for transformado.

Ainda assim, para o autor, a educação tem como objetivo evitar a barbárie e educar o homem para sua emancipação. Nesse sentido, destaque-se a dialética adaptação e emancipação. Considera que a educação para emancipação enfrenta dois problemas:

Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante [...], ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. [...] No referente ao segundo problema, deverá haver entre nós diferenças muito sutis em relação ao problema da adaptação. De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade e esta envolve continuamente um movimento de adaptação (ADORNO, 1995b, p.143).

Quanto à ideia de barbárie, cabe ressaltar que, para o autor, esta se refere a:

Algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio reprimido ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda a civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 1995c, p.155).

Em outras palavras, refere-se a este conceito como “extremismo: o preconceito delirante, a opressão, o genocídio e a tortura” (ADORNO, 1995a, p.117). Contudo, para ele, a barbárie possui uma razão objetiva, decorrente da cultura e da própria sociedade, uma vez que dividiu os homens em trabalhadores físicos e intelectuais, subtraindo assim a confiança em si e na cultura. Quanto à racionalidade ou consciência:

Em geral este conceito é apreendido de um modo excessivamente estreito, como capacidade formal de pensar [...]. Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é (ADORNO, 1995b, p.151).

Da outra parte, o processo de reflexão propiciado pela consciência também pode sofrer inversão, o que culminaria no enrijecimento do pensamento, consequentemente, na instrumentalização da razão, que pode ser facilmente observada nas manifestações de preconceito e barbárie, como as testemunhadas em *Auschwitz*. Nesse sentido, Horkheimer e Adorno (1973c), ao relatarem a metodologia para o desenvolvimento da escala F da “personalidade autoritária”⁸, assinalam formas variadas de manifestação do preconceito, não-totalitários e totalitários, nas quais os indivíduos possuem ego enfraquecido e apresentam tendências distintas, uns de subordinação e outros de dominação. Quanto ao primeiro tipo, os autores expõem que os indivíduos “não totalitários”, e que possuem tendências que os fazem desenvolver atitudes de preconceito, seriam aqueles considerados “ouvintes”, que estão sujeitos à influência dos autoritários, podendo identificar-se:

⁸ Esse estudo foi produto do desenvolvimento de pesquisa realizada por Adorno, juntamente com uma equipe de pesquisadores, nos EUA cujo objetivo era identificar tendências fascistas nesse país.

com o grande homem comum e vê-lo como um ente superior; este proporciona satisfação à necessidade de proximidade e calor e, ao mesmo tempo, à necessidade do ouvinte de ver-se confirmado naquilo que já é; e, por último, à necessidade de uma figura ideal a que se possa subordinar jubilosamente. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.175).

Com relação ao segundo tipo de preconceituoso que evocam, descrevem que este pode ser percebido como o “orador”, que apresenta “uma estrutura relativamente rígida e constante, apesar da variedade das ideologias políticas” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.178). De qualquer modo, segundo os autores, o tipo totalitário não reflete a respeito de suas convicções e atitudes, projetando todo seu desprezo por si mesmo no alvo do preconceito:

representado como um ser inferior e perigoso. Assim nascem as “conspirações” e outras coisas misteriosas e obscuras que circulam pelo mundo; e o caráter “decadente” das vítimas escolhidas intervém sempre como argumento dos carrascos totalitários de qualquer espécie, para justificar a eliminação daquelas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.178).

A partir dessas considerações é possível expressar, em outras palavras, que “o preconceito, ao mesmo tempo em que diz mais do preconceituoso do que do alvo do preconceito, não é totalmente independente desse último, ou melhor, das representações que são atribuídas ao alvo” (CROCHIK, 2006, p. 14). Assim, tanto os judeus quanto os criminosos – ou qualquer grupo que não está totalmente integrado ao padrão estabelecido – foram e são exemplos de alvos considerados fracos, decadentes, perigosos ou inferiores, fato que será discutido adiante.

Para Horkheimer e Adorno (1973c), os preconceituosos perderam a capacidade de realizar e viver experiências e, para que isso ocorra,

não bastaria instruí-los, alimentar e estimular as suas convicções mais válidas; seria necessário em primeiro lugar, formar ou reconstruir nesses indivíduos, mediante processos demorados e fatigantes, a capacidade de estabelecer relações espontâneas e vitais com os homens e as coisas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.180).

Segundo os autores, uma possibilidade para a constituição de homens livres em estados autoritários só seria possível se os indivíduos oferecessem “uma resistência antecipada aos processos e influências que predispõem ao preconceito. Mas semelhante resistência exige tanta energia que obriga a explicar a ausência de preconceitos antes da presença destes (HORKHEIMER; ADORNO, 1973c, p.181-182).

No Brasil, Crochik retomou a questão do preconceito, considerando o que fora proposto nos estudos de Adorno e Horkheimer. Esse autor salienta que:

o que leva o indivíduo a desenvolver preconceitos ou não é a possibilidade de ter experiências e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instâncias sociais, presentes no processo de socialização (CROCHIK, 2006, p. 19).

Sendo assim, o preconceito não é inato e, diante disso, “a criança pode, de fato, perceber que o outro é diferente dela, sem que isso impeça o seu relacionamento com ele” (CROCHIK, 2006, p. 17). Quando não há experiências plenamente realizadas e auto-reflexão há o preconceito e seu combate poderá ser viabilizado por meio da denominada “hipótese de contato”, que facilitaria a aproximação do preconceituoso com o objeto, real ou potencial, de seu preconceito, fato que “permitiria verificar as semelhanças existentes quanto aos valores, ideias, emoções, permitindo reelaborar a percepção inicial de diferenças. Essa hipótese implica que o preconceito é um julgamento estabelecido na ausência da experiência” (CROCHIK, 2001, p.83). Todavia, o autor ressalta que a mera convivência e contato podem não ser suficientes para a superação do preconceito, pois, para isso, seria necessário o controle de algumas contingências como: “frequência, diversidade, duração, o estatuto dos membros de grupos em relação, se essa é competitiva ou cooperativa, se é de dominação ou de igualdade, se é voluntária, se é real ou artificial, o tipo de personalidade dos indivíduos e as áreas do contato” (CROCHIK, 2001, p.83-84).

Em relação ao discutido sobre o preconceito e a temática deste estudo, pode-se destacar que o preconceito ocupa um local “privilegiado” no ataque às pessoas presas, pois estas, enquanto encarceradas, vivem uma segregação real da sociedade e após sua saída da prisão são perseguidas pela segregação simbólica, uma vez que dificilmente se livram das amarras do sistema prisional.

Quanto à hipótese de contato para a superação do preconceito, nota-se que este é restrito em relação à população carcerária, pois não há interesse geral em conhecer e conviver com essas pessoas “rotuladas” como criminosas, a escória da sociedade ou pessoas sem caráter. Essa preocupação não existe porque o criminoso lembra continuamente a necessidade da civilização impostas aos indivíduos: o controle de seus impulsos primitivos, a fim de não sofrer punições. Além disso, considerando os aspectos psíquicos, os criminosos e os encarcerados expressaram livremente seus instintos mais primitivos, os quais o “homem direito” e “moralmente intacto” não deve deixar vir à tona. Assim, é possível inferir que, embora algumas instituições busquem a socialização da população carcerária, possibilitando condições necessárias para o teste da hipótese de contato, a extinção do preconceito contra o preso é um desafio de grandes proporções, pois ainda predomina o repúdio social e individual aos que se encontram privados de liberdade.

Essas são as bases para o diagnóstico da necessidade de superação da semiformação, conceito que será explorado na sequência, uma vez que a barbárie e o preconceito se encontram diretamente relacionados à ausência de consciência e reflexão. Assim, Adorno (1995e) apresenta, no texto *A filosofia e os professores*, como possibilidade de superação da semiformação, a formação cultural, mas, ressalta que ela “é justamente aquilo para o que

não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos" (ADORNO, 1995e, p.64). Dessa maneira, a formação cultural poderá ocorrer a partir do momento que o indivíduo "abre" o espírito e se apropria de maneira autônoma da cultura, ao invés de apenas aprender o que é imposto. Ademais, é necessária, para que a formação aconteça, a existência do amor, uma vez que um dos defeitos de quem educa e de quem é educado relaciona-se, certamente, à incapacidade de amar. É importante ressaltar que o conceito de amor descrito por Adorno vem da teoria freudiana. Dessa maneira, amor está relacionado à energia libidinal que leva as pessoas a se ligarem afetivamente.

Assim, aqueles que educam, necessitam dessa capacidade, pois o autor alerta que aquele que tem deficiências a este respeito não deveria se dedicar a ensinar (ADORNO, 1995e): pois ocorreria o prosseguimento de suas deficiências nos alunos.

O professor deveria ter consciência, ao invés de imitar o considerado culto, pois:

o indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto (ADORNO, 1995e, p.67-68).

Outro ponto levantado por Adorno (1995e), que seria responsável pela não formação cultural, é que nem todos tiveram acesso às experiências prévias para a verdadeira formação; isso ocorre em função das limitações impostas pela lógica social ensejada no capitalismo: divisão social do trabalho, dominação de grupos e classes sobre outros grupos e classes.

Por fim, Adorno (1995b) destaca que a educação não deve servir de modelagem de pessoas, nem ser reduzida à mera transmissão de conhecimento. Deve, portanto, produzir uma consciência verdadeira; e essa é uma exigência política, pois só é possível uma democracia efetiva se os indivíduos da sociedade forem emancipados.

Quanto à questão de adaptação, Adorno (1995b) afirma que esta é necessária, uma vez que os homens precisam dela para se orientarem no mundo, entretanto, não deve ser disseminada pela educação no sentido estrito de produzir pessoas bem ajustadas, mas sim para a consciência crítica. Contudo, "não se deve esquecer que a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola. [...] Enquanto a sociedade gerar barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto" (ADORNO, 1995a, p.116). Considerando-se a adaptação, é relevante refletir a respeito do discutido acerca da rotina da instituição prisional, pois o que ocorre, embora haja possibilidades de exceções, é a padronização e adaptação indiscriminada dos indivíduos na prisão, uma vez que esta cerca os seres humanos que lá se encontram de horários e

“ocupações”, a fim de diminuir expressivamente suas possibilidades de resistência e autonomia, pois como é possível resistir em um ambiente altamente coercitivo, punitivo e insalubre? Como é possível resistir se há horários, normas, regras para tudo?

No entanto, é preciso considerar que, embora essas possibilidades de resistências se apresentem de maneira limitada, continuam existindo, haja vista o uso que alguns detentos(as) fazem do conhecimento que adquirem sobre Direito e legislação. Essa situação pode ser concebida como uma das expressões da dialética aprisionamento técnico/possibilidades de emancipação, uma vez que o conhecimento técnico e o desenvolvimento desse é introjetado por alguns como meio exclusivo de adaptação irrefletida ao meio, enquanto que, para outros, esse mesmo conhecimento pode ser utilizado para além da adaptação, como forma de resistência, servindo para que o detento(a) questione e tente romper com alguns paradigmas prisionais, o que pode ser exemplificado pela utilização do conhecimento da lei como respaldo em seu processo; fato que pode indicar traços de emancipação, pois, munido desse conhecimento adquirido, o indivíduo tende a refletir e vivenciar sua realidade, visualizando possíveis formas de resistir e emancipar-se.

Concluindo: a consciência não é apenas um desenvolvimento lógico formal, mas a capacidade de fazer experiências e/ou experiências intelectuais. Dessa forma, educação para experiência seria o mesmo que educação para a emancipação, uma vez que possibilitaria ao sujeito a autorreflexão e conscientização. Entretanto, o que se vê no cotidiano prisional é, por um lado, o descaso com a formação, a autonomia e, principalmente, com o ser humano e suas especificidades, enquanto, por outro lado, há a exaltação da repressão e a propagação da semiformação, conceito apresentado no próximo item, pois esta atende mais diretamente aos interesses da sociedade capitalista e dos grupos detentores do poder político e econômico.

2.3. Semiformação

Em contrapartida à ideia de formação cultural, Adorno (1996) diagnosticou a alienação do indivíduo, ajustando-se cegamente à sociedade; constatou a ascensão da técnica e, consequentemente, o empobrecimento dos processos reflexivos e formadores. Para o autor, vive-se num “mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, [o que] gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica” (ADORNO, 1995d, p. 132). Fato que as impossibilita de amar, sentimento que, segundo Adorno (1995e), é essencial para a formação.

Dessa maneira, nota-se que atualmente os indivíduos presenciam certa dificuldade em ligarem-se afetivamente, fato interligado com a tendência à fetichização da técnica, que torna as pessoas incapazes de amar, e:

isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale (ADORNO, 1995d, p.133).

Perante à necessidade técnica e a partir da elevação do nível de vida, cresceram as reivindicações de uma formação que elevasse o indivíduo tendo em vista a ascensão social. Como resposta a esta demanda, há incentivo a “camadas imensas a pretender uma formação que não têm [...]. Um grande setor da produção da indústria cultural vive dessa nova realidade e, por sua vez, incentiva essa necessidade de semicultura” (ADORNO, 1996, p.399). Todavia, aquilo que é oferecido, longe de promover a formação cultural, produz a padronização dos comportamentos e das atitudes, pois a indústria cultural depende desse nivelamento, muitas vezes entendido erroneamente como democratização de acesso à cultura, agora ao alcance de todos.

Com a semiformação, os sujeitos se colocam, real ou imaginariamente, pertencentes a um campo elevado da sociedade; isso se deve à ideia instaurada de que a formação leva à ascensão social, porém, isto se constitui em parte como uma alucinação, sustentada por meio de ações pontuais, tais como “a frequência a um certo colégio ou instituto, ou, ainda, a simples aparência de se proceder de uma boa família. A atitude em que se reúnem a semicultura e o narcisismo coletivo é a de dispor, intervir, adotar ares informados, de estar a par de tudo” (ADORNO, 1996, p.403). Fatos que iludem o indivíduo, fazendo-o acreditar que está sendo formado, quando na realidade é semiformado, pois aquilo que incorporam em termos culturais está diretamente relacionado à possibilidade de alterar sua posição social, o que se apresenta de maneira ainda mais acentuada no âmbito da instituição prisional, pois, como discutido anteriormente, é comum o investimento no trabalho e na educação na prisão como possibilidades de “ascensão e reinserção social”.

A partir do momento que a técnica se sobrepõe à formação cultural, os homens continuam reduzidos a apêndices das máquinas ou do aparato que, ao serem treinados (educados), aumentam sua eficácia, produzindo mais e, dessa forma, sendo valorizados no mercado de trabalho.

Além disso, “ao manipular a máquina, o homem aprende que a obediência às instruções é o único meio de se obter resultados desejados. Ser bem-sucedido é o mesmo que adaptar-se ao aparato. Não há lugar para a autonomia” (MARCUSE, 1999, p.80). Assim, o

indivíduo semiformado acredita que conhece algo que na verdade não conhece (CROCHIK, 2009).

A semicultura torna a cultura em algo cristalizado, o que repercute na definição dos conteúdos educacionais e materiais e recursos didáticos utilizados em espaços como as escolas localizadas em presídios. Com isso, os conhecimentos são vistos como impenetráveis e incompreendidos, fato que impede a formação cultural. Assim, “o semicírculo transforma, como que por encanto, tudo que é mediato em imediato, o que inclui até mesmo o que mais distante é” (ADORNO, 1996, p.405). Segundo Adorno (1995d), é nesse mundo permeado pela racionalidade tecnológica que as pessoas tendem à claustrofobia, pois “no mundo administrado, [há] um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada” (p.122). Dessa forma, não há possibilidade de autonomia, uma vez que a organização econômica força os indivíduos a dependerem de situações pré-estabelecidas; predomina a impotência e mantém a não-emancipação, pois para sobreviverem nada resta aos sujeitos a não ser adaptar-se à situação, como ocorre com as mulheres presas, que além de “sofrerem” socialmente por serem mulheres, apresentarem baixa escolaridade, são presas e destituídas de seus papéis sociais. Assim, tendem a conformar-se, abrindo mão de sua subjetividade e autonomia. Em outras palavras, só é garantida a sobrevivência a partir do momento que se abdica do próprio eu; uma vez que a adaptação foi imposta, esta leva à produção e à reprodução dos meios já existentes (ADORNO, 1995d).

Frente à adaptação irreflexiva, aumentam as tendências à intolerância e ao preconceito que:

pode dizer respeito tanto às percepções, experiências ou conceitos já formulados, quanto às necessidades emocionais existentes antes da nova experiência. Isto significa que não há, *a priori*, a possibilidade de uma experiência ou de uma reflexão que de alguma forma não seja direcionada por aquilo que o indivíduo já era (CROCHIK, 2006, p. 31-32).

Em outras palavras, o preconceito diz respeito às experiências incompletas que enrijecem o indivíduo, levando-o a evitar o dispêndio de esforços para aproximar-se do objeto desconhecido, o que potencializa a semiformação, o preconceito e a barbárie (CROCHIK, 2006).

Nesse sentido, o que se vê, em relação à educação, como já descrito, é que esta que deveria conduzir os indivíduos e a sociedade para a formação cultural, acaba por abandonar seu caráter político e reflexivo, ou seja, leva-se ao aprendizado para reprodução, de forma mecânica, eliminando a capacidade de pensar dos sujeitos, tornando-se assim uma educação para a alienação (CROCHIK, 2009). Além disto, “a desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para

a formação e, acima de tudo, o ócio" (ADORNO, 1996, p.392). Ócio que na prisão tenta ser preenchido de todas as formas, seja por meio da educação, do trabalho e/ou de oficinas "culturais", pois acredita-se que o(a) preso(a) deve se manter ocupado(a) o tempo todo para que, assim, não tenha tempo de refletir nem de contestar, além de manter a ilusão de que essa ocupação leva à chamada e à almejada ressocialização.

Tenta-se remediar a situação recorrendo-se à chamada "educação popular", que nutre a ilusão de que a formação por si só acabaria com a exclusão dos trabalhadores (ADORNO, 1996) e dos presos, futuros egressos. Contudo, o que se vê são focos de semicultura que disseminam essa ilusão de formação cultural. De outra parte, nota-se que a educação vem se transformando em mercadoria, o que é demonstrado pelos "índices nacionais que indicam aos pais dos alunos quais são as melhores escolas" (CROCHIK, 2009, p. 16). Por meio disso, é possível perceber que "a escola se vê mais e mais aprisionada pela lógica do capital e à razão instrumental inerente a ela, cujo âmbito do pensamento equivale à quantificação" (BATISTA, 2000, p. 190).

Ao falarmos de instituições privadas de ensino, a lógica do capital se potencializa, pois a disputa pela melhor avaliação está diretamente relacionada aos maiores investimentos financeiros dos alunos. Assim, nota-se que a escola tornou-se um meio de reprodução e perpetuação da semiformação, ao invés de "manter a tensão indivíduo/sociedade e estar para a realidade como a filosofia está para a ciência. Ou seja, distanciar-se para refletir sobre ela" (BATISTA, 2000, p. 190).

2.4. O Criminoso

Após discorrer sobre alguns conceitos da Teoria Crítica da Sociedade, o objetivo neste item é realizar a intersecção entre os itens anteriores, bem como introduzir a temática desta pesquisa. Assim, prosseguindo a investigação pautada nos estudos de Horkheimer e Adorno (1985a), os autores apresentam sumariamente, considerações a respeito do criminoso.

Consideram tanto o criminoso quanto a privação da liberdade instituições burguesas, uma vez que:

na Idade Média, encarceravam-se os infantes reais que simbolizassem uma incomoda pretensão dinástica. O criminoso, em compensação, era torturado até a morte, para incutir na massa da população o respeito pela ordem e pela lei, porque o exemplo da severidade e da crueldade educa os severos e os cruéis para o amor. A pena de prisão regular pressupõe uma crescente necessidade de força de trabalho e reflete o modo de vida burguês como sofrimento (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a, p.210).

Com estas modificações, o indivíduo criminoso passa a ter sua vida regulada e coordenada pela direção da prisão, além de ser forçado “a absoluta solidão, o retorno forçado ao próprio eu, cujo ser se reduz à elaboração de um material no ritmo monótono do trabalho, delineiam como um espectro horrível a existência do homem no mundo moderno” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a, p.211).

Para os autores, o presidiário, forçado à submissão, torna-se:

a imagem virtual do tipo burguês em que ele deve se transformar na realidade. Os que não o fizerem lá fora serão forçados a isso aí dentro numa terrível pureza. Justificar a existência de penitenciárias com a necessidade de separar o criminoso da sociedade, ou mesmo de regenerá-lo, não atinge o âmago da questão. Elas são a imagem do mundo do trabalho burguês levado às últimas consequências, imagem essa que o ódio dos homens coloca no mundo como um símbolo contra a realidade em que são forçados a se transformar (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a, p.211).

Dessa maneira, pode-se dizer que a prisão continua propagando a perspectiva descrita pelos autores, uma vez que o que se observa, no cotidiano prisional, de forma dramática, nada mais é do que a reprodução do que ocorre na sociedade, provocando ainda mais a exclusão, a adaptação e a submissão diante do capital.

Para Horkheimer e Adorno (1985a), a prisão, no século XIX, era análoga à doença, uma vez que os indivíduos criminosos eram considerados doentes devido sua “fraqueza”, pois em prol de sua autoconservação rompe com o “socialmente aceito”. Frente a isso, os autores consideram que o indivíduo que comete um ato criminoso, devido a situações sociais em que se encontram, além de sofrerem como indivíduos passam a sofrer por meio de um castigo cego, alheio à sua vontade, o que caracterizará em sua vida algo como uma doença, sendo assim a prisão equivale a uma moléstia expressa pelas atitudes e posturas cautelosas dos prisioneiros, sendo assim:

a prisão representou o inverso de sua fraqueza. A energia necessária para se destacar como um indivíduo do mundo ambiente e, ao mesmo tempo, para estabelecer uma ligação com ele, através das formas de comunicação autorizadas, e assim nele se afirmar, estava corroída no criminoso. Ele representava uma tendência profundamente arraigada no ser vivo e cuja superação é um sinal de evolução: a tendência a perder-se em vez de impor-seativamente no meio ambiente, a propensão a se largar, a regredir à natureza (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a, p.212).

Outro ponto relevante destacado pelos autores é a comparação da prisão com o campo de concentração, pois:

o isolamento, que outrora se infligia de fora aos prisioneiros, se generalizou neste meio tempo e se instilou no sangue e na carne dos indivíduos. Sua alma bem adestrada e sua felicidade são tão desoladoras como as células da prisão, que os donos do poder já podem dispensar, porque a totalidade da força de trabalho das nações caiu presa deles. A privação de liberdade é um pálido castigo comparado com a realidade social (HORKHEIMER; ADORNO, 1985a, p.213).

Após apresentarem, nesse breve texto, aspectos que servem para pensar sobre o desenvolvimento histórico das penitenciárias, os autores consideram que, na sociedade atual, a pena de privação de liberdade já poderia ser dispensável, pois com os progressos da sociedade, não haveria mais necessidade deste tipo de punição, uma vez que, na sociedade burguesa:

a constituição de um sistema penitenciário que obrigava os homens à disciplina monótona do trabalho, por meio da execução repetitiva de trabalhos sem sentido, representando triste e radicalmente o mundo burguês, portanto, não [é] uma necessidade econômica da sociedade. [...] [assim salienta-se] a falácia que está permeando a afirmação da necessidade de um sistema penitenciário (MASSOLA, 2007, p.137-138).

Considerando a tensão existente entre indivíduo e sociedade e a busca constante por controle social na sociedade capitalista, é possível inferir que a prisão se mantém, pois os criminosos, aqueles que rompem a ordem estabelecida, apresentam-se à sociedade como um sinal da necessidade de coerção para que a civilização possa se desenvolver, o qual tem como função alertar os demais indivíduos sobre a possibilidade de sofrerem punições, caso tentem cindir com a ordem. Por outro lado, cabe inferir se o indivíduo considerado socialmente criminoso não seria aquele que apresenta resistência às amarras do capital, uma vez que explicita instintos repudiados pela sociedade racionalizada e que, por tentar resistir, precisa ser aprisionado e treinado para transformar-se no “bom burguês”.

A partir dessas considerações a respeito das mobilizações que o criminoso provoca na sociedade, torna-se possível compreender o ódio em relação aos que rompem com a ordem estabelecida, pois o criminoso escancara os desejos latentes e reprimidos dos demais indivíduos, que fragilizados egoicamente e por meio de atitudes irrefletidas, voltam sua fúria ao indivíduo “errante”, reproduzindo a barbárie e viabilizando o desenvolvimento do preconceito e a manutenção do sistema penitenciário. O combate à barbárie, ao preconceito e à ausência de consciência, constantemente reproduzidos, pode ser possibilitado por meio da ascensão e emancipação do indivíduo, no entanto, para que ocorresse o fortalecimento do indivíduo seriam necessárias também alterações na sociedade no sentido de superação da semiformação e da onipotência da técnica, o que, de acordo com os autores considerados, poderia ocorrer com uma participação efetiva da educação, como já descrito.

2.5. Representação da Família e da Mulher na Sociedade

Após discorrer a respeito de alguns conceitos frankfurtianos, é importante destacar uma instituição social apontada como base para as possibilidades de formação e, principalmente, para a constituição do caráter do sujeito: a família. Esta, segundo Horkheimer e Adorno

(1973d), passou por diversas modificações ao longo da história até chegar a ideia de monogamia, criando, consequentemente, as relações privadas. Todavia, cabe ressaltar que a história da família não apresenta um ponto final, pois são constantes as alterações de formato, significados, sentidos e de papéis, fato que pode ser constatado via diversificação que encontramos atualmente nas constituições familiares como, por exemplo, o caso de muitas mulheres presas representarem na família papéis maternos e paternos, além de serem responsáveis financeiramente pelo lar, situações que não ocorriam ou ocorriam com menor frequência na época dos escritos dos autores frankfurtianos.

Para Horkheimer e Adorno (1973d), a família se encontra submetida à uma dinâmica de caráter duplamente social. Por um lado, a constante socialização (“racionalização”, “integração” etc.) reprime o lado natural-espontâneo da organização familiar, expresso anteriormente como corriqueiro. Por outro lado, o desequilíbrio entre o indivíduo e forças totalitárias da sociedade intensifica-se e leva, frequentemente, o indivíduo a procurar apoio e proteção em microgrupos, tais como a família, que oferece uma espécie de novo apoio. Nota-se que a família anteriormente constituída de forma espontânea vai progressivamente sendo engolida pela lógica do capital, sendo cada vez mais institucionalizada, e adquirindo o papel de normatizar os indivíduos para que se adaptem dia-a-dia mais cegamente e irrefletidamente ao sistema. Sendo assim, a família, na sociedade burguesa tardia, tende a ser oprimida e mortificada, uma vez que pode trazer à tona os instintos mais primitivos dos seres humanos.

Com isso, pode-se pensar que a família, enquanto local de espontaneidade, tornou-se um tanto quanto ultrapassada, podendo ainda atuar no processo de adaptação à sociedade, uma vez que a autoridade e a constituição do indivíduo na família contribui para adaptá-lo ao trabalho assalariado, levando-o a reproduzir o socialmente aceito, pois para aquele que:

observa o mundo com a mente lúcida e sem se distrair com outras coisas, não pode deixar de reconhecer que o indivíduo tem de se adaptar, de se conformar e subordinar, e quem quiser ser alguém, segundo o ideal burguês, ou, simplesmente, não soçobrar, deve aprender a satisfazer os outros (HORKHEIMER; ADORNO, 1973d, p.138).

Assim o preso, e no caso deste estudo a mulher encarcerada, deixou de se submeter ao considerado “ideal”, que seria o indivíduo bem adaptado, com um trabalho assalariado, não contestador, bem formado tecnicamente, entre outras características. E por sua “rebeldia”, deixou de assumir os papéis de mãe, mulher, cuidadora e responsável pela harmonia do lar. O preço pago foi o enclausuramento, uma vez que se torna perigoso essa perspectiva de vida se alastrar. Dessa maneira, esconde-se “o problema”, por denunciar o caráter mais primitivo e finito do ser humano; não é a toa que a mulher, como discutido por Horkheimer e Adorno (1985b), é comparada ao animal, uma vez que a ideia de diferenciação do homem

se dá pela razão, e à mulher são atribuídas características ligadas à sensibilidade. Dessa forma, o homem é associado, no imaginário social, à virilidade, coragem, razão, pensamento estratégico e estruturado, enquanto a mulher fica com os investimentos sociais ligados ao mundo das emoções, da afetividade, da sexualidade, sendo, dessa forma, comparada ao animal ou àquele ser que, por meio da razão (homem), deve ser controlado e domesticado, pois predomina no imaginário social, ainda que, mascarado pelo discurso do chamado “politicamente correto”, a ideia de que as mulheres:

não tiveram nenhuma participação independente nas habilidades que produziram essa civilização. É o homem que deve sair para enfrentar a vida hostil, é ele que deve agir e lutar. A mulher não é sujeito. Ela não produz, mas cuida dos que produzem [...]. Ela passou a encarnar a função biológica e tornou-se símbolo da natureza, cuja opressão é o título de glória dessa civilização (HORKHEIMEIR; ADORNO, 1985b, p.231, grifo meu).

Como sinal de resistência à essa submissão, historicamente imposta, a mulher tende a expressar sua submissão pela melancolia e devoção amorosa (como moça) ou buscar atingir os objetivos sociais/culturais, tentando igualar-se à cultura dita masculina (como megera) (HORKHEIMER; ADORNO, 1985b).

Ainda em relação à mulher na sociedade, Horkheimer e Adorno (1985c), discorrem, por meio da obra de marquês de Sade, sobre a tentativa de a mulher (na figura da personagem Juliette) alcançar a autonomia/esclarecimento, a fim de resistir às imposições sociais, quebrando tabus, no entanto, seus esforços acabaram absorvidos pela cultura dominante, convertendo-se em seu oposto, ou seja, a tentativa de emancipação de Juliette é minada e adquire caráter de submissão, levando-a a se readaptar à cultura dominante, convertendo a busca pelo esclarecimento em mito a serviço da dominação social (HORKHEIMER; ADORNO, 1985c).

A partir da discussão levada adiante pelos autores, e considerando a temática deste estudo, torna-se possível problematizar o papel da mulher criminosa em nossa sociedade. Por um lado, pode-se considerar que ela rompe com o institucionalizado pela cultura machista predominante. Por outro, embora esboce essa tentativa de cisão, por meio do crime, logo se vê que sua atitude está atrelada à cultura machista. Sendo assim, as mulheres são oprimidas pela sociedade, em decorrência dessa cultura machista que predomina no cotidiano, na qual são vistas com inferiores aos homens – por exemplo -, mesmo quando mais ou equivalentemente qualificadas, profissionalmente, recebem menos pela mesma atividade realizada, além de vivenciarem situações discriminatórias naturalizadas e aceitas, como quando um homem cede lugar para uma mulher se sentar; implicitamente se expressa não um ato de cavalheirismo, mas a noção de que a mulher é frágil.

Quando se observa as classes economicamente mais baixas, as situações de opressão da mulher tendem a ser mais visíveis e, ao se tratar da mulher criminosa, pode-se inferir que a opressão se potencializa, uma vez que a mulher criminosa representa a cisão total com o imaginário social de mulher, a qual deveria ser amável, cuidadora, provedora emocional e educacional do lar, uma boa esposa e, na sociedade atual, aquela que também estuda e trabalha fora. Assim, a mulher criminosa tende a sofrer maiores repressões e preconceitos, pois, teoricamente, quebra com toda essa idealização; contudo, o que muitas vezes se esquece é que essa visão da mulher-objeto é produzida socialmente, de modo que a masculinidade se sobrepõe e é institucionalizada.

De outra parte, a mulher assume um papel subalterno em relação ao crime, pois, como comprovado estatisticamente, a maioria das mulheres é encarcerada devido ao tráfico de entorpecentes e/ou pequenos delitos. No universo da criminalidade ocupam a base da pirâmide: por exemplo, em grande parte das vezes são usadas como iscas para que as atenções sejam desviadas para elas, enquanto os chamados “peixes graúdos” passam quilos e quilos de drogas pelos aeroportos e fronteiras internacionais. Assim, pode-se perceber o quanto oprimida é a mulher inserida no mundo da criminalidade; posteriormente, quando egressa da prisão continuará carregando o fardo de socialmente rejeitada. Por fim, observa-se em relação a mulher presa a dialética emancipação pelo crime/submissão pelo crime.

Com base na discussão teórica apresentada, supõe-se que o diálogo com as mulheres encarceradas explícita, além das desigualdades de gênero, as discrepâncias educacionais no ambiente prisional, bem como permite descrever como este processo educacional ocorre e é vivido pelas mulheres encarceradas.

Dizendo assim, após discorrer sobre alguns dos conceitos trabalhados pelos autores frankfurtianos, cabe ressaltar que este estudo se pauta na análise da situação feminina penitenciária pela ótica da Teoria Crítica da Sociedade, o que propicia reflexões e questionamentos políticos acerca da realidade carcerária brasileira.

3. DELINEAMENTO DA PESQUISA

3.1. Objetivos e hipóteses

A partir das informações coletadas sobre o tema, pretende-se, neste trabalho, compreender a educação prisional por meio do seguinte problema de pesquisa: **como está organizada a educação escolar em unidades prisionais femininas e qual a relação das mulheres com a escola?**

Considera-se a temática educação e prisão relevante, pois apesar de ser uma área que vem sendo estudada e que tem adquirido maior visibilidade, uma vez que, encarcera-se cada dia mais pessoas, como explicitado na tabela População Carcerária no Brasil, ainda são necessários mais estudos. Sendo assim, esta investigação se soma ao rol de estudos voltados à população carcerária, esforçando-se, assim, por contribuir para a compreensão deste local e, sobretudo, para a valorização dos indivíduos que se encontram em situação de encarceramento, a fim de salientar sua humanidade. Ademais, acredita-se ser de extrema importância desvelar o universo feminino presente entre muros e grades e dar voz a essas mulheres oprimidas e discriminadas.

Por fim, outro aspecto de relevância está na perspectiva teórica adotada, uma vez que, dentre as pesquisas relacionadas à temática, ainda são poucas as que apresentam investigação empírica no âmbito científico, pautadas na Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt).

Os objetivos deste trabalho são:

Objetivo geral: examinar a educação escolar oferecida em duas unidades prisionais femininas do Estado de São Paulo, visando apresentar um retrato de como ocorre a educação prisional.

Objetivos Específicos:

- a) Descrever a rotina e organização das aulas em ambientes carcerários, considerando a infraestrutura existente, o andamento das aulas (conteúdos lecionados e o material e os recursos didáticos utilizados) e os planos de aula;
- b) Compreender o que motivou as mulheres a voltarem a estudar após evasão escolar anterior, pautando-se em suas trajetórias escolares, buscando compreender as razões para volta à escola e sua relação com a essa

c) Apontar as semelhanças e diferenças manifestadas pelas mulheres no processo educativo vivenciado antes e durante sua prisão visando as especificidades da educação que ocorre na prisão;

d) Verificar semelhanças e diferenças entre as duas unidades prisionais estudadas, a fim de possibilitar uma perspectiva mais ampla da educação prisional;

e) Identificar aspectos que remetam à formação, tendo como parâmetros as noções de adaptação, resistência, autonomia e emancipação detectadas na organização da escola (fatores objetivos), bem os elementos motivadores (fatores subjetivos).

Frente aos objetivos propostos, é importante ressaltar que se considera a educação escolar como uma via de mão dupla: esta constituída pela escola oferecida e pela maneira como essa é vivida pelas alunas. Assim, entende-se escola como a forma pela qual ocorre a educação no interior da prisão (rotina e organização escolar, conteúdos lecionados, materiais e recursos didáticos, bem como as especificidades que envolvem a educação no sistema prisional). Quanto aos aspectos relacionados à introjeção pelas mulheres, considera-se a disposição das alunas ao estudo, o que no caso desta pesquisa é examinado por meio da trajetória escolar anterior e atual, buscando compreender as diferenças, semelhanças e especificidades de cada experiência vivida pelo indivíduo (dentro e fora da prisão).

Dessa forma, torna-se viável investigar os aspectos motivadores para a continuidade do processo de aprendizagem e a concepção educacional dessas mulheres em duas unidades prisionais femininas, uma vez que, como exposto, uma porcentagem muito pequena de mulheres frequenta a escola, o que pode suscitar significativas contribuições para o meio acadêmico, políticas públicas e base para aperfeiçoamento da educação prisional, bem como aspectos que expressam como se organiza e se efetiva a ação educativa na prisão.

Definiu-se como hipóteses deste estudo:

- Diferentemente da educação para o combate à ideologia e formação de indivíduos autônomos, possibilidade vislumbrada a partir da intersecção da temática educação e prisão com a Teoria Crítica da Sociedade, o que se vê no ambiente carcerário é uma educação que propaga a ideologia da educação igualitária;
- Há influência da carga horária reduzida das aulas no processo educativo vivido por mulheres em ambiente carcerários;
- Verifica-se a existência de interferências da rotina institucional, o que dificulta a educação para que promova o desenvolvimento pleno das alunas;

- Quanto à identidade da mulher na sociedade moderna, embora existam modificações no momento atual, tal como mencionadas, postula-se que permanece e reproduz na prisão a visão tradicional e machista sobre as mulheres que se encontram privadas de liberdade em decorrência de terem cometido atos criminosos.

Pode-se considerar que a sociedade brasileira ainda vê a mulher, além de responsável pela harmonia do lar, como provedora financeira, o que leva a pensar em qual identidade a mulher presa apresenta e, uma vez que foi destituída desses dois papéis, é duplamente marginalizada. Assim, acredita-se que dar voz à esta população possibilitará contato com as protagonistas dessa história complexa e repleta de tabus.

3.2 Método

3.2.1. A Pesquisa e seus Impasses

Como descrito anteriormente na introdução deste trabalho, inicialmente o objetivo deste estudo era examinar a educação oferecida em uma unidade prisional feminina do Município de São Paulo, tendo como parâmetros a educação oferecida na prisão e as razões que motivam as alunas em relação com a educação escolar. Entretanto, devido aos obstáculos, descritos neste capítulo, encontrados durante a realização da pesquisa, os objetivos tiveram que ser alterados para os transcritos acima. Assim, segue relato da trajetória para a efetivação do presente estudo.

Iniciou-se o levantamento bibliográfico relacionado à temática, bem como a elaboração de projeto de pesquisa, o qual foi encaminhado pela primeira vez no dia 14 de abril de 2012 ao Comitê de Ética da Secretaria de Administração Penitenciária (CEPSAP). Entretanto, após um mês o retorno do parecer foi negativo, sendo apontado pontos relevantes para melhoria do projeto, além de outros que deixavam claro a tendência em dificultar a liberação para realização da pesquisa.

Com este parecer, o projeto foi reformulado a fim de cumprir as exigências feitas pelo comitê, tanto em relação ao conteúdo do texto como em relação ao direcionamento da pesquisa para outra unidade que não as da capital paulista.

Realizadas as devidas alterações, o projeto foi reenviado ao comitê no dia 20 de junho de 2012 e, novamente, após um mês, o parecer foi desfavorável. Mas dessa vez com pendências; não existiam problemas estruturais nem éticos e os apontamentos foram única e exclusivamente ligados à forma e linguagem do texto, sendo sugeridas alterações como, por exemplo, do título do trabalho. Fato que pode denunciar que não há interesse, tampouco

incentivo à realização de pesquisas relacionadas ao sistema penitenciário, sendo feito de tudo para desestimular tais ações.

Concomitantemente aos envios do projeto ao Comitê de Ética, a pesquisadora recebeu indicações para procurar uma instituição religiosa que presta atendimento aos presidiários semanalmente, pois havia possibilidade de conseguir acesso às penitenciárias por meio dela. Feito o contato com esta instituição, as informações recebidas foram de que para ter acesso às penitenciárias seria necessário fazer um curso de formação e que este ocorria mensalmente. O curso de formação foi realizado em dois dias: a formação básica na data de 12/05/2012 e, posteriormente, em 25/05/2012 a formação jurídica.

Após realizar os cursos de formação e entregar a documentação necessária para a confecção da carteira que permite acesso às unidades pré-estabelecidas, iniciaram-se as visitas acompanhadas de outras pessoas ligadas à instituição religiosa. A intenção era transformar o estudo anteriormente proposto em uma pesquisa de observação, realizada durante as visitas à penitenciária, tendo como dados empíricos as informações coletadas durante a realização destas.

Em paralelo à realização das visitas com a instituição religiosa, foi reelaborado e reenviado o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, pela terceira vez, no dia 13 de agosto de 2012, e somente no dia 21 de setembro do mesmo ano é que houve o parecer positivo e a liberação para a execução da pesquisa.

Todavia, o caminho em direção à realização da pesquisa não findava com a aprovação do Comitê de Ética, pois, além dessa aprovação e da assinatura do Termo de Anuênciam pelo Secretário do Estado, o Comitê informou, via *e-mail*, no dia 26 de setembro de 2012, que seria necessária ainda a assinatura do juiz da Vara de Execuções Penais do Município em que a pesquisa seria realizada e que os prazos para essa autorização não eram de responsabilidade do Comitê, e sim do Poder Judiciário do município.

De posse dessa informação, entrou-se em contato via telefone com o Comitê de Ética no dia 02 de outubro de 2012 a fim de solicitar informações sobre como proceder diante dessa pendência. A informação prestada foi de que o parecer emitido pelo comitê, juntamente com o Projeto de Pesquisa, foram encaminhados para anuênciam do juiz da Vara de Execuções Penais e que o prazo para a assinatura dependeria do juiz que recebesse o projeto, e que, além do prazo indeterminado, existia a possibilidade de não ser emitida autorização para realização da pesquisa.

A atendente do comitê orientou o contato com a diretora da unidade, pois a aprovação do juiz dependeria da aprovação da direção da unidade; assim seria válido tentar conversar com a direção explicando a situação em relação aos prazos para realização da pesquisa,

bem como apresentando as aprovações já existentes, pois o contato direto com a unidade poderia estreitar relação da pesquisadora com as pessoas responsáveis pelo presídio e a pesquisa ser autorizada mesmo sem a assinatura prévia do juiz.

Após coletar essas informações, entrou-se em contato telefônico por quatro vezes com a unidade. Na primeira delas, no dia de 02/10/2012, a atendente, após perguntar minuciosamente do que se tratava, informou que a diretora da unidade não estava. A segunda tentativa foi realizada em 03/10/2012; a atendente também questionou o motivo do contato e, então, informou que a diretora acabara de entrar em reunião e que só seria possível contatá-la no dia seguinte. A terceira e a quarta tentativas foram feitas na mesma data: 04/10/2012. Primeiramente a pesquisadora ligou no período da manhã e foi informada que a diretora só estaria na unidade após às 14 horas; assim, voltou a ligar no horário estipulado e foi orientada a ligar em outro número de telefone, o qual seria o direto da direção. Ligando para número informado, quem atendeu foi a diretora, que informou haver recebido informações sobre a pesquisa, mas não detalhou nenhuma informação, somente ouviu a pesquisadora e concordou em agendar um horário para conversar sobre a pesquisa. Assim, ficou agendada uma reunião para 09/10/2012, às 9 horas da manhã.

No dia agendado, a pesquisadora foi até a unidade. Ao chegar, foi atendida por um agente penitenciário, que foi muito solícito e rapidamente contatou a diretora; após uma breve espera, a pesquisadora foi até à sua sala. Ao chegar lá, apresentou-se e explicou a situação da pesquisa. A diretora pegou uma pasta, que continha informações de pesquisas na unidade, e informou que havia recebido apenas o parecer consubstanciado, e que para que autorizasse a realização da pesquisa precisaria da autorização do juiz, antes disso nada poderia ser feito; além disso, salientou que essas coisas demoram, pois um outro pesquisador que propôs pesquisa na unidade, estava atrás das autorizações desde o início do ano de 2012.

A pesquisadora informou que seu processo também era longo, e questionou o que poderia ser feito para tentar agilizar a assinatura do juiz. A diretora disse que uma alternativa seria ir ao Fórum para ver se algo poderia ser feito, com isso passou o nome de uma mulher que deveria ser procurada. Ao chegar ao Fórum, o recepcionista entrou em contato por telefone com a mulher citada pela diretora, que informou que o juiz estava no Fórum, porém em júri, e que, provavelmente, quando saísse de lá passaria em sua sala para assinar. A pesquisadora informou que voltaria mais tarde.

Após algumas horas, com o retorno ao Fórum, mais uma vez o recepcionista contatou o departamento de execuções criminais e pediu que a pesquisadora fosse até lá. Ao chegar ao departamento e após ficar em uma fila, foi informada de que a mulher indicada estava em

horário de almoço e que voltaria em aproximadamente uma hora e meia. Ao retornar após esse intervalo, foi possível conversar com a referida mulher, que entregou uma cópia da autorização assinada pelo juiz, e informou que o documento oficial chegaria à unidade em até dois dias.

De posse dessa informação, a pesquisadora decidiu retornar à unidade para tentar falar novamente com a diretora, a fim de saber os próximos passos. Ao chegar, foi recebida pelo mesmo agente da manhã, que avisou que a diretora estava “lá dentro” – expressando que estava com as presas – e pediu que aguardasse. O rapaz disse que trabalha há 10 anos como agente e que nunca presenciou uma rebelião; ainda segundo ele, esta unidade é “tranquila”. Contou também que, atualmente, há na unidade, 35 presas em regime fechado, 54 em regime semiaberto e 13 com prisão provisória.

Depois de aguardar aproximadamente 15 minutos, a diretora atendeu a pesquisadora, que mostrou a ela a cópia da autorização assinada pelo juiz. Diante disso, ela questionou como seria a pesquisa; após dada breve explicação, entregou uma cópia do formulário de anuênciaria, que apresenta sinteticamente do que se trata e quais procedimentos da pesquisa. A diretora anotou os contatos da pesquisadora e agendou o início da pesquisa para o dia 16 de outubro de 2012. Assim, a realização da pesquisa ocorreu entre os dias 16 e 25 de outubro.

A partir dos obstáculos relatados acima, torna-se evidente a tentativa de dificultar e/ou evitar o acesso às penitenciárias, assim como ocorrido em outros estudos relacionados à questão prisional (LEMGUBER, 1999; STELLA et al., 2010). Dessa maneira, é possível inferir, que há em torno da prisão não apenas os limites físicos das estruturas arquitetônicas da prisão, mas também limites simbólicos, os quais visam distanciar os considerados criminosos da sociedade dos homens e mulheres “de bem”; fato que resulta em mais uma punição ao indivíduo encarcerado. Além disso, as barreiras colocadas nas pesquisas relacionadas à questões prisionais, deixam claro o desinteresse político/social por essa população, a qual legalmente deveria possuir todos seus direitos garantidos, com exceção apenas do direito à liberdade, como descrito nas legislações. Assim, após diversos e constantes obstáculos, foi possível a realização da pesquisa, a qual será descrita em detalhes nos itens a seguir.

Em decorrência das dificuldades relatadas acima, a pesquisa foi realizada com dois procedimentos distintos em cada uma das unidades visitadas: um realizado por meio de observação e registro em diário de campo, a partir das visitas realizadas com a instituição

religiosa, e outro realizado após aprovação do Comitê de Ética da SAP, utilizando diário de campo e entrevistas em outra unidade prisional⁹.

3.2.2 Observações na primeira unidade prisional

Esta parte da pesquisa foi realizada a partir de visitas semanais a uma unidade prisional feminina do município de São Paulo, acompanhando a instituição religiosa. Durante as visitas, a pesquisadora seguiu as diretrizes e parâmetros estabelecidos pela instituição religiosa, a fim de evitar qualquer interferência no trabalho realizado, por esse motivo a coleta de informações ocorreu de forma menos estruturada..

Participaram desta etapa da pesquisa mulheres da unidade prisional do município de São Paulo que se dispuseram a dialogar com a pesquisadora durante as visitas com a instituição religiosa. Foram oito visitas, realizadas de julho a setembro de 2012. Conversou-se com 48 mulheres, destas apenas cinco eram brasileiras e as demais, 43, eram de países latino americanos, europeus ou africanos. Todas foram presas por tráfico de drogas.

3.2.2.1 Procedimentos

Após tentativas de entrada na penitenciária, como descrito no item *A Pesquisa e Seus Impasses*, a pesquisadora entrou em contato com uma instituição religiosa e verificou a possibilidade de inserção no ambiente prisional por meio desta. De posse da informação de que seria possível acesso à penitenciária, a pesquisadora compareceu nas formações necessárias para aquisição da credencial que permite entrada nas penitenciárias e deu início à ida ao campo empírico.

Nas visitas, tornou-se possível contato direto com as mulheres. Dessa forma, realizaram-se diálogos com elas a respeito de temáticas diversas, incluindo os seguintes assuntos: jurídicos, ocupacionais, de convivência interpessoal e educacional.

É importante ressaltar que a pesquisadora realizou anotações, em forma de diário de campo, posteriores às visitas, salientando apenas as questões educacionais que surgiram

⁹ Embora o Comitê de Ética tenha exigido a divulgação do nome das unidades prisionais a pesquisadora optou por mantê-los em sigilo, a fim de preservar as identidades e evitar quaisquer constrangimentos aos envolvidos direta e indiretamente na pesquisa.

durante os diálogos, mantendo o anonimato das mulheres, a fim de evitar quaisquer constrangimentos e exposições indevidas.

3.2.3 Entrevistas e observações do cotidiano escolar

A segunda parte da pesquisa foi realizada após aprovação pelo Comitê de Ética, do Secretário do Estado, do Juiz de Execuções Criminais do município da unidade e da direção da prisão. Após esses procedimentos, realizou-se entrevistas com as mulheres presas, seguindo os parâmetros descritos abaixo.

3.2.3.1 Participantes

Foram selecionadas 13 alunas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do ensino fundamental da escola inserida na prisão. A escolha pelos sujeitos seguiu os seguintes critérios: interesse e disponibilidade das mulheres para participarem do estudo, além de já terem frequentado escola no ensino fundamental regular e estar frequentando a escola na prisão. O número de 13 resultou de conversa inicial com alunas presas e da disponibilidade em participarem da pesquisa e representa aproximadamente 13% da população da unidade.

Cabe ressaltar que o sítio eletrônico da SAP (Secretaria de Administração Penitenciária) indica que a capacidade da unidade é de 80 mulheres e que 53 destas vagas estariam ocupadas. No entanto, a atualização desse sítio foi feita em 22 de julho de 2011 e, ao chegar à unidade, constatou-se que há 10 alojamentos com 15 camas em cada, o que deixa a unidade com capacidade total de 150 mulheres. Na ocasião da realização da pesquisa, havia 102 presas, sendo quatro libertas durante o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, o total de presas na unidade era de 98 mulheres.

3.2.3.2 Procedimentos

Primeiramente, estabeleceu-se contato com a SAP, por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPSAP). Após envio do projeto de pesquisa e sua aprovação, entrou-se em contato com a unidade prisional agendando uma reunião com a direção, para informar os objetivos e procedimentos da pesquisa. Após autorização da direção, a pesquisadora conversou com as alunas explicando-lhes os objetivos e procedimentos da pesquisa e

convidando-as a participar. Após serem definidas as alunas que participariam do estudo, a pesquisadora realizou as entrevistas de acordo com as normas institucionais da unidade. As informações foram colhidas por meio de entrevista com questões definidas previamente.

Para a realização de todas as entrevistas, a pesquisadora esclareceu as participantes o objetivo da pesquisa e sua finalidade estritamente acadêmica e que não havia qualquer relação e/ou vínculo com a instituição. Após a explicação e cessação de possíveis dúvidas, foi entregue às alunas que se dispuseram a participar da pesquisa o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO, nos quais constavam informações sobre a pesquisa, formas de contato com a pesquisadora, autorização para gravação da entrevista, além de garantia do sigilo e a preservação de suas identidades e do direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento e sem quaisquer prejuízos.

Posteriormente, com a autorização da direção e das professoras, a pesquisadora assistiu 3 aulas (uma do 1º ao 4º ano e duas aulas de 5º ao 9º ano), visando observar: estrutura física e horários da escola, andamento das aulas, entre outros aspectos. A observação foi realizada a partir de roteiro pré-estabelecido. Cabe ressaltar que no decorrer das aulas a pesquisadora não interferiu no andamento destas, apenas assistiu e tomou nota quando considerou relevante e de acordo com roteiro de observação.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em locais disponibilizados pela unidade (refeitório e biblioteca), sendo áudio gravadas com duração média de uma hora aproximadamente, levando mais ou menos tempo dependendo das necessidades das entrevistadas. É importante salientar que esta pesquisa seguiu os princípios “bioéticos” de não-maleficência, beneficência, autonomia e justiça e equidade, ou seja, não causou nenhum tipo de malefício físico, moral ou psicológico às participantes, além de ter visado proporcionar o melhor para as participantes “não só do ponto de vista técnico-assistencial, mas também do ponto de vista ético. [...] considerando, na tomada de decisão, a minimização dos riscos e a maximização dos benefícios do procedimento a realizar.” (LOCH, 2011, p.3)

Respeitou-se, ainda, o “direito da pessoa de possuir um projeto de vida próprio, de ter seus pontos de vista e opiniões, de fazer escolhas autônomas, de agir segundo seus valores e convicções” (LOCH, 2011, p.4), além de pautar-se na premissa “de igualdade de direitos, equidade na distribuição de bens, riscos e benefícios, respeito às diferenças individuais e a busca de alternativas para atendê-las, liberdade de expressão e igual consideração dos interesses envolvidos” (LOCH, 2011, p.6).

3.3 Forma de Análise dos Resultados

Após a ida a campo, realizaram-se anotações das observações em diário de campo (APÊNDICES 6.1.; 6.2.) e a transcrição literal das entrevistas, mantendo a linguagem das participantes (APÊNDICE 6.3.). Assim, os dados foram submetidos à análise do conteúdo, por meio de leitura e releitura, de maneira a compreender, organizar e categorizar as informações obtidas, partindo-se dos fatos significativos apresentados pelos sujeitos de pesquisa, agrupando-os conforme pontos comuns identificados (BARDIN, 2000), visando atingir os objetivos previstos e quaisquer outros aspectos relevantes que possam ser reconhecidos com as informações obtidas, pautando-se na Teoria Crítica da Sociedade. É importante ressaltar que nas transcrições não foram utilizados nenhum tipo de identificação, sendo todos os nomes substituídos, garantindo, assim, o anonimato. Optou-se por utilizar nas identificações os seguintes códigos: letra E+número para se referir às entrevistadas e a ordem das entrevistas e somente a letra E para representar a entrevistadora.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse item os dados são apresentados e interpretados com base em trechos de entrevistas e/ou anotações em diário de campo, além dos conceitos explicitados durante a revisão bibliográfica, a fim de traçar pontos de intersecção entre o já pesquisado e o encontrado nas unidades estudadas.

Quanto às unidades estudadas, cabe pontuar algumas características; a primeira, do município de São Paulo, que será denominada de Unidade 1 (U1), apresenta um amplo espaço físico com 4 pavilhões, nos quais habitam cerca de 844 mulheres, onde caberiam 251 (dados obtidos site da SAP), o que demonstra considerável superlotação.

A unidade do interior de São Paulo, denominada Unidade 2 (U2), apresenta espaço físico menor, sem muita área de circulação externa. Resume-se basicamente em: espaço administrativo, alojamentos, pequeno refeitório e um pátio limitado, todavia em relação a capacidade máxima e o número de encarceradas, como já apresentado, não há superlotação.

Em relação aos espaços educacionais de cada unidade, a U1 apresenta espaço específico destinado às salas de aula e biblioteca, o qual a pesquisadora não teve acesso durante estas visitas, mas que tem conhecimento da existência, pois, em outra oportunidade, conheceu esses ambientes. Já a U2 utiliza como espaços educacionais locais improvisados, como o refeitório e uma sala precária que funciona como oficina de trabalho durante o dia.

Frente a estas breves informações, apresenta-se a seguir, as tabelas 3 e 4 que demonstram resumidamente as características das participantes.

Tabela 3. Características da Unidade 1¹⁰

<i>Número de Mulheres</i>	<i>Nacionalidade</i>	<i>Tempo Encarcerada</i>	<i>Motivo da Prisão</i>
43	Latinas, europeias ou africanas	Informação não Obtida	Tráfico
5	Brasileiras	Informação não Obtida	Tráfico

¹⁰ As informações apresentadas da U1 são limitadas devido a forma como foi realizada a pesquisa nessa unidade como descrito anteriormente.

Tabela 4. Características da Unidade 2*

Identificação nas Transcrições	Idade	Nacionalidade	Tempo Encarcerada	Motivo da Prisão	Série que cursa atualmente
E1	19	Brasileira	1 ano e 4 meses	Tráfico	6 ^a
E2	30	Brasileira	3 anos e 2 meses	Tráfico	7 ^a
E3	46	Brasileira	2 anos e 6 meses	Tráfico	6 ^a
E4	30	Brasileira	2 anos e 1 mês	Tráfico	7 ^a
E5	22	Brasileira	7 meses	Tráfico	5 ^a
E6	34	Brasileira	2 anos e 1 mês	Tráfico	4 ^a
E7	34	Brasileira	1 ano e 8 meses	Tráfico	7 ^a
E8	48	Brasileira	6 meses	Furto	2 ^a
E9	21	Brasileira	7 meses	Tráfico	7 ^a
E10	47	Brasileira	1 ano e 10 meses	Tráfico	2 ^a
E11	40	Brasileira	5 meses	Homicídio	1 ^a
E12	51	Brasileira	5 meses	Tráfico	3 ^a
E13	62	Brasileira	2 anos e 10 meses	Homicídio	3 ^a

*Observação: optou por apresentar as informações somente das presas entrevistadas.

Quanto às características das participantes, nota-se que são compatíveis com o apresentado estatisticamente: em relação ao crime cometido, constatou-se que das 68 mulheres participantes da pesquisa (U1+U2), 65 foram acusadas/condenadas por envolvimento ou associação ao tráfico de drogas, sendo apenas três acusadas/condenadas

por outros crimes; em relação à idade, nota-se que, no geral, são mulheres jovens com idade média de aproximadamente 35 anos.

Após a exposição dessas informações introdutórias a respeito das participantes, apresenta-se a seguir as categorias de análises estabelecidas, após leitura e releitura das anotações de campo e das entrevistas transcritas.

4.1. Rotina e Organização Escolar

Nessa categoria, buscar-se-á apresentar um parâmetro de como é realizada a atividade educativa na prisão feminina.

Em ambas as unidades o ensino é oferecido no período noturno, entretanto apresentam uma diferença em relação ao tempo de aula, sendo na U1 de 2 horas e meia de duração independente da série cursada, enquanto na U2 o tempo de aula do 1º ao 4º ano são de 2 horas e meia e do 5º ao 9º ano de 4 horas.

Verificou-se que na escola da U2 há um funcionário responsável pela educação e pela organização desta, inscrevendo as mulheres em provas como o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM), organizando as estatísticas de aprovações e reprovações, entre outras atividades relacionadas à área educacional. Além desse funcionário, há um monitor da FUNAP, formado em geografia, que trabalha na biblioteca e é responsável por auxiliar a professora de 5º ao 9º no planejamento das aulas. Acredita-se que a U1 apresente estrutura semelhante, no entanto, não foi possível verificar devido à estruturação dessa parte da pesquisa, como já descrito.

Com relação ao espaço físico das aulas, na U1 são realizadas em ambiente próprio e na U2 em locais improvisados por falta de espaço (refeitório e oficina de trabalho).

Assim, verificou-se que as aulas de 1º ao 4º ano:

são ministradas em uma sala, onde durante o dia funciona uma oficina de borracha, logo o local tem um cheiro muito forte desse material. No local há uma lousa com o alfabeto colado em cima e em outra parede há 2 cartazes com sílabas. A professora comentou que, até o meio do ano passado, ela dava aula no refeitório e depois da sua aula é que começava a aula do fundamental II, sob a responsabilidade da FUNAP, entretanto, como a carga horária da FUNAP aumentou, ela acabou vindo para a oficina.

Há 3 cadeiras escolares, aparentemente bem antigas, 2 mesas e algumas cadeiras. Apenas uma das mesas é utilizada pelas alunas, a outra possui materiais da oficina de trabalho que acontece nesse local durante o dia. As aulas têm início às 18:00 e terminam às 20:30. Há o intervalo para o café às 20h. Ocorre a utilização da lousa, para cabeçalho, e para grafia de palavras e/ou explicação de dúvidas das alunas (Diário de campo, U2 – Visita dia 24/10).

As aulas de 5º ao 9º ano:

são realizadas no refeitório. Este possui 4 mesas grandes de concreto com dois bancos de concreto, cada. Há duas lousas na parede, além de vários cartazes com colagens e frases [...] feito pelas alunas. Além disso, há um comunicado oficial, solicitando às “reeducandas” que utilizam o espaço do refeitório para que não retirem nenhum cartaz ou figura colada nas paredes.

As aulas acontecem diariamente das 18:30 às 22h. Com alunas do 5º ao 9º ano na mesma sala e ao mesmo tempo.

O intervalo acontece por volta das 20h, que é o horário para o café noturno e, também, o horário de muitas mulheres tomarem suas medicações (Diário de campo, U2 – Visita dia 16/10).

Com relação ao funcionamento da escola e sua organização, constatou-se que nas duas unidades estudadas as classes são seriadas e possuem apenas uma professora em cada sala, sendo na U1 somente professoras internas (monitora presa) e na U2 uma professora da rede municipal de ensino, que leciona para 1º ao 4º ano e uma professora interna que leciona para 5º ao 9º ano.

Ao questionar sobre os materiais didáticos utilizados e o andamento das aulas uma das mulheres da U1:

contou que recebem material (caderno, lápis etc.); questionei se havia livros didáticos, ela disse que não, que só a professora tem livros cedidos pela FUNAP, que seguem os padrões do Estado. A professora passa a matéria no quadro e as alunas copiam. Perguntei se na biblioteca tinha livros didáticos, ela disse que não, que só há livros de histórias. (Diários de campo, U1 – Visita dia 04/08).

Quanto às aulas de 1º ao 4º ano, na U2, não há materiais didáticos próprios, todo material é trazido pela professora, em cada aula, e passado no caderno de cada aluna individualmente, conforme o “nível” em que cada uma se encontra. Às sextas-feiras a professora utiliza os 30 primeiros minutos da aula para realização de leitura. Assim, por meio de uma observação em sala de aula, verificou-se que:

a professora organiza sua aula de acordo com o exigido pelo município, adequando os conteúdos para cada uma das alunas e dentro do tempo de 2 horas de aula (Diários de campo, U2 – Visita dia 24/10).

Os conteúdos ministrados nas aulas de 5º ao 9º ano:

são todos, literalmente, apenas retirados dos livros. Todas as alunas recebem 4 livros da unidade (6º, 7º, 8º e 9º ano), bem como caderno, lápis, borracha, caneta. As aulas são montadas e organizadas de acordo com os conteúdos dos livros. Como a sala é seriada, com quatro níveis diferentes, os conteúdos são alternados, um dia utilizam o livro do 6º ano, no outro do 7º e assim sucessivamente (Diários de campo, U2 – Visita dia 16/10).

Ao conversar com a professora do 5º ao 9º ano da U2, ela comentou que sua formação é apenas ensino médio e que teve experiência como professora durante a ditadura militar quando era adolescente, e que ao ser presa optou por ajudar na educação oferecida na prisão. Questionada sobre como elabora suas aulas:

respondeu que o rapaz da biblioteca é quem a ajuda, e que as aulas são montadas, por meio dos materiais, ela foi até à biblioteca e trouxe um livro de EJA do professor com respostas e comentou que havia muitos desses na biblioteca e que estudava os conteúdos por ali para dar a aula (U2 – Visita dia 16/10).

Frente ao exposto a respeito da disposição e funcionamento da escola na prisão, foi possível perceber que a educação prisional localiza-se num lugar marginalizado na instituição, uma vez que, como descrito, as diretrizes que regem a educação na prisão não são únicas e padronizadas. Assim sendo, é possível inferir que as instituições tentam “adaptar” como possível a escola dentro da prisão, uma vez que a educação é direito do indivíduo encarcerado. Contudo, o que se observa não é a efetivação de um direito, mas sim uma forma de ocupação do tempo “livre” e um argumento para a “pseudoressocialização”.

O que se interliga com o discutido vastamente pela literatura sobre a função punitiva da prisão e que diante disso impossibilita-se/dificulta-se qualquer tentativa voltada para a educação/formação, pois dificilmente será possível promover atividades educativas num local historicamente voltado para a punição.

Além disso, foi possível verificar a ausência de vagas nas escolas para todas as mulheres que necessitam, pois, segundo relatos, o espaço de realização das aulas é limitado em relação à demanda. Todavia cabe questionar: qual o interesse em investir em educação para pessoas encarceradas? Acredita-se, assim como exposto outras pesquisas relacionadas ao tema, que a escola na prisão apresenta-se como espaço precarizado, de pouco investimento e interesse público. Além disso, não é considerado importante oferecer estudo para essa parcela da população, pois no imaginário social está instituído que os “criminosos” não têm o direito a “privilegios”, sendo o oferecimento de educação encarado dessa forma. Propaga-se, assim, a ideia da escola prisional como um privilégio ao preso, o que muitas vezes é reproduzido na fala de algumas participantes ao comentarem que precisam aproveitar a “oportunidade” de estudar na prisão.

Por outro lado, foi possível verificar que as mulheres ao mesmo tempo em que consideram a educação como um privilégio também percebem suas problemáticas, sobretudo em relação à organização da escola e aos conteúdos ministrados, apontando diferenças e semelhanças entre a educação oferecida na prisão:

E13 - eu acho que no meu tempo aprendia mais coisa do que agora. Não é porque eu era nova e tinha a mente boa, não. É que ensinava mais as coisas mesmo.

E3 – Ó! Algumas matérias são diferentes aqui... a gente usa mais lição de livro, na rua tinha mais explicação, mas o conteúdo é a mesma coisa. Mas também não adianta o professor vir falar e não tiver interesse, aqui o povo vem pra fica conversando.

E7 – Ah, em que é diferente? Acho que na matéria, acho que... ah, no conteúdo, né? No... mais o quê? [pausa] no... interesse de se ensinar e de se aprender. Têm pessoas que fazem por amor, ensina por amor, igual

quando você faz uma coisa que você gosta, outra que quando você faz, você é obrigado, é diferente.

Frente a essas afirmações, evidencia-se alguns pontos observados durante o acompanhamento das aulas, como a precariedade dos conteúdos ministrados, embora sejam os mesmos do ensino regular, na perspectiva das mulheres falta comprometimento por parte de quem ensina e de quem aprende, como dito por E7 e E3.

Atrelado a estas manifestações, verifica-se um discurso de valorização da escola do passado, exemplificado na fala de E13, e da meritocracia, expressos por E3 e E7, nos quais deprecia-se a escola prisional e, principalmente, o indivíduo que não se esforça e por esse motivo, “não chega a lugar algum”, “não aprende”, reproduzindo assim a tendência a culpabilização do indivíduo por seu “sucesso” ou “fracasso”.

O que se visualiza diante da situação da educação escolar na prisão é uma desorganização mascarada por um discurso de validação dos direitos das presas, no entanto, ao problematizar e vislumbrar a educação prisional com um olhar crítico, nota-se, nesse ambiente, que reproduz muito da sociedade, a potencialização dos problemas sociais.

Tomando os conceitos dos autores frankfurtianos, apresentados neste estudo, verifica-se que o discutido por eles ocorre em todo o âmbito educacional, mas que, no ambiente prisional, as situações de semiformação são ainda mais gritantes que fora da prisão, uma vez que, por ser considerada a “escória” da sociedade, a população carcerária não necessita de formação. O que se quer destacar, aqui, é que se a escola não é o que poderia ser, tomando como objetivos a formação do indivíduo e a emancipação social, na prisão, essa distância entre o possível e o real parece ser ainda maior. Outro ponto relevante é que os sujeitos desta pesquisa são mulheres, fato que salienta todos os preconceitos de uma sociedade predominantemente machista, na qual a mulher nada mais deve fazer do que cuidar da casa e ser amável e dócil. Ao romper com a imagem idealizada da mulher, as presas lidam com todas as discriminações possíveis, sendo vistas como alguém que se desadaptou completamente do socialmente aceito. Acabam atacadas duplamente: por ser mulher e por não ser a mulher “perfeita”.

Atrelada à essa problemática da mulher criminosa na sociedade, apresenta-se o descaso com a educação prisional, que acaba por se potencializar, além disso, ao pensarmos, não apenas na escola, mas também na “ressocialização” pelo trabalho, vê-se que este apresenta-se intimamente ligado à lógica do capital, sem nenhum conteúdo educacional que pudesse apontar para a ressocialização, pois é precário, mal remunerado e alienante, não permitindo nenhum tipo de reflexão acerca do realizado mecanicamente, assim o que se vê nas prisões são linhas de produção, nas quais as máquinas são substituídas por “indivíduos-máquinas”.

Dessa maneira, considerando os pontos apresentados, é possível inferir que trabalho e escola na prisão são mecanismos de “passatempo”, de “ocupação da mente” e servem, principalmente, para manterem a lógica de “pseudoressocialização”, pois diante das situações apresentadas não é possível dizer, assim como já constatado anteriormente e amplamente exposto na literatura, que a prisão reintegra o indivíduo à sociedade, uma vez que oferece a este condições mínimas de reflexão sobre si e sobre o mundo, o que dificulta a possibilidade de formação e resistência, pois em um local reservado a punição dificilmente poderá ser utilizado como local de emancipação.

Em contrapartida, é importante salientar que a educação, embora precária e mal estruturada, fornece aos indivíduos certos subsídios e possibilita, em algum nível, transformações individuais, como as mudanças citadas por algumas entrevistadas que serão descritas e analisadas adiante.

4.2. Trajetórias Escolares

Nessa categoria são discutidas as histórias escolares das participantes da pesquisa visando compreender o lugar que a educação ocupa/ocupou em suas vidas, bem como refletir a respeito das influências do meio em suas decisões educacionais.

Por meio do que expressaram as mulheres da U2, verificou-se que todas tiveram experiência escolar anterior à prisão, além disso, algumas apresentaram episódios de evasão e retorno à escola por mais de uma vez, enquanto outras abandonaram a escola quando criança e só retornaram na prisão.

Os motivos que impulsionaram a saída da escola foram diversos, predominando, entretanto, questões relacionadas à situação socioeconômica das famílias como citado pela entrevistadas:

E8 – Estudei bem pouco, bem pouquinho.[...]. Não estudei nem a 1ª inteira.

E – E qual foi o motivo que você entrou e saiu?

E8 – Porque lá na minha casa era assim: minha mãe tinha bastante filho, eles tiveram... é... 15 filhos, e os mais grandinhos, ele (pai) levava pra roça, pra cortar cana com ele.

E – Aí você teve que trabalhar bem cedo, então?

E8 – Eu trabalhava, cortava cana, né? Daí, quando... um dia na semana ou duas vezes na semana, ela mandava 'nós pra escola, mandava a gente pra escola. Nossa! Eu gostava de ir pra escola. Gostava de estudar, menina, mas era mais na roça do que na escola.; a professora ficava brava: “não pode faltar”... Falava pra mim, né?. É... meu pai que leva 'eu' pra roça, se não fosse, ele até batia. Não era só eu, tudo, as minhas irmãs, nem elas sabem escrever. Nenhuma das minhas irmãs, não sabe.

E10 – Então eu estudei normal, eu entrei no 1º ano e só estudei até o 2º, depois eu saí da escola porque tinha que trabalhar. [...] Chegou um tempo, eu voltei, mas aí, eu parei de novo. [...] Voltei, mas eu parei de novo, ah, dai eu não tinha mais paciência.

E11 – Ah, eu cheguei a ir pra escola quando criança, só que eu não aprendi a ler, fiz só o 1º ano; faz tempo.

E – E por que você deixou de ir pra escola?

E11 – É porque as coisas... pra... era de dificuldade, mais difícil, né? E a minha mãe tinha muita criança pequena e nós 'era' tudo pobrezinho, não tinha como nós... e minha mãe manter 'nós' na escola.

Nas falas das entrevistadas 8 e 10, nota-se explicitamente a questão do trabalho como principal impulsionador da saída da escola. Embora verbalize que “gostava de estudar” E8 não apresentava condições, assim como outras mulheres, para continuar estudando, pois as dificuldades econômicas levaram-na ao trabalho ainda muito jovem, sem possibilidade de vislumbrar o retorno ao estudo, sendo este viabilizado apenas ao entrar na prisão.

Quanto à fala da E10, esta relata a tentativa de retorno a escola, mas justifica sua saída pela falta de “paciência” para estudar, reproduzindo assim a ideia, predominante para muitos, de que só é possível e permitido estudar quando criança.

Na fala de E11 evidencia-se a questão da pobreza como justificativa para a interrupção dos estudos, pois não havia condições para manter os filhos na escola. É importante ressaltar que essa manutenção se relaciona, principalmente, com condições objetivas tais como: dificuldades para locomoção até à escola, a qual muitas vezes era distante das residências e exigia grandes caminhadas.

Dessa maneira, pode-se considerar que as dificuldades socioeconômicas das famílias podem levar aos obstáculos para a escolarização, além disso, considerando o discutido na revisão da literatura, vê-se que os problemas financeiros relacionam-se diretamente com as possibilidades de escolha da família em relação à escolarização, escolha esta que fica limitada.

Outro ponto relevante, quanto à saída da escola, relaciona-se a questões pessoais/subjetivas, como verbalizado pelas entrevistadas 1, 2 e 3:

E1- Bem antes de entrar na prisão, eu ia na escola, mas não frequentemente, porque eu não tinha tempo de ir.

E – Você não tinha tempo de ir porque trabalhava?

E1- Não, eu não trabalhava, ficava na rua mesmo, cuidava dos meus irmãos, aí, eu não ia pra escola.

E2 – Eu parei de estudar quando tinha 12, 13 anos. Eu gostava muito de estudar, amava as professoras. Aí, eu parei de estudar quando teve a

mudança de escola, e aí ficou da 1^a a 4^a em uma, e da 5^a a 8^a em outra, aí eu parei quando fui pra 5^a porque mudou todos meus professores, 'tinha' vários professores e a de inglês era insuportável. Antes disso, eu nunca tinha tido aula de inglês, foi mais por ela que eu resolvi parar. Eu sempre morei com a minha mãe, porque meus pais eram separados, aí eu falei pra minha mãe que ia parar de estudar e ela disse que tudo bem, aí eu parei na 5^a e só voltei a estudar aqui.

E3 – A última vez que eu fui na escola tinha 14 anos, comecei a 5^a série, mas parei e voltei aqui. Hoje eu me arrependo de não ter ouvido meu pai. Era bom estudar.

E3 – Ouvia meu pai, ele dava muito conselho, ouvia as amigas falando que tinha que estudar pra ser alguém na vida, que a gente morava no sítio, era difícil, falava que tinha que fazer faculdade. Aqui tudo o que aparece eu faço, palestra, tudo. Hoje eu poderia estar formada, já.

Na fala da entrevistada 1 apresenta-se certa desvalorização da escola, pois diz que não tinha tempo de ir à escola, deixando evidente na continuação do relato que não ia à aula para ficar na rua.

Diante disso, infere-se que o abandono/descaso com a escola está relacionado com uma concepção cristalizada de que classes mais pobres “não têm direito” à escolarização nem à ascensão social, o que é reproduzido constantemente sem questionamentos e reflexões.

No relato de E2 visualiza-se como principal motivo para o abandono da escola a mudança ocorrida da 4^a para a 5^a série, o que leva a entrevistada a enfrentar dificuldades que não tinha antes, como entrar em contato com a língua inglesa e ter diversos professores. Todavia, vale salientar que dificuldades são frequentes para outros alunos também, mas para ela tiveram um peso muito grande, além disso, houve a validação, por parte da mãe, de sua escolha por sair da escola, o que aparentemente teve muita importância para a entrevistada.

Na fala da E3 fica evidente sua autoculpabilização pela evasão escolar, verbalizando arrependimento relacionado, principalmente, à lógica de instrumentalização da escola para o mercado de trabalho, para ser “alguém na vida”. Assim, em seu depoimento, explicita-se a ideia da educação escolar como possibilidade de ascensão econômica/social, o que em parte constitui-se como verdade, pois para algumas pessoas a educação escolar realmente possibilita esta ascensão, contudo, isso ocorre como exceção e não como regra, uma vez que, na lógica do capital e do consumo, é necessário que existam classes econômicas e sociais subalternas para a manutenção do sistema capitalista. Essas classes assumem posições precárias no mercado de trabalho e as únicas motivações são a possibilidade de ascensão social ou, no outro extremo, a necessidade de sobrevivência. Essa lógica perversa que aprisiona os indivíduos é a mesma que leva muitas das mulheres

encarceradas ao crime, pois visualizam, principalmente pelo tráfico, uma possibilidade rentável para sobrevivência e sustento da família, além de aumento do acesso ao consumo.

Assim, por mais que existam distinções pessoais nas trajetórias escolares das mulheres entrevistadas, o pano de fundo por trás de suas histórias de vida é a sociedade capitalista que aprisiona todos os indivíduos em suas amarras do trabalho e do consumo, gerando mínimas possibilidades de resistência e emancipação, pois nessa sociedade não são necessários indivíduos emancipados, mas, sim, aqueles que reproduzem e se adaptam tornando-se *well adjusted people*.

Assim, percebe-se, por meio das histórias de vida das mulheres, que a escolarização esteve/está sempre atrelada à lógica capitalista, pois, seja evadindo-se ou mantendo-se na escola, a motivação que a sustenta está ligada às amarras do trabalho e às possibilidade de ascensão. Todavia esses mecanismos servem apenas como formas de manutenção do sistema vigente e, de outra parte, sustenta a semi-formação socializada, a qual atinge toda a sociedade e potencializa-se nas áreas mais marginalizadas.

4.3. Motivações pessoais para frequência às aulas na prisão

Nesta categoria buscar-se-á discutir as motivações das participantes para frequentarem as aulas dentro da prisão.

Verificou-se, por meio das entrevistas e observações, pontos de desmotivação e de motivação para ida à escola. Em relação ao primeiro, as mulheres verbalizaram principalmente o cansaço e a “preguiça” como geradores da desmotivação como explicitado abaixo:

uma delas comentou que gostaria de estudar para aprender a escrever melhor, mas, como chega muito cansada do trabalho e acorda muito cedo, acaba por não estudar (Diários de campo, U1 – Visita dia 04/08).

disse que não estava mais indo à escola porque é muito cansativo (Diários de campo, U1 – Visita dia 11/08).

E3 - A única coisa que as vezes eu fico um pouco irritada é porque eu volto muito cansada do trabalho.

E4 – Ah, eu, na verdade, a hora que chega a hora de ir pra escola dá aquela preguiça e não dá vontade de ir, né? Aí começa a enrolação, mas depois acabo indo.

Frente a esses relatos, nota-se que a rotina institucional e, principalmente, a de trabalho sobrecarrega o cotidiano das mulheres, deixando-as cansadas e, quando podem optar por estudar ou não, como na U1, acabam por escolher o trabalho em detrimento do estudo, pois se considera que trabalhar traz mais benefícios à presa do que o estudo, uma vez que oferece, ainda que precário, um salário e a remição de pena. E, embora também exista a remição pelo estudo, agora como lei, ainda há o desconhecimento desse direito por muitas presas, além disso, há trâmites burocráticos que dificultam a efetivação desse direito como citado pelo responsável pela educação escolar na U2:

Perguntei a ele a respeito da remição de pena pelos estudos, e comentei que havia ouvido das mulheres que o juiz não estava considerando a remição. Ele comentou que o que está acontecendo é que o juiz (do município) tem considerado remição de pena apenas para as mulheres que estudam do 1º ao 4º ano, pois estas séries estão vinculadas ao ensino municipal, e não tem considerado o fundamental II, pois é de responsabilidade da FUNAP e, segundo ele, o ensino é desvinculado de órgãos educacionais e, por esse motivo, o juiz tem indeferido a remição (Diários de campo, U2 – Visita dia 22/10).

Com a explicação do responsável pela educação na unidade verifica-se, mais uma vez, o lugar marginal que a educação escolar ocupa na prisão, pois ela ocorre em condições mínimas e, como não é de responsabilidade direta da Secretaria Estadual de Educação, acaba por encontrar obstáculos para sua validação, o que reflete na adesão e frequência das mulheres à escola, uma vez que essa é cercada de incertezas sobre sua funcionalidade e, principalmente, de sua serventia para remição de pena. Assim, é comum as mulheres optarem pelo trabalho que oferece garantias imediatas (salário, remição e ocupação).

Com relação às motivações para frequência à escola, as mulheres verbalizam, principalmente, quatro fatores motivacionais: escola como passatempo, escolarização como oportunidade/emprego, educação escolar relacionada à aprendizagem/recuperação do tempo perdido e a escola como obrigação.

disse que estuda no horário das 17h, que no seu dia a dia, trabalha e vai direto para a escola, segundo ela, assim o tempo passa mais rápido, pois trabalhando e estudando volta para cela por volta das 21h; aí já toma banho e dorme, e no dia seguinte inicia sua rotina novamente (Diários de campo, U1 – Visita dia 01/09).

E12 – Ah, porque eu não tinha nada que fazer, aí vi as outras meninas, as colegas minhas indo, eu disse: “ah, vou também, né?” [...] Eu falei: “eu faço qualquer coisa pra ocupar o tempo”, e eu gosto.

E8 - Hoje eu vejo, né? O quanto que é importante a escola, hoje eu vejo. Eu quero escrever uma carta pro meu marido, que ele tá preso também, eu tenho que pedir pra minha amiga, companheira minha. [...] Eu cheguei aqui dia 16, quando foi dia 17, graças a Deus, comecei estudar, já entrei na escola, que eu mais queria na minha vida era estudar, que a gente

estudando, a gente não fica pensando nas coisas, a hora passa mais rápido.

E10 – Ah, porque eu queria estudar lá em São Bernardo, que eu comecei, né? Pra mim, aprender mais alguma coisa e pra remição também, né? [...] acho melhor ficar lá do que ficar andando por aí, eu gosto de ficar na escola por isso, né? Porque passa o tempo, eu saio da escola e já vou dormir.

E6 – Ah [pausa], que é bom pra gente, né?! Estudar pra... a gente ganha remição [pausa] e aprende o que não conseguiu aprender quando era pequena.

E7 – Eu gosto muito de aprender, eu sou muito curiosa, eu gosto de conhecer o que eu não conheço, eu gosto de é... [pausa] sou muito perguntadeira; o que eu não entendo, eu quero saber; o que eu não sei, eu quero saber, porque o que eu não sabia, eu quero aprender, sabe? Eu gosto de estudar.[...] Eu queria prestar muito as provas do ENEM, mas eu acho que eu não passei na de ontem, então não tem, né?... sem chance, né? Se eu não consegui passar na de ontem, né? Que é super fácil, imagina a do ENEM.[...] Eu queria, eu queria muito. Sabe, já que eu tive a oportunidade de estar voltando a estudar, eu queria muito, só que... queria fazer (faculdade) de assistente social.

E2 – Ainda falta um ano e pouco, mas eu acho que vai ajudar, porque eu pretendo continuar estudando lá fora e, aí, eu já tenho um caminhãozinho aqui dentro. Não sei, talvez ajude a arrumar um emprego, porque hoje em dia, até pra ser catador de lixo, precisa ter estudo.

E3 – Eu vi, assim, uma nova chance pra mim. Se eu tivesse na rua talvez eu não tivesse estudando. Lá fora eu trabalho, falava que ia estudar, mas nunca tinha tido, assim, vontade. Apesar de ser uma prisão, a gente sabendo aproveitar a oportunidade, tem muita coisa boa. Assim, vai ter essa prova, se eu passar vou pegar meu diploma quando sair e arrumar um emprego.

É interessante notar o que sobressai nos depoimentos: a escola como passatempo e, embora algumas expressem gosto pelo estudo/aprendizado, isso aparece como motivação secundária e intimamente relacionada com a empregabilidade, ou seja, a educação escolar na prisão faz parte de um conjunto de atividades para ocupar o tempo, sendo a principal o trabalho e a escola complementar a este. Parece existir a crença de que a escolarização possibilitará as mulheres novos empregos ao saírem da prisão. Todavia essa possibilidade de trabalho pós-prisão é algo escasso, uma vez que os egressos sofrem discriminação que os distanciam da sociedade dos “homens de bem”.

O que se observa frente à essa questão é a reprodução da concepção de educação para o trabalho, a partir do que a escola só é útil permitir o vislumbre de ocupações futuras; entretanto, a precariedade exposta da educação prisional só valida e promove a semi-formação, pois quais são as condições de formação cultural na escola da prisão?

Considerando a prisão um local destinado à punição, é praticamente impossível levar o indivíduo à emancipação e à autonomia, o que seria, teoricamente, viabilizado pela educação, mas esta acaba tendo como função principal a ocupação do tempo, a fim de distrair as mulheres, aliviando angústias geradas pelo cárcere, minando, assim, quaisquer possibilidades de educação (formação para a reflexão).

Outro ponto que pode ser destacado, aqui, é em relação ao que diz a LDB sobre os objetivos da educação nacional, a qual deve estar diretamente vinculada ao mundo do trabalho, dessa maneira infere-se que o que é visto na prisão é a reprodução da legislação, assim como ocorre no meio externo, porém se visualiza essa reprodução de modo potencializado. Assim a escola prisional, ao mesmo tempo, representa uma punição devido à sua obrigatoriedade e legitima o cumprimento (efetivo ou não) da legislação, uma vez que dificilmente a educação ofertada no interior das penitenciárias oferecerá subsídios para a “reinserção” do indivíduo ao mercado de trabalho. Por fim, visualiza-se, diante da questão da punição e do exigido por lei, que as possibilidades de formação e emancipação são dificultadas.

No caso da U2, onde o estudo é obrigatório, verifica-se que, embora apareçam outras fontes de motivação, como descritas em algumas das falas anteriores, a questão da obrigação acaba sobressaindo de maneira negativa, como exemplificado pelas entrevistadas:

E1- Então eu tava em outra unidade, em Ribeirão Preto, e lá eu não estudava, porque eu só fiquei 20 dias lá. aí não deu tempo de começar a estudar. Eu procurei porque eu gosto de estudar e aqui é obrigado a estudar, né? Porque quem não terminou o fundamental tem que estudar aqui.

E7 – Não. Aqui a gente é obrigado a estudar, não é eu que procurei, a escola que procura a gente .

E13 – Aqui é obrigatório estudar. [...] Eu, agora, vou ser sincera: não queria estudar mais, porque eu 'tô' indo porque é obrigatório, mesmo, que nessa idade vou estudar pra quê? Agora não tem mais futuro... 62 anos... 'tá' estudando, agora... agora não faz mais falta escola pra mim.

Com a obrigatoriedade do estudo na U2, avalia-se que a educação acaba se tornando mais um instrumento de controle e punição dentro da prisão, gerando resistências e descontentamento com a ela, o que potencializa ainda mais o adestramento dos corpos realizado nas prisões. Assim, a escola que poderia ser utilizada para aprendizagem, contato com o mundo externo e, no limite, para oferecer alguma formação, acaba sendo mais uma ferramenta de coerção, pois se não houver frequência as aulas, as mulheres ficam sujeitas a penalizações como, por exemplo, transferência de unidade.

Por fim, observou-se que as motivações para a frequência às aulas, por mais pessoais que possam ser, apresentam semelhanças: muitas vezes estão relacionadas a aspectos afetivos, como escrever cartas para alguém, recuperar o tempo perdido quando criança e, muitas vezes, com a exaltação da oferta de estudo na prisão como oportunidade e nova chance, o que prossegue, reproduzindo a noção de educação prisional como privilégio. Outras vezes, a escola ganha uma conotação mais prática, com sua transformação em instrumento que permitirá a reinserção na sociedade via mercado de trabalho; de certa forma, essa situação complementa o ciclo reprodutivo de mão-de-obra barata e precarizada da qual o capital não pode abrir mão.

4.4. (Im)possibilidade de autonomia e emancipação

Nesta categoria são analisadas as possibilidades de autonomia e emancipação no interior da instituição prisional. A análise se pauta nos referenciais teóricos e é dividida em 3 subitens: controle *versus* “vida melhor”, no qual se discutem os mecanismos de controle na prisão e a ideologia da ressocialização; a organização da instituição prisional, que apresenta a rotina da instituição e sua influência nas internas; e, por fim, discutir-se a condição da mulher presa e alguns aspectos de sua identidade individual e social.

4.4.1. Controle *versus* “vida melhor”

Como verificado na literatura e confirmado durante as visitas às unidades, a prisão é um local cercado de normas, regras e horários, ou seja, o controle é exercido o tempo todo. Esse controle, por um lado, foi explicitado no discursos das entrevistadas, mas, por outro, talvez como forma de amenizar o sofrimento pelo fato de se encontrar encarcerada, o controle foi posto como algo positivo, possibilitando às mulheres “oportunidades” de aprendizado escolar ou não escolar, o que as levaria a uma “vida melhor”, como exemplificado nas falas das entrevistadas:

[uma das detentas] Contou-me que considera que foi bom ter sido presa, pois se não tivesse sido condenada por 13 anos, e tivesse, por exemplo, ficado 30 dias presa e depois fosse solta, provavelmente voltaria para o tráfico, pois consideraria que era tranquilo fazer algo errado, mas como foi condenada a muito tempo, não quer mais voltar para ele (Diário de campo, U1 – Visita dia 04/08).

E8 - quando é 22h, é hora do silêncio, aí não pode... é... só pode ir no banheiro, não pode ficar andando no corredor mais, apaga a luz, a gente tem que falar baixinho no alojamento, tudo debaixo de regra.

E3 - Aqui eu aprendi a fazer crochê, que sempre quis aprender e vim aprender aqui dentro. É preciso aproveitar as oportunidades que tem aqui dentro e usar lá fora. Até hoje eu não acredito que 'tô' na prisão, parece que na saidinha, eu 'tô' de férias e depois volto pro trabalho.

E5 – Aqui dentro, por mais que seja uma prisão, a gente aprende muita coisa, a gente aprende muita coisa; a gente aprende a dar valor 'numa' folha de papel que você não dá lá fora... aqui dentro você aprende a dar valor. Então, eu acho que aqui dentro tem mais ensinamento do que lá fora. Porque, lá fora, você escuta muito assim... muita coisa só que 'cê' não dá ouvido pras coisas que você escuta lá fora, 'cê' vem dar ouvido quando você cai dentro de um lugar desses. E só a gente que passa por um lugar desse é que a gente 'tá' sabendo.

A partir desses relatos é possível perceber, de forma evidente, as contradições institucionais que, refletidas nas expressões das presas, apresentam a prisão como um ambiente hostil e ao mesmo tempo disciplinador. A disciplina está envolta na ideia de que regras e coerção levam o indivíduo a aprender a ser “um cidadão de bem”. Todavia, vale conjecturar que a perspectiva de vida melhor pós-prisão se constitui como uma ilusão, pois ao sair da instituição penal é provável que essas mulheres sofram discriminação e aquilo que “aprenderam” na prisão, considerado como oportunidade, servirá, provavelmente, para minimizar os efeitos do preconceito.

Além disso, é visível no discurso da entrevistada da U1 a culpabilização e aceitação de sua identidade de presa, o que nos leva a considerar que essa mulher já se adaptou irrefletidamente à situação institucional, o que dificulta a educação para a emancipação. Outro ponto apresentado, principalmente nas falas de E3 e E5, é certa exacerbação das possíveis “oportunidades” que são oferecidas na prisão, como o crochê citado por E3.

Como já discutido, na prisão as tendências sociais se potencializam, dessa maneira é comum, como exemplificado por E5, a supervalorização de coisas (folha de papel: o valor atribuído pode ser em decorrência da chamada consciência ecológica, muitas vezes trabalhada como conteúdo moral) em ocasiões tanto intra quanto extramuros. Todavia considera-se que os depoimentos das mulheres apresentam aspectos que ocultam os sofrimentos vividos no cotidiano do cárcere e em decorrência do simples fato de se encontrarem privadas de liberdade, a fim de tornar seu dia-a-dia mais aceitável. Entretanto, diante da postura dessas mulheres em amenizar seu sofrimento, nota-se que elas o fazem por meio da cisão com o meio prisional, por um lado tentando “negar” e/ou minimizar os efeitos punitivos da prisão e por outro assumindo e “aceitando” seu papel de presa e passível de punição, vislumbrando, assim, seus direitos como privilégios, o que as leva à alienação de si próprias e do ambiente, fato que inviabiliza sua reflexão e revalida a prisão como um local de punição e não de formação.

4.4.2. Organização da instituição prisional

Neste subitem, busca-se evidenciar a “domesticação” que a prisão exerce sobre as mulheres encarceradas e a influência em suas atitudes e posturas.

a Agente de Segurança Penitenciária (ASP), veio anunciar a pausa para o café. As mulheres, que assistiam à aula, levantaram-se e se dirigiram à fila do café, então, foi dado um sinal e todas as mulheres da unidade se dirigiram para a fila (Diário de campo, U2 – Visita dia 16/10).

E2 – Bem, eu levanto 6h30, tomo café, 7h30 vou lá para fora limpar, cuidar das plantas, aí, 10h50 eu entro, almoço 11 horas. Depois eu durmo um pouco, aí, às 14h tem o café, 14h30 eu saio para jogar o lixo, volto, tomo banho e espero a hora de ir para aula. Essa é a minha rotina, hoje.

E5 – É puxado: trabalho, escola, então, não dá tempo. Só... no final de semana eu vou pra igreja, tem igreja no final de semana, no sábado. No domingo tem a visita. Então... é... o tempo que eu tenho pra estudar, pra ler o livro ou é no sábado à tarde ou no domingo à tarde. Só que aí eu chego cansada e desbundo.

E2 – Se alguém abandona a escola, rola sindicância e a pessoa vai de bonde, todo mundo que vem para cá sabe que é obrigatório estudar e trabalhar, seja qual for o serviço e salário.

Com essas manifestações, evidenciam-se regras de controle e organização institucional, o que é efetivado por meio da administração do tempo. Tenta-se ao máximo ocupar o cotidiano das mulheres. Durante a semana, com o trabalho, a escola e demais horários de refeições e banho, o que mantém as mulheres ocupadas por aproximadamente 15 horas por dia, como verificado no discurso de E2 e nas observações realizadas na U2.

Além das ocupações durante a semana, E5 explicita a rotina do final de semana que, embora não tenha horários tão definidos, dificulta qualquer tentativa de romper com a rotina administrada. Dessa forma, questiona-se: qual a possibilidade de reflexão nesse ambiente coercitivo e angustiante no qual evita-se e nega-se o “tempo livre”?

Postula-se que, devido à tentativa de ocupar o tempo das internas a todo instante, independente da qualidade do que é oferecido, as mulheres são levadas a se adaptarem cega e irrefletidamente às rotinas, acreditando ser algo benéfico para elas, tanto as “oportunidades” como os “passatempos”. Contudo, essa lógica da ocupação do tempo acaba por evitar que as mulheres reflitam sobre sua situação de mulher e de presa, evitando ao máximo a autonomia, uma vez que gerar indivíduos pensantes e emancipados não é interesse desse mecanismo de coerção e controle social chamado prisão, pois, se os indivíduos, que lá se encontram, saíssem de fato “recuperados”, esse poderia se constituir

em um risco para o sistema social e o caráter punitivo do sistema penitenciário também poderia ser questionado.

Dessa maneira, em consequência das rotinas institucionais administradas, surgem os controles paralelos com regras, hierarquias e punições “internas”.

surgiu na mesa o assunto de dívidas na prisão, as mulheres contaram de um caso de uma jovem que se suicidou, pois estava com muitas dívidas e sendo muito pressionada, junto ao seu corpo estava uma carta com o nome de todas as mulheres para quem ela devia – estas mulheres foram transferidas para outra unidade (Diário de campo, U1 – Visita dia 25/08).

contou que saiu do emprego na cozinha, pois era muito cansativo e tinha muita encrenca entre as mulheres, desde então tem ficado no pavilhão, mas disse que já pediu para ir para outra empresa, contou também que a diretora não quer mais ninguém no pavilhão, quer todo mundo trabalhando, pois tem trabalho. Ela disse também que na cozinha é onde pagam melhor, um salário mínimo, mas que é muita dor de cabeça, muita briga (Diário de campo, U1 – Visita dia 29/09).

Esses relatos permitem visualizar a existência de controle interno entre as mulheres, bem como a violência que, embora, muitas vezes velada, existe de forma constante e intensa. Uma hipótese sobre a violência velada nas prisões femininas incide sobre o papel, historicamente destinado às mulheres, marcado com as seguintes características: ser frágil, dócil e amável. Contudo, essa violência parece ocorrer no interior das prisões femininas de forma tão frequente e intensa quanto nas prisões masculinas.

Pode-se considerar que essa hierarquia interna, embora possa apresentar-se de maneira tão repressiva quanto à hierarquia institucional, constitui-se como uma tentativa de resistência e cisão com a rotina institucional, todavia essa tentativa acaba, muitas vezes, sendo reprimida pela instituição por meio de intervenções como a *blitz*, o envio para a “solitária”, as transferências e outros tipos de represálias.

Por fim, durante a realização desta pesquisa foi possível compreender a dinâmica da instituição prisional feminina, bem como suas peculiaridades relacionadas à organização. Assim, evidenciou-se que a prisão, com seu controle e coerção, manifesta uma contradição: embora seu discurso seja o da ressocialização e adaptação do indivíduo à sociedade, o que acaba realizando efetivamente em sua prática é a socialização e adaptação do indivíduo às amarras institucionais, o que direta ou indiretamente determina o lugar social que o indivíduo ocupará fora do espaço da prisão.

4.4.3. Condição da mulher

Nesta categoria são apresentadas algumas manifestações das entrevistadas que salientam a situação da mulher na sociedade ainda predominantemente machista, que discrimina e a mantém nessa posição subalterna. Considerando a condição da mulher encarcerada, duplamente marginalizada, o que se explicitou nos relatos foi uma trajetória de subordinação, seja - na infância - ao pai, na adolescência e na vida adulta - ao marido -, e, por fim, também no contexto da criminalidade, sendo visível a introjeção pelas mulheres desse local e papel:

E12 – Quando eu fui criança, foi assim, meu pai não deixava nós estudar. Aí meu pai faleceu, eu tinha 11 anos. [...] Aí a gente foi morar numa colônia que tinha escola, aí eu entrei, estudei acho que uns 3 mês nessa escola, saímos, estudemos em outra.

Na fala de E12 pode-se notar a exemplificação da barreira colocada pelo pai para os estudos, fato que demonstra sua posição subalterna em relação à família, sendo colocada à margem e impedida de estudar. Só foi possível romper com essa “proibição” apenas com a morte do pai, o que a levou a adentrar na escola com idade “elevada”, o que a fez sofrer preconceito por parte das outras crianças e, consequentemente, contribuiu para o abandono da escola, como relatado por ela:

E12 – [...] a turma dava risada de mim, que eu era já mocinha, né? Já tinha seião, tudo, aí eles 'falava' se eu num tinha vergonha de 'tá' estudando, uma mulher, já, e estudando. Aí, onde que eu peguei e: "ah, se eu sou grande, eu vou trabalhar". Então, eu fui pra roça.

Com sua fala fica evidente a discriminação que sofreu e, embora quisesse estudar, acabou optando pelo trabalho, a fim de ajudar financeiramente à família e ocupar o lugar de “mulher” que já não poderia mais estudar. Atrelado a isso, observa-se a ideia de que só é possível e aceitável estudar quando criança, sendo “errado” ou motivo de “vergonha” estudar quando adulta, como fica claro também no relato de E8:

E8 – [...] Aí, depois com 12 anos, eu saí da minha casa, fui morar com o pai... fui morar com meu namorado, né? Com 12 anos, ele tinha 18. Depois de... com 12 anos, quando 'faltava' alguns meses pra fazer 13 anos, nós 'teve' o 1º filho. Eu fiquei mãe muito cedo, aí, mais... bem que eu perdi a vocação de escola... ainda, eu não tive interesse mais, porque, daí, eu tinha que cuidar da casa, cuidar do nenê, eu achava que não tinha importância estudar.

Além da questão apresentada acima, E8 evidencia a trajetória de subordinação que viveu. Passando, ainda criança, a assumir o papel de esposa submissa que deveria “cuidar da casa e do filho”, o que reproduz o local da mulher historicamente constituído, no qual esta deve ter como funções apenas os afazeres domésticos e estar voltada para a família. Assim, foi possível verificar, nos depoimentos da maioria das entrevistadas, a “necessidade”

de permanecerem em seus lares para cuidar e educar seus filhos, reproduzindo a noção de que a mulher é/seria a única responsável e capaz de educar os filhos. Essa concepção se dissemina envolto em preconceitos e produz a subestimação, limitando e oprimindo a mulher, fato constantemente reproduzido até os dias atuais. A mulher, embora lute pela igualdade de direito, ainda permanece implícita ou explicitamente submetida às regras machistas pautadas no modelo da família burguesa. O que fica claro nas falas das entrevistadas:

E7 – [...] eu ainda estudei grávida, depois que minha filha nasceu, eu optei por parar pra cuidar dela.

Além da subordinação à função histórico-social da mulher, há exposição à violência física ou simbólica, principalmente por parte das figuras masculinas que as cercam, tais como o pai citado por E12 ou o marido por E8, E5, E11 e E6:

E5 – [...] meu marido nunca deixou 'eu' estudar, né? Ele é muito ciumento, aí ele não deixou 'eu' estudar, mas agora eu 'tô' estudando, agora eu pretendo terminar.

E11 – [...] eu sofria demais com ele, ele falava de matar meus dois filhos, aí, depois matar 'eu', né?. Aí, eu dava parte dele na polícia e ninguém tomou 'previdência' disso aí. E ele judiava muito de mim e dos meus filhos, [...] ele judiava demais de mim, não queria separar de mim de jeito nenhum.

E – Mas aí teve que parar de estudar?

E6 – Foi triste, né? Aí eu fiquei sem aprender nada além do que eu queria aprender.

E – E aí você parou de estudar e começou a trabalhar. Como é que foi?

E6 – Aí comecei a trabalhar. Aí eu comecei trabalhar como doméstica.

E – E você nunca mais teve vontade de voltar a estudar?

E6 – Ah, eu tive, mas eu não pude voltar porque, aí, eu casei e o marido não deixava eu ir.

Com esses depoimentos, as entrevistadas se tornam porta-vozes e denunciam a realidade de muitas mulheres que, embora, muitas vezes, não notem a violência à qual estão submetidas, sentem seu fardo. Em todas as verbalizações, as mulheres expõem o poder exercido pelos maridos sobre suas decisões. E5 assinala que, por conta do ciúme do marido, deixou de estudar e, em seguida, deixa claro qual era seu desejo e direta ou indiretamente exalta a “oportunidade” do estudo na prisão.

Um ponto relevante, explicitado no relato de E6, é da ida da mulher ao mercado de trabalho. É interessante notar que a resistência em “liberar” a mulher para o trabalho existiu e ainda existe, estas foram e são autorizadas a trabalhar, principalmente por necessidade econômica, sendo comum permitir a elas funções como a de doméstica, citada por E6, que é uma atividade que prolonga a submissão, uma vez que pressupõe a mulher como capaz

apenas de realizar as funções do lar; dessa maneira esse é o único “emprego” que lhe cabe. É interessante notar que esse papel subalterno da mulher ainda persiste, uma vez que, em muitos casos, mesmo possuindo maiores qualificações que os homens, recebem salários inferiores pela mesma ocupação, o que é confirmado pelas estatísticas referentes ao mercado de trabalho brasileiro. Em outras palavras, prolonga-se a discriminação cotidiana, o que mantém a mulher como “não sujeito”, como apontado pelos autores frankfurtianos.

Considerando a situação socioeconômica das mulheres encarceradas e a sociedade burguesa capitalista que impõe “desejos” e “necessidades” que só podem ser supridos via aquisição de mercadorias, torna-se evidente a luta cotidiana travada por todos em busca de sobrevivência e visibilidade. Assim, foi frequente nos relatos a justificativa, ainda que velada, de entrada no crime por intermédio do companheiro e/ou a fim de manter-se financeiramente e buscar sustento para sua família, sendo o tráfico de drogas a inserção mais comum das mulheres na criminalidade, justamente por ser uma atividade que não exige força física e tampouco grandes esforços:

Uma das mulheres, espanhola, contou que foi presa junto com o marido por drogas e que ela não sabia de sua existência, mas que o marido sabia e era ele quem estava envolvido, no entanto, o tempo todo ela demonstra muita afetividade pelo marido, inclusive beijando a foto que a outra agente levou para ela nesta visita (Diário de campo, U1 – Visita dia 11/08).

Disse que entrou para o tráfico para cuidar dos dois filhos e que foi presa porque seu ex-marido a denunciou, pois ela não queria mais ficar com ele (Diário de campo, U1 – Visita dia 08/09).

O fato de o tráfico de drogas ser algo viável para as mulheres, pode-se considerar que, ao se dedicar a essa atividade, a mulher, assim como Juliette (personagem do Marques de Sade e analisada por Horkheimer e Adorno no livro *Dialética do esclarecimento*), em relação aos padrões de comportamentos aceitos no século XVIII, tenta romper com a lógica paternalista e opressora, buscando sua “independência” financeira. Contudo, sua tentativa de rompimento acaba absorvida pela cultura dominante e sua tentativa de “independência” é minada e retoma o caráter de submissão, o que fica evidente na fala da entrevistada, quando destaca os fatos de o ex-marido a ter denunciado e de que adentrou no mundo do crime para garantir o sustento dos filhos e da família.

Além disso, é sabido que as mulheres, quando entram para o crime, principalmente para o tráfico, ocupam neste um local subalterno, sendo muitas vezes “mulas” e “presas fáceis”, que iludidas pela possibilidade de ascensão financeira, são oprimidas e usadas como isca, representando uma parcela ínfima do tráfico. Essa posição da mulher, mais uma vez, deixa clara a submissão e sua condição de “não sujeito”, equiparada, uma mais mais, ao animal que precisa ter seus instintos domados e domesticados; papel este designando, na caso das mulheres “criminosas”, à prisão. Parece haver a necessidade de punir essa mulher que

abandonou seus instintos “naturais” maternos em prol do crime. Dessa maneira, a mulher que tenta romper com o modelo machista por essa via é condenada à prisão ou submetida à outras formas de punições. Enfim, parece restar um único caminho: independentemente do meio empregado (lícito ou ilícito), é necessário a adaptação às tendências sociais predominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações apresentadas foi possível perceber que a escola, como está organizada nas penitenciárias femininas estudadas, ocupa um lugar marginalizado e sem muitos investimentos, faltando muitas vezes matérias didáticos, local apropriado e há ausência de professores preparados, e, ademais, outro ponto crítico da educação prisional é a carga horária reduzida. Essas características, visualizadas nas unidades estudadas, refletem de maneira geral o descaso com a educação escolar no âmbito prisional, sendo banalizada e vista como privilégio, oportunidade e, principalmente, passatempo, sendo desconsiderada como direito. Além disso, o que observou no dia-a-dia das prisões foi a oferta de muitas vagas de emprego; assim, consequentemente, poucas mulheres não trabalham, o que é mais uma evidência de que não há incentivo nem motivação para o estudo, pois este se apresenta como periférico, uma vez que, além de não ter retorno financeiro, há desconhecimento das mulheres sobre a real possibilidade de remição de pena por meio dele. Mesmo após a pesquisadora informar, em alguns momentos, a possibilidade de remição pelo estudo, muitas não se mostraram animadas, pois seria necessário o dobro do tempo de frequência às aulas em relação ao trabalho para a remição de um dia de pena. Também, como explicado pelo responsável pela área educacional de uma das unidades, o processo para a efetivação da remição de pena pelo estudo é burocrático e pouco efetivo. Outro fator é a estrutura da escola: há pouco tempo de aula, ausência de materiais didáticos para as alunas, além de coexistência em uma mesma sala de séries distintas.

Perante esta situação, é notório que a educação escolar oferecida nos estabelecimentos prisionais é quase ineficaz; dessa maneira, como é possível pensar em uma educação emancipatória? Qual é o real incentivo oferecido pelas unidades?

Observa-se a precarização e marginalização da educação. Pode-se analisar essa situação da seguinte forma: por um lado, não há interesse do Poder Público em oferecer assistência educacional às mulheres, afinal, estão na prisão para serem punidas; por outro lado, nota-se que, por aquilo que as entrevistadas expressaram, não há motivação para a educação, pois esta apresenta pouco valor e que somente o trabalho se apresenta relevante, assim, além de ocupar as mulheres durante 8 horas de seu dia, facilita sua saída da prisão pela remição, além de representar, mesmo que pouco, o reforço financeiro. Em nenhum momento foi citado pelas mulheres que elas gostam de trabalhar, que o fazem nas oficinas irá ajudá-las na reintegração à sociedade; as únicas motivações que surgem estão relacionadas a permanecer menos tempo na prisão.

Além disso, considera-se que a desmotivação das mulheres para irem à escola na prisão pode relacionar-se com suas histórias de vida, nas quais a educação ocupou um local periférico, gerando pouco significado para elas, sendo o trabalho historicamente mais valorizado. Somado a isso, infere-se que a prisão contribui para a desmotivação escolar, pois, como já discutido, há estrutura precária e a questão da remição ainda incipiente e “desorganizada”.

Outro fato a ser destacado é a ausência de vagas para todas e, muitas vezes, de controle de frequência das alunas – não é o caso da unidade prisional do interior –, pois, houve relatos de abandono da escola por algumas mulheres e é provável que como este existam outros casos. Assim, uma mulher relatou tentativas de entrada na escola sem conseguir, configurando que, teoricamente, não há vagas. Em face a isso, cabe pensar: será que não há vagas mesmo? Ou será que as alunas evadidas continuam matriculadas sem abrir possibilidades para outras mulheres?

Considerando a concepção adorniana de educação, foi possível verificar que essas mulheres mantêm-se alienadas o tempo todo, apresentando como objetivos não sua autonomia e emancipação, mas apenas sua liberdade física.

É relevante destacar que a educação oferecida na prisão aparentemente não é divulgada às mulheres e que aquelas que frequentam as aulas, apresentam como objetivo a possibilidade de remição e, algumas vezes, motivações pessoais como a possibilidade de escrita, a fim de enviar cartas para familiares e, posteriormente, auxiliar os filhos em sua escolarização. Ademais, segundo o relato das mulheres que estudam, os recursos materiais e didáticos são limitados e precários, dificultando e afastando ainda mais as mulheres da escola.

Quanto a questão laboral na prisão, é importante salientar que, nas unidades estudadas, quase 100% das mulheres possuem trabalho, todavia as funções exercidas, longe de educar ou profissionalizar, apresentam apenas uma lógica de produtividade, na qual, as maiores beneficiadas são as empresas que instalam suas oficinas na unidade prisional, pois possuem mão-de-obra barata, (a maioria das ocupações tem o salário menor que um salário mínimo) e eficiente, pois produzem muito e apresentam índices baixíssimos de ausência no trabalho. Assim, o que se vê é o trabalho como “escravidão penal”, pois submete o preso a um trabalho precário, mal remunerado e que difficilmente o empregará fora da unidade prisional. Outro fato relevante em relação ao trabalho é que, com quase a totalidade das mulheres trabalhando, o controle exercido pela instituição prisional é maior, pois, por meio do trabalho, as mulheres possuem uma rotina mais rígida e regrada, com horários para acordar, tomar banho, entrar no trabalho, alimentar-se, retornar o trabalho e, ao final do dia,

ir para cela ou para a escola, “cansadas”, como relatado pelas mulheres, para dormir e, no dia seguinte, voltar a mesma rotina.

Dessa maneira, nota-se que as mulheres apenas se adaptam ao meio carcerário sem apresentar noções de resistência; o que se vê claramente em todas as mulheres é uma motivação afetiva para saírem da prisão e voltarem aos seus países, no caso das estrangeiras, e aos familiares. Nessa lógica, trabalho e educação apresentam-se como instrumento principal no combate à ociosidade.

Assim, percebe-se que, como constatado em outros estudos, um local destinado a punição não possibilita aos indivíduos a “readaptação”/“ressocialização”, mas sim a reprodução e promoção do preconceito e da barbárie, o que, no caso das mulheres, é potencializado pela posição histórica ocupada por elas: devem ser amáveis, dóceis e, sobretudo, submissas. Dessa forma, verificou-se que a identidade da mulher presa encontra-se emaranhada na discriminação social e de si própria, por ser considerada “não capaz” de cumprir suas funções (mãe, mulher, esposa). Vislumbram como única possibilidade a “aceitação” de sua punição, pois se consideram como “criminosas” não apenas no âmbito legal, mas também no âmbito moral. Todavia, essa sensação da mulher presa nada mais é do que reflexo da sociedade paternalista e machista que impõe sobre as mulheres essas funções; que quando não cumpridas de maneira “satisfatória” são dignas de punição.

Por fim, considerando os objetivos desse estudo, foi possível visualizar a forma como se organiza a instituição escolar na prisão, verificando que esta ocorre de forma precária e marginalizada ocupando um lugar quase imperceptível dentro da organização prisional. Além disso, ao analisar as trajetórias de vida das mulheres entrevistadas foi possível notar que a escolarização, via de regra, ocupou um local secundário na vida dessas mulheres apresentando pouco ou nenhum significado, fato que contribui por um lado, para o “descaso” com a educação e, por outro, para a supervvalorização dessa, mesmo quando oferecida no interior de uma instituição punitiva. Atrelado às influências de seus históricos escolares, visualizou-se, nos discursos das mulheres, que, no geral, suas motivações para o estudo na prisão, relaciona-se além da remição com a ideia de retomar o tempo perdido, aproveitar a “oportunidade”, tornar seu tempo na prisão menos penoso possível; ademais um ponto ressaltado sobre a escolarização na prisão é a aquisição de certa autonomia em relação a escrita que possibilita, no caso das encarceradas, contato com o meio externo.

Dessa maneira, diante das análises realizadas, acredita-se que as hipóteses apresentadas nesse estudo confirmaram-se, pois a ideia que rege, explícita ou implicitamente, a educação prisional é o vislumbre por uma educação igualitária, o que

verificou-se não ocorrer plenamente, pois no formato que a escola prisional se encontra é inviável e, além disso, não é interessante subsidiar direitos iguais para todos presas(os) ou não presas(os), pois é pela desigualdade de acesso a mercadorias que o sistema capitalista se mantém.

Outro ponto constatado durante a realização da pesquisa foi a influência da estrutura e organização escolar, uma vez que além de precária, seu horário reduzido contribui para o desinteresse e para a não fluidez das aulas e conteúdos como foi visualizado durante as observações das aulas. Atrelado a isso, notou-se a influência da rotina prisional na escola, pois como visto na Unidade 2, as aulas são interrompidas pelo horário do café noturno e, ademais, a disposição das mulheres ao estudo é diminuída pela rotina de trabalho e de cumprimento rígido de horários.

Quanto à identidade da mulher presa, o que foi visto é que esta continua marcada pela reprodução da cultura tradicional machista, salientada pela postura das mulheres frente à vida e ao tráfico.

Assim, considera-se que este estudo cumpriu seus objetivos, pois, por meio da literatura explorada e da ida ao campo empírico, foi possível examinar e retratar a educação escolar oferecida para mulheres encarceradas bem como suas peculiaridades, compreendendo as motivações e trajetórias de vida de cada uma das mulheres e sua relação com a educação, com o crime e, sobretudo, consigo mesmas enquanto mulheres. Além disso, foi possível compreender que os momentos de formação, como definida pelos autores frankfurtianos, são ínfimos, uma vez que a realidade prisional dificulta as possibilidades de resistência, emancipação e autonomia. Trata-se de um ambiente intensamente controlado e monitorado; são minadas quaisquer possibilidades de rompimento com o sistema, assim, os indivíduos encarcerados são forçadamente levados à adaptação irrefletida e são levados a acreditar, ainda que parcialmente, que a prisão lhes proporcionará “uma nova vida”. O que se constitui em uma ilusão propagada dentro e fora dos muros da prisão, a qual todos se submetem. Todavia, cabe ressaltar que enquanto houver estudos que vislumbrem e denunciem a realidade perversa do sistema prisional, haverá esperanças e possibilidades de reflexão sobre a temática. Assim, considera-se que este estudo atingiu seus objetivos e comprovou suas hipóteses, cabendo ressaltar que ainda há muito a ser feito e estudado na área.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÇÃO EDUCATIVA; CARREIRA, Denise (Coord.). 2011. **Informe Brasil: Gênero e educação**. São Paulo: Ação Educativa.
- ADORNO, Theodor W. 1995a. Tabus Acerca do Magistério. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.97-117.
- _____. 1995b. Educação – Para Quê?. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.139-154.
- _____. 1995c. A Educação contra a Barbárie. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.155-168.
- _____. 1995d. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.119-138.
- _____. 1995e. A Filosofia e os Professores. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.51-74.
- _____. 1996. **Teoria da Semicultura. Educação & Sociedade**. São Paulo, ano XVII, n.56, p.388-411, dez/1996.
- ADORNO, Sérgio et al. 1984. **Preso um dia, preso toda a vida: a condição de estigmatizado do egresso penitenciário**. *Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde*. São Paulo, 1(2): p.101-117.
- ADORNO, Sérgio; FISCHER, Rosa Maria. 1987. **Políticas penitenciárias, um fracasso?**. *Lua Nova*, São Paulo: Cedec, v. 3, n. 4, p. 70 – 79, abr./jun.1987.
- ADORNO, Sérgio. 1991. **A prisão sob a ótica de seus protagonistas**. Itinerário de uma pesquisa. *Tempo Social - Rev. Sociol. USP*. São Paulo, n.3, v.1-2, p.7-40.
- AMORIM, Luiz Antonio. 2001. **Um dos caminhos da educação na penitenciária de Marília/SP**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP, Marília.
- ARAÚJO, Doracina Aparecida de Castro. 2005. **Educação Escolar no sistema penitenciário de mato grosso do sul: um olhar sobre Paranaíba**. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas.
- BARDIN, Laurence. 2000. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70.
- BATISTA, Sueli Soares dos Santos. 2000. **Teoria Crítica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação**. *Educação & Sociedade*. São Paulo, ano XXI, n.73, p.182-205, dez/2000.
- BAQUERO, Fabíola Gomide. 2001. **O fracasso escolar de jovens e adultos e o imaginário social**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- BRASIL. 1984. **Lei nº7.210/84, de 11 de julho de 1984. Institui a lei de Execução Penal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 03 set. 2011.
- BRASIL. 1994. **Resolução nº14, de 11 de novembro de 1994. Resolve fixar as Regras Mínimas para o Tratamento do Preso no Brasil**. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:icomNTxUh8kJ:portal.mj.gov.br/services/DocumentManagement/FileDownload.EZTSvc.asp%3FDocumentID%3D%257B3F19373B-3AD2-4381-A3AE-DE18FD7DD67D%257D%26ServiceInstUID%3D%257B4AB01622-7C49-420B-9F76-15A4137F1CCD%257D+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESig-OohJGBVdZwft_K2ju_o3BQemjhi2XuzK_mTq8ot21Rkf-

9L4NgAPYbe5NnvJzLJMxA6t6lTiBNlcnbMHySD2Bk6H6_2xwRsJfDuD3209OP3yNiCFp7M STnW9luR4VxNMJX&sig=AHIEtbTGqJQDcwIdaMwtlsE80ZyRWVvDeg>. Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. 1996. **Lei nº9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. 2001. **Lei nº10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 03 set. 2011.

BRASIL. 2009. Ministério da Justiça: Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP). **Resolução nº03, de 11 de março de 2009. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação nos estabelecimentos penais.** Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BE9614C8C-C25C-4BF3-A238-98576348F0B6%7D&BrowserType=IE&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7BD4BA0295%2D587E%2D40C6%2DA2C6%2DF741CF662E79%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C%2D1C72%2D4347%2DBE11%2DA26F70F4CB26%7D>> Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. 2010. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). Parecer CNE/CBE nº2/2010. **Diretrizes Nacionais para a oferta de educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais.** Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/resolucao_2_eja_prisoes.pdf> Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. 2011a. **Lei nº12.433/2011, de 29 de junho de 2011. Altera a Lei nº7.210, de 11 de junho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remissão de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm> Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. 2011b. **Decreto nº7.626, de 24 de novembro de 2011. Institui o Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional.** Disponível em: <www.defensoria.sp.gov.br> Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. 2011c. Departamento Penitenciário Nacional. **InfoPen-Estatística.** Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BD574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896%7D&BrowserType=IE&LangID=pt-br¶ms=itemID%3D%7BC37B2AE9%2D4C68%2D4006%2D8B16%2D24D28407509C%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C%2D1C72%2D4347%2DBE11%2DA26F70F4CB26%7D>> Acesso em: 02 mar. 2012.

CAMPESTRINI, Bernadette Beber. 2002. **Aprender e ensinar nos espaços prisionais:** uma alternativa para a educação a distância, incluir jovens e adultos no processo de escolarização. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARREIRA, Denise. 2009. **Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação: Educação nas Prisões Brasileiras.** São Paulo: Plataforma DhESCA Brasil.

CARLEN, Pat. 2007. **A reclusão de mulheres e a indústria de reintegração. Análise Social,** v.XLII (185), p.1005-1019.

CELS; Ministerio Público de la Defensa de la Nación; Procuración Penitenciaria de la Nación. 2011. **Mujeres en Prisión:** los alcances del castigo. 1.ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.

- CROCHÍK, José. Leon. 2001. **Teoria Crítica da Sociedade e Estudos sobre o preconceito.** *Revista Psicologia Política*. São Paulo, v.1, n.1, p. 67-99.
- _____. 2006. O Conceito de Preconceito. In: CROCHÍK, José. Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura.** 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. p 13–59.
- _____. 2009. **Educação para a resistência contra a barbárie.** *Revista Educação: Especial Biblioteca do Professor – Adorno Pensa a Educação.* n. 10. São Paulo: Editora: Segmento. p. 16-25
- CUNHA, Elizangela Lelis da. 2010. **Ressocialização:** O desafio da educação nos sistema prisional feminino. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 30, n. 81, p.157-178, mai./ago.2010.
- DIAS, Maria da Penha Risola. 2010. Educação nas prisões. In: YAMAMOTO, Aline; GONÇALVES, Ednêia; GRACIANO, Mariângela; LAGO, Natália; ASSUMPÇÃO, Raiane (Orgs.). **Cereja discute:** Educação em Prisões. São Paulo: AlfaSol; Cereja. p. 62-64.
- DRIGO, Sonia Regina Arrojo. 2010. Dignidade humana, educação e mulheres encarceradas. In: YAMAMOTO, Aline et al. (Org.). **Cereja discute:** Educação em Prisões. São Paulo: AlfaSol; Cereja. p. 65-67.
- FAVARO, Marilda Fátima. 2008. **Políticas de formação do Trabalhador Preso – a FUNAP.** Dissertação (Mestrado em Educação) – UNICAMP, Campinas.
- FOUCAULT, Michael. 2002. **Vigiar e Punir.** 25. ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2009. Sobre a Prisão. In. FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GIACOMELLO, Corina. 2010. **Historias de drogas, mujeres y prisión en México.** Jun/2010. Disponível em: <<http://desinformemonos.org/wp-content/uploads/2009/08/Historias%20de%20drogas.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- GOFFMAN, Erving. 2010. **Manicômios, prisões e conventos.** Trad. Dante Moreira Leite. 8^a ed. São Paulo: Perspectiva.
- GRACIANO, Mariângela; SCHILLING, Flávia. 2008. **A educação na prisão:** hesitações, limites e possibilidades. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.13, n.25, p.111-132.
- GRACIANO, Mariângela. 2010. As mulheres e a educação na prisões. In: YAMAMOTO, Aline; GONÇALVES, Ednêia; GRACIANO, Mariângela; LAGO, Natália; ASSUMPÇÃO, Raiane (Orgs.). **Cereja discute:** Educação em Prisões. São Paulo: AlfaSol; Cereja. p. 59-61.
- HORKHEIMER, Max.; ADORNO, Theodor. W. 1973a. Indivíduo. In: _____. **W. Temas Básicos da Sociologia.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. p.45-60.
- _____. 1973b. Sociedade. In: _____. **Temas Básicos da Sociologia.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. p.25-44.
- _____. 1973c. Preconceito. In: _____. **W. Temas Básicos da Sociologia.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. p.172-183.
- _____. 1973d. Família. In: _____. **Temas Básicos da Sociologia.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. p. 132-150.
- _____. 1985a. Fragmento de uma teoria do criminoso. In: _____. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.210-213.
- _____. W. 1985b. O Homem e o Animal. In: _____. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 229-237.
- _____. 1985c. Excuso II: Juliette ou Esclarecimento e Moral. In: _____. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 81-112.

- HOKHEIMER, Max. 2010. Ascensão e declínio do indivíduo. In: _____. **Eclipse da Razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro. p.133-165.
- HOWARD, Caroline (Org.). 2006. **Direitos Humanos e mulheres encarceradas**. São Paulo: Instituto, Terra, Trabalho e Cidadania; Pastoral Carcerária do Estado de São Paulo,
- JULIÃO, Elionaldo Fernandes. 2003. **Política Pública de Educação Penitenciária: contribuição para o diagnóstico da experiência do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- _____. 2009. **A ressocialização através do estudo e do trabalho no Sistema Penitenciário Brasileiro**. Tese (Doutorado em Educação) – UFRJ, Rio de Janeiro.
- KEHL, Maria Rita. 2004. Fetichismo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: Ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo. p.63-84.
- LEITE, Rosana da Conceição Souza Pontes. 2010. Mulher, educação, prisão. In: YAMAMOTO, Aline et al. (Org.). **Cereja discute: Educação em Prisões**. São Paulo: AlfaSol; Cereja. p. 68-70.
- LEME, José Antonio Gonçalves. 2011. Analisando a “grade” da “cela de aula”. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas: Enfoques e perspectivas contemporâneas**. São Carlos: EdUFSCar. p. 245-266.
- LEMGURBER, Julita. 1999. **Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres**. 2ed., Rio de Janeiro: Forense.
- LOCH, Jussara de Azambuja. 2011. **Princípios da Bioética**. Núcleo de Hospital Universitário da UFMS. Disponível em: <[http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Princ%C3%ADpios/PRINC%C3%88DPIOS%20DA%20BIO%C3%89TICA%20\(3\).pdf](http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Princ%C3%ADpios/PRINC%C3%88DPIOS%20DA%20BIO%C3%89TICA%20(3).pdf)>. Acesso em: 3 de mar. De 2012.
- LOURENÇO, Arlindo da Silva. 2005. **As regularidades e singularidades dos processos educacionais no interior de duas instituições prisionais e suas repercussões na escolarização de prisioneiros: Um contraponto a noção de sistema penitenciário?** Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica , São Paulo.
- LOURENÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (Org.). 2011. **O espaço da prisão e suas práticas educativas: Enfoques e perspectivas contemporâneas**. São Carlos: EdUFSCar.
- LOURO, Guacira Lopes. 2000. Mulheres na Sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. p.443-481.
- MARCUSE, Herbert. 1999. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. Traduzido por Maria Cristina Vidal Borba. Editora UNESP. p. 72-104.
- _____. 2001a. Sobre o caráter afirmativo da Cultura. In: _____. **Cultura e Psicanálise**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. 3^a Ed. São Paulo: Paz e Terra. p. 7-68.
- _____. 2001b. Comentários para um redefinição da cultura. In: _____. **Cultura e Psicanálise**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra. p. 69- 98.
- MASSARO, Camila Marcondes. 2011. **Desemprego, repressão e criminalização social no Brasil: violência e encarceramento em massa**. *Revista Espaço Acadêmico*. n.119, p.28-35, abr.2011.

- MASSOLA, Gustavo Martineli. 2007. **Mimese e crime em Adorno e Horkheimer: comentário sobre o “Fragmento de uma teoria do criminoso”.** *Estudos de Psicologia*. Natal, v.12, n.2, p.133-139, ago/2007.
- MOREIRA, Fábio. Aparecido. 2007. **A política de educação de jovens e adultos em regimes de privação da liberdade no estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OLIVEIRA, Francisco de. 2003. **O Estado e a Exceção:** ou o Estado e a Exceção. *R. B. Estudo Urbanos e Regionais*, v.5, n.1, p.9-14, mai. 2003.
- OLMOS, Concepción Yagüe. 2002. **Mujer: delito y prisión, un enfoque diferencial sobre la delincuencia femenina.** *Revista de estudios penitenciarios* n. 249. Edita Ministerio del Interior. Secretaría General Técnica.
- ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). 2007. **Educação escolar entre as grades.** São Carlos: EdUFSCar.
- _____. 2009. **Educação escolar na prisão na visão dos professores:** um hiato entre o proposto e o vivido. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.17, n.1, p.1-17.
- _____. 2011. Educação escolar na prisão: controvérsias e caminhos de enfrentamento e superação da cilada. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas:** Enfoques e perspectivas contemporâneas. São Carlos: EdUFSCar. p. 267-285.
- PENNA, Marieta G. De Oliveira. 2007. O exercício docente por monitores-presos e o desenvolvimento do processo formativo. In: ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **Educação escolar entre as grades.** São Carlos: EdUFSCar.
- _____. 2011. Relações sociais e espaço escolar na prisão: limites e possibilidades de ação educativa no interior de uma Penitenciária. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas:** Enfoques e perspectivas contemporâneas. São Carlos: EdUFSCar. p.131-146.
- PERROT, Michelle. 1988. **Os Excluídos da História:** Operários, Mulheres e Prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. 2007. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto.
- PROCURADURÍA DELEGADA EN LO PREVENTIVO PARA DERECHOS HUMANOS Y ASUNTOS ÉTNICOS, GRUPO DE ASUNTOS PENITENCIARIOS Y CARCELARIOS. 2006. **Mujeres y prisión en colombia:** análisis desde una perspectiva de derechos humanos y género. Bogotá. Disponível em: <<http://relatorestematicos.uniandes.edu.co/images/stories/relatorias/PRISIONES-OCT2011/ENT.ESTATALES/PROCURADURIA/mujeresyprisionencolombia2006.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- RODRIGUES, Maria Lúcia; FARIA, Márcia Helena de Lima. 2012. **O Sistema Prisional Feminino e a Questão dos Direitos Humanos:** Um desafio às Políticas Sociais II. São Paulo: PC Editorial.
- ROSEMBERG, Fúlia. 2001. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, p.515-540.
- SANTOS, Sintia Menezes. 2005. **Ressocialização através da educação.**
- SANTOS, Sílvio dos. 2002. **A educação escolar no sistema prisional sob a ótica dos detentos.** Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica , São Paulo.
- _____. 2011. O espaço administrado da prisão e a escola como *locus* de resistência. In: LOUREÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria C. (Org.). **O espaço da prisão e**

suas práticas educativas: Enfoques e perspectivas contemporâneas. São Carlos: EdUFSCar. p.119-130.

SERRADO JÚNIOR, Jehu Vieira. 2009. **Políticas Públicas educacionais no âmbito do sistema penitenciário:** Aplicações e implicações no processo de (re)inserção social do apenado. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP, Presidente Prudente.

SILVA, Rodrigo Barbosa e. 2004. **A escola pública encarcerada:** como o Estado educa seus presos. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica , São Paulo.

SCHWARZ, Roberto. 2001. As Idéias fora do lugar. In.: SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política.** São Paulo: Paz e Terra. p. 59-83.

STELLA, Claudia et al. 2010. **Creches em Presídios:** Limites e Possibilidades. São Paulo: MACKPESQUISA.

TEIXEIRA, Alessandra. 2010. Mulheres encarceradas e o direito à educação: entre iniquidades e resistências. In: YAMAMOTO, Aline; GONÇALVES, Ednéia; GRACIANO, Mariângela; LAGO, Natália; ASSUMPÇÃO, Raiane (Orgs.). **Cereja discute:** Educação em Psisões. São Paulo: AlfaSol; Cereja. p. 74-78.

VIEIRA, Josênia Antunes. 2005. **A identidade da mulher na modernidade.** D.E.L.T.A, 21, Especial, p.207-238.

WACQUANT, Loïc. 2001. **As Prisões da Miséria.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 2008. **O Lugar da Prisão na nova Administração da Pobreza.** Novos Estudos 80, p.9-19, mar.2008.

6. APÊNDICES

6.1. Diário de campo da Unidade 1

28/07/12 - Pavilhão 2

Conversei com 5 mulheres e todas apenas trabalhavam. 1 era brasileira e as demais estrangeiras de países da América Latina.

04/08/12 – Pavilhão 3

Caminhei até a área aberta do pavilhão, onde encontrei com 4 mulheres que estavam conversando, uma delas escrevia em uma agenda. Perguntei-lhe sobre o que escrevia e ela disse que escrevia “algumas palavras bonitas”. Perguntei de onde eram, duas eram africanas, uma paraguaia e uma brasileira, esta recém-chegada a unidade, por meio de transferência da unidade de Franco da Rocha. Perguntei se elas trabalhavam e, com exceção da brasileira que só esta a três dias nesta unidade, todas disseram que sim, perguntei também se estudavam, disseram que não, mas uma delas comentou que gostaria de estudar para aprender escrever melhor, mas como chega muito cansada do trabalho e acordam muito cedo acaba por não estudar.

Achei curioso seu comentário, e perguntei se havia escola no período noturno, e ela me disse que sim. Permanecemos conversando por mais um tempo, uma delas recolheu suas roupas e subiu de volta para a cela.

Outras 2 mulheres se aproximaram, uma brasileira e uma espanhola e também começaram a conversar, logo as três que estavam conversando inicialmente, saíram.

Permaneci conversando com a espanhola e com a brasileira, ambas contaram que foram presas devido ao tráfico (art. 33, 35 e 40). Ambas disseram trabalhar, logo a espanhola se afastou para jogar vôlei, e permaneci conversando com a brasileira que me contou como entrou no tráfico, que tem dois filhos (uma menina – 17a e um menino – 13a) e que o marido vinha visita-la, mas ela o “liberou” terminou com ele e disse que deveria seguir sua vida, pois ela estava pagando o que fez e ele não precisaria “cumprir cadeia” com ela.

Contou-me que considera que foi bom ter sido presa, pois se não tivesse sido condenada por 13 anos, e tivesse por exemplo ficado 30 dias presa e depois fosse solta, provavelmente voltaria para o tráfico, pois consideraria que era tranquilo fazer algo errado, mas como foi condenada a muito tempo não quer mais voltar para o tráfico. Já cumpriu 1 ano e 6 meses da pena.

Antes de ser presa trabalhava em salão como maquiadora e depiladora.

Disse que além de trabalhar também estuda no período da noite, está cursando a 8^a série. Perguntei como funcionava. Ela disse que são 2h30min de aula por noite (18h às 20:30) e que na mesma sala há fileiras de 5^a, 6^a, 7^a e 8^a série. Há apenas uma professora que ministra todas as disciplinas (português, matemática, ciências, história, geografia – contou que pediram pra ter inglês pra ajudar na comunicação com algumas estrangeira). A professora também é interna, mas tem que ser formada, para poder dar aula.

Perguntei sobre os materiais utilizados em sala. Ela contou que recebem material (caderno, lápis, etc...) questionei se haviam livros didáticos, ela disse que não, que só a professora tem livros cedidos pela FUNAP que seguem os padrões do estado. A professora passa a matéria no quadro e as alunas copiam. Perguntei se na biblioteca tinha livros didáticos, ela disse que não que só há livros de histórias.

Disse que são no máximo 4 mulheres por cela (há só uma pedra as outras dormem em colchões no chão), que estas são organizadas e limpas. Contou que na reforma do pavilhão quatro haverá duas pedras e lá ficaram as grávidas e as maezinhas (como são chamadas as mulheres que tem bebê na cadeia).

11/08/12 – Pavilhão 1

Fui ao pavilhão 1 com outra agente da instituição religiosa, lá ficamos sentadas no refeitório e logo algumas mulheres se juntaram a nós, ao final da visita éramos 11 mulheres eu e a outra agente e mais 9 mulheres todas estrangeira, tanto da América latina como europeias.

Todas as mulheres estão presas devido ao tráfico de drogas muitas ainda não foram julgadas.

Uma das mulheres, espanhola, contou que foi presa junto com o marido por drogas e que ela não sabia de sua existência, mas que o marido sabia e era ele quem estava envolvido, no entanto o tempo todo ela demonstra muita afetividade pelo marido, inclusive beijando a foto que a outra agente levou para ela nesta visita.

Outra mulher, contou que teve uma audiência e que foi orientada a manter seu discurso de que não sabia da droga que estava nas havaianas que ela levaria para África, mas acabou confessando que sabia.

Entre uma conversa e outra, as mulheres falavam da família e dificuldade em estar longe e sem acesso a elas, contaram que naquela semana houve blitz e que muitos celulares, que elas usavam pra se comunicar com a família foram pegos, além de algumas mulheres terem sido mandadas para o castigo.

Todas as mulheres trabalham, entretanto soa a espanhola disse que estuda, ela me contou que no período noturno há dois horários, um das 16:30 às 18:30 e outro das 18:30 às 20:30. no entanto ela disse que não estava mais indo à escola porque é muito cansativo e que não há remissão de pena, então contei a ela que já há legalmente remissão frente a isto outras mulheres também se interessaram pela conversa, mas não disseram que iriam procurar estudar. A espanhola comentou que achava que os professores deveriam ser de fora. Depois disto, comentou que seu pai viria da Espanha para lhe visitar e que é a segunda vez que ele vem.

25/08/12 – Pavilhão 1

Fui com outra agente ao pavilhão 1 e permanecemos, como da vez anterior, no refeitório, aos poucos as mulheres foram se aproximando, desta vez, havia 12 mulheres, todas estrangeiras.

Neste dia as mulheres estavam alvoroçadas, pois como era dia “Mc dia Feliz” o McDonald's tinha ido à penitenciária vender lanches para as mulheres, uma delas comentou que comprou dois, para dar um a sua companheira de cela que não trabalha, outra queria comprar um para uma amiga de outro pavilhão, mas não permitiram.

Permanecemos ali conversando, uma senhora espanhola estava preocupada com a situação de uma brasileira que trabalha com ela, pois esta foi presa recentemente junto com seu filho mais velho e o marido, está grávida de 5 meses, quer dar o bebê e tem mais dois filhos menores que estão em abrigo, como informou a assistente social. A senhora disse que a mulher está muito desesperada, pois tem medo de perder a guarda dos filhos e que eles sejam mandados para adoção. Esta senhora pareceu muito preocupada com a situação da companheira. Permanecemos conversando sobre isto tentando entender a situação, muitas mulheres se sensibilizaram dizendo que também preocupam-se com os filhos que estão fora da prisão em seus países.

Depois de algum tempo, chegou uma mulher, estrangeira, cumprimentou a todos e perguntei-lhe se estava bem, ela então ia começar a me contar algo quando a senhora espanhola a interrompeu e disse que conversaria comigo em particular. Caminhamos até outra mesa mais afastada e esta senhora me contou que a situação da outra mulher estava difícil, pois ela estava com dívidas de cigarro com outras duas mulheres, que estavam pegando todo seu dinheiro e chantageando-a, contou-me também que esta mulher está tão sem dinheiro que não tem nem produtos para sua higiene pessoal e que, além disto, descobriu recentemente que está com HIV e que frente a estas situações ela anda muito tensa e pensando em suicidar-se. Contou-me que ela está tentando acessar o serviço de psicologia da penitenciária, mas que ainda não obteve nenhum retorno. Após ouvir a

história, disse que era uma situação delicada a desta mulher e que não sabia como e se era possível ajuda-la, entretanto me coloquei a disposição para conversar com ela, a senhora me agradeceu, disse que conversaria com a amiga, e então voltamos para junto das outras mulheres.

Após algum tempo a mulher, sobre a qual conversei com a senhora, sentou-se ao meu lado e começou a me contar o que estava ocorrendo com ela, ouvi e tentei ser discreta e acolher sua angústia, mas disse-lhe que poderíamos conversar outor dia com mais calma e em particular. Logo em seguida surgiu na mesa o assunto de dívidas na prisão, as mulheres contaram de um caso de uma jovem que se suicidou, pois estava com muitas dívidas e sendo muito pressionada, junto ao seu corpo estava uma carta com o nome de todas as mulheres para quem ela devia e que estas mulheres foram transferidas para outra unidade. Frente a este assunto, algumas das mulheres se sensibilizaram com a causa e outras emitiram suas opiniões contra aquelas que devem dentro da prisão.

Depois de algum tempo, uma mulher chegou com bolachas e coca-cola, colocando sobre a mesa, as mulheres fizeram questão que eu e a outra agente compartilhássemos este momento com elas.

Surgiu então o assunto da escola, e elas trouxeram informações que eu já conhecia, comentei com elas sobre a questão da remissão, de ser um dia a cada 12 horas de aula, então todas lamentaram, pois seus turnos escolares são de apenas duas horas diárias, logo precisariam de 6 dias de aula para ganharem um dia de remissão, enquanto trabalhando precisam apenas de 3 dias. Uma espanhola lamentou e disse, é por isso que sai da escola. Infelizmente nosso tempo com as mulheres terminou e tivemos que ir embora, nos despedimos de todas e fomos.

01/09/2012 – Pavilhão 3

Chegamos ao pavilhão, eu e outro rapaz, e nos dirigimos ao refeitório, aguardamos alguns instantes e logo algumas mulheres começaram a se aproximar, indo até as celas para chamar outras. Depois de algum tempo havia 10 mulheres na mesa, destas apenas uma brasileira.

Iniciamos uma conversa e as mulheres começaram a falar sobre suas condenações algumas estão aguardando audiência, uma boliviana que estava lá disse que sairá no próximo mês, esta contou que trabalha e também estuda, contou que está no segundo ano do ensino médio e que em sua sala são apenas alunas de segundo ano que não é misturado como o fundamental, disse que estuda no horário da 17h que no seu dia a dia, trabalha e vai direto para a escola, segundo ela assim o tempo passa mais rápido, pois

trabalhando e estudando volta para cela por volta das 21h ai já toma banho e dorme e no dia seguinte inicia sua rotina novamente.

Após esse primeiro diálogo com as mulheres elas optaram por fazer uma oração que durou cerca de 50 minutos, após o término desta conversamos mais um pouco sobre suas vivências na prisão, mas logo fomos chamados pelas agentes penitenciárias para irmos embora, uma das mulheres me pediu que retornasse na próxima semana neste pavilhão, pois ela gostaria de conversar comigo, respondi que voltaria, nos despedimos e fomos embora.

08/09/2012 – Pavilhão 3

Como combinado com uma das mulheres voltei ao pavilhão 3, ao chegar lá algumas mulheres se aproximaram, logo a mulher que me pediu para conversar em particular chegou e nos afastamos do grupo para conversar, ela me contou coisas particulares de sua vida e chorou muito. Disse que entrou para o tráfico para cuidar dos dois filhos e que foi presa porque seu ex-marido a denunciou, pois ela não queria mais ficar com ele. Ao terminarmos nossa conversa, retornamos a mesa e uma outra mulher pediu para conversar rapidamente comigo em particular, ela veio me dizer que sua audiência e de sua filha, que foi presa com ela, seria na próxima terça-feira e que ela estava ansiosa para saber se sairia logo ou não.

Voltando a mesa as mulheres haviam se organizado para realizar a mesma oração da semana anterior. Ao final desta já estava na hora de ir embora, me despedi e sai.

22/09/2012 – Pavilhão 2

Cheguei a penitenciária no horário de sempre, fui ao pavilhão 2 com outra agente, ao chegarmos lá pedimos para avisarem que havíamos chegado, após sermos anunciadas diversas vezes, por várias mulheres, ninguém se juntou à nós, então outra instituição religiosa chegou e nos chamou para ficarmos com eles. Havia um grupo de 6 mulheres, apenas 1 brasileira, todas disseram trabalhar e nenhuma comentou sobre estudar.

Durante todo o tempo, ficaram lendo orações de um livrinho desta outra igreja. Ao dar o horário, nos despedimos e saímos, encontramos as outras pessoas da igreja e saímos juntos comentando que neste dia não havia descido ninguém para falar conosco, e então disseram que neste pavilhão isso as vezes acontece.

Outro fato que foi muito comentado entre nós, foi a questão da unidade proibir o uso da capela por todas as religiões, segundo a coordenadora da instituição religiosa, houve uma briga entre duas mulheres em uma celebração de uma das religiões e por isso proibiram.

Entretanto, a coordenadora disse que iria ler e analisar a ata da reunião que isto foi decidido, bem como as legislações pertinentes ao tema.

29/09/2012 – Pavilhão 1

Fui ao pavilhão sozinha neste dia, pois havia poucos agentes, ao chegar, notei que havia pouca mulheres no pátio e no refeitório, inferi ser por causa do frio, encontrei uma das mulheres que sempre conversa conosco, e ela subiu até as celas para avisar as demais mulheres que eu estava lá. Enquanto ela estava lá em cima, uma espanhola que também conversa sempre conosco foi até o refeitório para dobrar suas roupas que tinha recolhido do varal, ao mesmo tempo que dobrava as roupas conversava comigo, perguntei como estava, ela disse que estava bem, perguntei se ela tinha voltado a estudar, pois em uma visita anterior ela comentou que não estava frequentando a escola, porque não tinha remissão de pena, ela respondeu que não voltou mais a escola. Após algum tempo, ela terminou de dobrar suas roupas, se despediu e subiu. Concomitantemente a sua saída, a primeira mulher voltou, e sentou-se ao meu lado, ela aparentava estar triste, então comecei a conversar com ela, que me contou que saiu do emprego na cozinha, pois era muito cansativo e tinha muita encrenca entre as mulheres, desde então tem ficado no pavilhão, mas disse que já pediu para ir para outra empresa, e que a diretora não quer mais ninguém no pavilhão, quer todo mundo trabalhando, pois tem trabalho. Ela disse também que na cozinha é onde pagam melhor, um salário mínimo, mas que é muita dor de cabeça, muita briga.

Perguntei se ela estudava, respondeu que não que já se inscreveu várias vezes, mas nunca chamam, porque só tem 20 vagas.

Depois ela me contou como foi presa, que ia acompanhar um senhor que traria a droga, mas quando o pegaram no aeroporto, ela não teve malícia de fingir que não estava junto, e acabou sendo presa, ela disse que ele estava com 3 quilos de cocaína, que iriam levar a Portugal, que é onde ela morava com o filho, e que a cada quilo da droga ganharia 5 mil euros.

Sobre seu filho, ela disse que ele está em um colégio interno, que foi para lá depois que ela foi presa, e que fala com ele por correspondência e as vezes por telefone. Durante a conversa ela demonstrou muita tristeza, arrependimento e saudades do filho. Depois de algum tempo, chegou uma outra agente, e sentou-se conosco, em seguida chegou uma espanhola, que estava com dívidas e descobriu HIV recentemente, e começou a conversar também, contou-me que as coisas estão mais tranquilas que esta conseguindo pagar as contas. Mas que ainda está sendo perseguida, disse também que conseguiu ir ao psicólogo, mas não entrou em detalhes.

Então a outra agente resolveu começar uma oração, pois já estava quase na hora de irmos embora, após a oração nos despedimos e saímos.

6.2. Diário de campo da Unidade 2

Considerações Iniciais das visitas ao CR – 16 de outubro de 2012.

Cheguei a unidade no horário combinado. Após aguardar porá alguns minutos, fui até a sala da diretora para saber como deveria proceder. Fui informada então que as aulas aconteceriam apenas no período no noturno, e não a tarde e a noite como havia compreendido da primeira vez que conversei com a diretora.

De posse desta informação, a diretora questionou se eu não gostaria de conversar com as mulheres, concordei com a proposta, entretanto como havia me programado para apenas realizar observação de aula, não estava com o gravador de áudio, por este motivo as três primeiras entrevistas foram realizadas, por meio de pergunta e resposta, sendo estas anotadas em caderno de campo, seguindo literalmente o verbalizado pelas mulheres.

Na sala da diretora estava um rapaz, o qual fui apresentada este rapaz é o responsável pela área educacional da unidade. Conversamos brevemente, ele perguntou minha formação e a respeito de minha pesquisa. Após falar a respeito da minha pesquisa, ele comentou que haveria, no próximo domingo 21 de outubro, prova do “supletivo” (sic), e além disso informou que se eu quisesse ele poderia me passar algumas estatísticas a respeito da situação educacional da unidade.

Em seguida uma Agente de Segurança Penitenciária (ASP) me acompanhou da sala da direção até o refeitório, e foi chamar algumas mulheres que estudam para ir ao refeitório, como solicitado pela diretora. Enquanto esperava as mulheres virem ao refeitório, permaneci parada em frente a biblioteca, então o rapaz que trabalha nela, me convidou para entrar e conhecê-la e questionou quem eu era e o que fazia lá. Expliquei brevemente minha pesquisa e ele aparentemente se interessou ele me contou que é geógrafo e que trabalha a algum tempo na unidade. Questionei se as mulheres utilizavam a biblioteca com frequência, ele disse que sim que pegavam principalmente livros espíritas. Comentou também que as mulheres recebem visitas de igrejas evangélicas e que a católica nunca veio a unidade.

Depois desse breve diálogo, a ASP já havia reunido as mulheres no refeitório. Fui até lá, me apresentei e então expliquei do que se tratava a pesquisa, salientando as questões relacionadas ao sigilo e que a utilização das informações somente para fins acadêmicos, além disso, disse que a participação era voluntária e que as entrevistas seriam realizadas individualmente e que seriam todas feitas no mesmo dia. Após o término da explicação questionei se havia alguma dúvida, nenhuma das mulheres se manifestou, perguntei então quais delas gostariam de participar da pesquisa, frente a isto algumas mulheres se voluntariaram, anotei seus nomes e disse que as chamaria uma a uma, a fim de não atrapalhar suas rotinas de trabalho. Peguei o nome das mulheres que estavam nas mesas

e então duas mulheres que estavam trabalhando na cozinha me chamaram e disseram que também gostariam de participar da pesquisa, anotei seus nomes.

Então, a ASP, que permaneceu no refeitório durante toda a explicação, dispensou as mulheres para voltarem ao trabalho e pediu a duas que ficassem para conversarem comigo. Entrevistei essas duas, individualmente, e como ainda havia tempo pedi que chamassem mais uma mulher. Após essas três primeiras entrevistas, saí da unidade por um tempo, pois as mulheres iriam jantar. Retornei próximo ao horário da aula para realização das observações.

Conversa com o responsável pela educação na unidade – 22 de outubro de 2012.

Perguntei a ele a respeito da remição de pena pelos estudos, e comentei que havia ouvido das mulheres que o juiz não estava considerando a remição. Ele comentou que o que está acontecendo é que o juiz tem considerado remição de pena apenas para as mulheres que estudam do 1º ao 4º ano, pois estas séries estão vinculadas ao ensino municipal, no entanto não tem considerado do fundamental II, pois é de responsabilidade da FUNAP e segundo ele, o ensino é desvinculado de órgãos educacionais, e por esse motivo o juiz tem indeferido a remição.

Enquanto conversava comigo, ele imprimia tabelas com informações do ENEM 2011, ENCCEJA 2010, e avaliações da FUNAP de 2011 e 2012. Ele justificou a ausência de notas do ENCCEJA 2011, dizendo que não teve a prova nas prisões, que “simplesmente esqueceram” (sic).

Em relação a avaliação da FUNAP, ele comentou também que a unidade foi uma das piores avaliadas. Ele justificou esses dados dizendo que esta é uma unidade pequena e no interior, logo há mulheres menos qualificadas que nas unidades maiores.

Depois dessa breve conversa ele me entregou impresso as estatísticas citadas acima.

Observações em sala de aula

Observação 1- Aula de Português de 5º ao 9º ano – 16 de outubro de 2012.

Estrutura física da escola

As aulas são realizadas no refeitório. Este possui 4 mesas grandes de concreto com 2 bancos de concreto cada. Há 2 lousas na parede, além de vários cartazes com colagens e frases sobre o dia das crianças feito pelas alunas. Além disso, há um comunicado oficial, solicitando às reeducandas que utilizam o espaço do refeitório, para que não retirem nenhum cartaz ou figura colada nas paredes.

Horários escolares

As aulas acontecem diariamente das 18:30 à 22h. Com alunas do 5º ao 9º ano na mesma sala, ao mesmo tempo.

Intervalos

O intervalo acontece por volta das 20h, que é o horário para o café noturno e também o horário de muitas mulheres tomarem suas medicações.

Método de ensino

Utilização da lousa, e de livro e caderno do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Andamento da aula

As aulas dessa turma são ministradas por uma monitora presa. Professora no horário e distribuiu um texto, fotocopiado, do caderno do professor da EJA, para as 4 mulheres que estavam presentes, duas delas começaram a perguntar sobre a prova de domingo, a professora comentou que iriam vir pessoas de fora para aplicar, e que era para elas ficarem tranquilas. Disse que a redação seria uma dissertação e que as dos livros eram apenas modelos que na prova o que viria era “deles lá” (sic).

Durante a conversa a professora passou no quadro a data (cabeçalho) e a matéria do dia, copiando do caderno do professor, justificou que as mulheres teriam que copiar aquele primeiro parágrafo do quadro, pois o monitor da FUNAP, o rapaz da biblioteca, não tinha tirado cópia desta parte.

O texto passado pela professora está no caderno do professor relacionado ao Trabalho no Campo, disponível em http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/11_cd_al.pdf, na página 41.

Enquanto a professora anotava no quadro o inicio do texto, chegaram mais 2 mulheres, uma delas perguntou qual era a matéria da aula e a professora respondeu que era português e entregou um texto para elas e informou que todas iriam ler juntas e que o que estava passando na lousa não tinha dado tempo do rapaz da biblioteca tirar cópia.

Uma das mulheres questionou a professora, por que ela não havia sido chamada para realizar a prova e a professora respondeu que só era possível fazer a prova se tivesse todos os documentos (RG e CPF). Nesse momento houve um pequeno alvoroço com as mulheres comentando que quando foram presas os policiais tiraram seus documentos.

A professora prosseguiu passando o conteúdo na lousa, durante este procedimento, as alunas a interromperam duas vezes a fim de corrigir palavras escritas erradas pela

professora. Algumas mulheres diziam: “deixa eu dar aula” (sic). “se eu já não sabia nada antes imagina agora” (sic).

Durante os comentários a professora manteve-se passando o texto, uma das mulheres, que não estava na aula, parou diante o quadro e comentou em relação ao primeiro parágrafo do texto: “No país, Santa Catarina está espontando...” (p.41), que Santa Catarina não era país, que isto estava errado, mas seu comentário não foi considerado.

Ao terminar a professora quis imediatamente iniciar a leitura do texto e as alunas pediram para esperar, e então a professora passou uma folha de presença para as mulheres colocassem seus nomes.

Depois de um tempo a professora resolveu começar a ler, uma das mulheres reclamou que a cópia entregue as alunas, possuía partes que não dava para ler.

Após ler o que estava no quadro, a professora perguntou o que significava a palavra oriundos. Uma das mulheres respondeu que achava que eram pequenos agricultores. A professora disse que não, que oriundos significava gente da origem, do lugar.

Em seguida pediu para que pegassem o texto impresso e perguntou se alguém gostaria de ler e uma das mulheres começou imediatamente a ler. A leitura foi interrompida quando as mulheres viram a palavra elaborados escrita da seguinte maneira: “planos de desenvolvimento das microbacias **ela-borados** até o momento” (p.42). Elas questionaram se estava correto. A professora disse que tiveram várias mudanças na língua portuguesa. Diante desse comentário, prosseguiram a leitura.

A maioria das mulheres não acompanhavam a leitura, 5 das 12 presentes na aula. Uma aluna perguntou se a disciplina do dia era ciências da natureza e a professora respondeu que era uma aula de português, mas que era de ciências também. Em seguida perguntou o que eram alimentos orgânicos. Começaram então a discutir sobre os agrotóxicos, a professora comentou que ninguém está nem ai para os agrotóxicos. E também realizou uma ligação direta entre os agrotóxicos e o câncer dando como exemplo o câncer do cantor Leandro da dupla Leandro e Leonardo. E segundo ela, o câncer dele foi em decorrência do trabalho na lavoura de tomate.

Uma aluna perguntou como fazer para combater os bichos sem o uso de agrotóxicos, e a professora disse que quando ela era criança, utilizava cinzas para matar pragas e que sua mãe retirava os bichos com a mão.

Então mais uma vez alguém perguntou da prova, e a professora falou que já vem tudo pronto de fora, e complementou dizendo que o rapaz da biblioteca vai corrigir a redação que

elas fizeram em sala de aula, até a próxima sexta-feira, para devolver as alunas antes da prova de domingo.

Depois de conversarem brevemente sobre a prova, voltaram a questão da grafia da palavra “elaborados”, a professora disse que não sabia responder, pois não era especialista em português e foi até a biblioteca buscar o dicionário. Ao retornar entregou um dicionário para a aluna que questionou a palavra e ficou com outro, para procurar também. A aluna, com dificuldade, encontrou a palavra no dicionário, mas não soube dizer se estava certo ou errado, a professora, olhando no seu dicionário, que a palavra era escrita junta. Enquanto acontecia essa discussão, algumas mulheres saíram da sala/refeitório.

A aula ficou parada por alguns minutos, até que a professora disse: “vamos voltar a agricultura orgânica pessoal” (sic), mas nada aconteceu, as mulheres presentes, conversavam paralelamente. Depois de algum tempo a professora apagou a lousa e as alunas prosseguiram conversando sobre assuntos diversos, uma reclamava que estava com fome. A professora sentou e começou a folhear o caderno do professor.

Nesse instante a ASP, veio anunciara pausa para o café. As mulheres, que assistiam a aula, se levantaram e se dirigiram a fila do café, então foi dado um sinal e todas as mulheres da unidade se dirigiram para a fila.

Enquanto isso fiquei conversando com uma das alunas (E7), que contou brevemente sua trajetória no crime. Disse que se envolveu com o tráfico muito cedo, que já foi presa com 500kg de drogas, ficou 7 meses e foi absolvida, e que dessa vez foi presa com 50g de cocaína e pegou 8 anos. A professora se aproximou e me ofereceu café, aceitei, e logo ela veio com um copo, de vidro, diferente da caneca de plástico que todas usavam. Quando ela voltou com o café a aluna com quem eu conversava foi pegar seu café, então perguntei a professora como ela montava suas aulas e ela respondeu que o rapaz da biblioteca é quem a ajuda, e que as aulas são montadas, por meio dos materiais, ela foi até a biblioteca e trouxe um livro de EJA do professor com respostas e comentou que havia muitos desses na biblioteca e que estudava os conteúdos por ali para dar a aula, informou também que cada uma das alunas recebe 4 livros desses, cada um referente a uma série do fundamento II.

Perguntei a ela se era professora na rua. Ela disse que estudou até o 3º do ensino médio e que já havia dado aula fora da prisão no interior de Rondônia, na época da ditadura militar, ai não prisão resolveu ajudar nas aulas. Questionei como tinha virado professora na unidade, se havia feito algum curso específico. Ela disse que não, que apenas montou uma aula e apresentou para os avaliadores da FUNAP. Após essa breve conversa, me despedi de todas e fui embora, pois não poderia ficar até o final da aula.

Conteúdos ministrados

Os conteúdos ministrados são todos, literalmente, apenas retirados dos livros.

Material didático

Todas as alunas recebem da unidade 4 livros (6º, 7º, 8º e 9º ano), bem como caderno, lápis, borracha, caneta.

Plano de aula

As aulas são montadas e organizadas de acordo com os conteúdos dos livros. Como a sala é seriada, com quatro níveis diferentes, os conteúdos são alternados, um dia utilizam o livro do 6º ano, no outro do 7º e assim, sucessivamente.

Observação 2 – Aula do 1º ao 4º ano – 24 de outubro de 2012.

Cheguei a unidade algum tempo antes do horário de início da aula, permaneci então na entrada da unidade, e pude observar 4 mulheres que saiam nesse dia em liberdade condicional, além da chegada de alimentos para a cozinha e o retorno do trabalho das mulheres que estão em regime semi-aberto. Durante aproximadamente 40 minutos a unidade ficou bem agitada com esses acontecimentos, depois todas as mulheres entraram para tomar banho e jantar. Continuei aguardando, e próximo ao horário de inicio da aula, a professora chegou. Me apresentei, e comentei sobre minha pesquisa. A professora disse que algumas das mulheres tinham comentado que fizeram entrevista para falar da escola, mas que não souberam explicar ao certo do que se tratava.

Perguntei a professora se poderia acompanhar sua aula. Por um momento ela ficou em silêncio e depois questionou o que eu iria fazer e disse que ela precisava comunicar a secretaria de educação, pois ela respondia ao município e que toda vez que algum estagiário vai acompanhar aula ela precisa informar a secretaria. Expliquei a professora que observaria somente um dia de aula, e que tudo seria sigiloso, que era apenas para a realização da pesquisa e que não comprometeria seu nome nem sua relação com a secretaria. Frente a estas informações, a professora concordou que eu acompanhasse sua aula, e então entramos. Antes de ir até o local de aula, a professora passou pela biblioteca para pegar alguns livros de história e giz. Então enquanto caminhávamos até o local das aulas, a professora comentou que hoje ela realizaria com as mulheres, um concurso do município de desenho, para as que estão no 1º e 2º e de redação para as de 3º e 4º anos.

Estrutura física da escola

As aulas são ministradas em uma sala, onde durante o dia funciona uma oficina de borracha, logo o local tem um cheiro, muito forte de borracha. No local há uma lousa com o alfabeto colado em cima e em outra parede há 2 cartazes com sílabas. A professora comentou que até o meio do ano passado ela dava aula no refeitório e depois da sua aula é

que começava a aula do fundamental II, sob a responsabilidade da FUNAP, entretanto como a carga horária da FUNAP aumentou, ela acabou vindo para a oficina.

Há 3 cadeira escolares, aparentemente bem antigas, 2 mesas e algumas cadeiras. Apenas uma das mesas é utilizada pelas alunas.

Horários escolares

As aulas tem inicio as 18:00 e terminam as 20:30.

Intervalos

Há o intervalo para o café as 20h.

Método de ensino

Utilização da lousa, para cabeçalho, e para grafia de palavras e/ou explicação de dúvidas das alunas.

Andamento da aula

A professora começou a aula corrigindo a tarefa que havia passado no dia anterior, no qual ela tinha faltado.

Em seguida passou o cabeçalho na lousa para que as mulheres copiassem. Havia 10 alunas presentes na sala de aula e a professora comentou que 2 faltaram, uma estava pegando as compras que fez e a outra estava com conjuntivite. A professora comentou que as mulheres tem cada uma seu lugar certo para sentar.

A aula começou com a professora discutindo sobre meios de comunicação, questionando as mulheres, a respeito de como tinham acesso às informações fora da prisão. As mulheres citaram alguns meios de comunicação, como televisão, rádio e jornal. Depois a professora perguntou, uma a uma, como e se tinham acesso ao jornal impresso.

Uma das alunas comentou que tem locais na internet e na TV que aumentam as coisas. Diante disso, a professora problematizou a questão, perguntando a essa aluna e as demais o porque achavam isso, mas logo cortou o assunto dizendo que não vinha ao caso se as notícias eram verdades ou não. A professora continuou então a questionar como as mulheres tinham acesso ao jornal impresso, sobre o que elas gostavam de ler. E as mulheres apresentavam respostas dizendo que tinham acesso ao jornal, por meio de distribuição gratuita, algumas compravam, outras iam até algum local onde poderiam ler, etc.

Depois de algum tempo conversando sobre os meios de comunicação e principalmente sobre o jornal, a professora falou sobre o concurso e disse que era para elas se ajudarem. Prosseguiu dizendo que o concurso era referente ao jornal e suas finalidades e que as

meninas “mais avançadas” fariam uma redação de 20 a 40 linhas e as demais fariam um desenho. No entanto as mulheres não reagiram muito bem a proposta, reclamando que era difícil, ou que não queriam fazer. Mas a professora continuou falando e começou a distribuir, para 6 das alunas, as folhas para redação. Após distribuir as folhas para redação, escreveu no quadro o tema: “*Leio Jornal para...*”.

Depois passou a temática para as alunas que iriam desenhar dizendo que o tema era: “*Como usar o jornal para aprender?*”. Deu uma folha de sulfite para 4 alunas e pediu que escrevessem seus nomes.

Durante a atividade, uma das alunas apresentou muita dificuldade em fazer a redação, saiu da sala por um momento e a professora saiu para conversar com ela, depois de alguns instantes as duas retornaram a sala e a aluna estava chorando, então a professora deu a ela um folha sulfite para que fizesse o desenho ao invés da redação.

Enquanto realizavam a atividade, a professora comentou que tenta estimular a leitura das mulheres, e que toda sexta-feira os primeiros 30 minutos de aula são destinados a leitura, sendo em cada semana um gênero diferente. Além disso, comentou que agora, quando por algum motivo ela esquece do tempo de leitura as alunas a cobram.

Uma das alunas, passou quase a aula todo reclamando, e dizendo que não iria fazer a redação, que não sabia, e a professora comentou que precisava ser um pouco psicóloga, pois tudo que propõe elas reclamam, dizem que não sabem, que não conseguem, etc. Essa aluna que ficou reclamando quase toda a aula, mas ao final começou a escrever e terminou sua redação.

Conforme as mulheres iam terminando a atividade a professora pegava seus cadernos e passava lições conforme o “nível” de cada uma. Então o sinal para o café tocou e a aula terminou.

Conteúdos ministrados

A professora passa conteúdos distintos para cada uma das alunas, de acordo com o “nível” que estão.

Material didático

Todas as alunas têm cadernos, e demais matérias cedidos pela prefeitura. Não há livros didáticos, os conteúdos são todos passados pela professora.

Plano de aula

A professora organiza sua aula de acordo com o exigido pelo município, adequando os conteúdos para cada uma das alunas e dentro do tempo de 2 horas de aula.

Observação 3 – 25 de outubro de 2012.

Estrutura física da escola

As aulas são realizadas no refeitório. Este possui 4 mesas grandes de concreto com 2 bancos de concreto cada. Os cartazes com colagens e frases sobre o dia das crianças feito pelas alunas já haviam sido retirados.

Horários escolares

As aulas acontecem diariamente das 18:30 à 22h. Com alunas do 5º ao 9º ano na mesma sala, ao mesmo tempo.

Intervalos

O intervalo acontece por volta das 20h, que é o horário para o café noturno e também o horário de muitas mulheres tomarem suas medicações.

Método de ensino

Utilização da lousa, e de livro e caderno do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Andamento da aula

A aula deveria começar as 18:30, no entanto as 18:45 ainda não havia dado indícios do inicio. Havia 3 mulheres no refeitório, depois chegaram mais 2 mulheres. A professora, que já estava na sala, sentou-se e começou a folhear o livro e então colocou a data no quadro e escreveu que a aula era continuação da aula de português, então chegou mais uma mulher para a qual a professora perguntou onde havia parado a ultima aula.

Neste dia estavam presentes 15 alunas, e a maioria estavam com o livro do 7º ano, do qual a professora tirava a lição do dia.

Por volta das 19h a professora começou a aula, disse a pagina do livro. Uma das alunas, que não estava com o livro, entrou na sala e a professora parou o que falava e questionou a aluna sobre seu livro, ela respondeu que o livro estava no alojamento, a professora pediu para que ela fosse pegá-lo, após resistir um pouco, levantou-se e foi buscar o livro e então a professora prosseguiu lendo a atividade do livro.

A aula era sobre crônica, e a professora passava, literalmente, as atividades do livro, sem explicações complementares. Após retomar o tema da aula, a professora começou a passar na lousa os exercícios que estavam no livro.

As 19:10 a professora começou a ler o parágrafo do texto citado pelo exercício do livro passado na lousa. Algumas mulheres acompanharam a leitura, aproximadamente 5, enquanto as outras conversavam e copiavam o exercício da lousa.

A professora começou a discutir com as alunas a expressão repetida muitas vezes no texto trabalhado: *A gente se acostuma*. Comentando que existe a linguagem formal e a informal e então perguntou as alunas qual elas achavam que era.

Uma aluna respondeu que era informal, justificando que era informal porque “a vida não é assim de ficar se acostumando” (sic) que tem que mudar. A professora lendo no livro respondeu que era informal porque era usada no dia-a-dia. Após explica a informalidade da expressão a professora continuou seguindo os exercícios o livro. Uma aluna que estava ao meu lado comentou: “a professora é mais burra que tudo nós” (sic). E contou também que estava na 4^a série e passou para a 5^a, mas que não sabe fazer conta, que sempre “chutava tudo” (sic) nas provas, além disso falou que gostaria de voltar para a 4^a série para aprender tudo direitinho, mas não deixaram.

A professora começou a passar na lousa outra parte do texto com lacunas, então a professora falou que a atividade era completar as lacunas e começou a preencher todas no quadro, com a palavra **costuma**. Logo as alunas disseram que estava errado e a professora corrigiu escrevendo **costume**, as alunas continuaram falando que estava errado e a professora dizendo que estava como no livro, então uma das alunas disse que o correto era **acostuma**, e somente assim a professora se deu conta que estava errado e corrigiu, e tentou se justificar dizendo que era para ver se elas estavam prestando atenção.

A professora começou a ler a frase da lousa sem a palavra acostuma e questionando qual seria a função dessa. Durante a leitura algumas alunas reclamavam da professora e diziam entre sim, para não perguntarem mais nada.

Ao terminar a leitura a professora disse que a palavra **acostuma** servia para deixar o texto mais poético e ligar uma sentença a outra.

As alunas reclamavam que já estavam acostumadas com esse texto, pois estavam trabalhando com ele desde segunda-feira, reclamavam também do tempo da aula, consideram muito tempo, e também do fato de ser uma presa como professora. Comentaram que a aula da professora da rua é que é uma aula.

Neste momento da aula, a professora estava dando aula praticamente apenas para 3 mulheres que estavam sentadas na mesa imediatamente a frente da lousa, havia 3 mulheres debruçadas sobre a mesa, aparentemente dormindo e as demais conversando. Umas das alunas comentou comigo que nem tirou os livros que recebeu do plástico, que

cada dia é lição de uma série diferente e questionou: “se eu num sei nem lição da 5^a vou saber da 7^a?” (sic).

Enquanto isso a professora passava outra questão no quadro, ao terminar leu a frase duas vezes e então tocou o sinal para o café (19:55) e a aula foi interrompida, mas uma aluna continuou ainda por alguns minutos, perguntando para a professora sobre a questão do quadro.

A aula recomeçou as 20:20 e a professora continuou seguindo o mesmo método de aula, passando as questões na lousa, lendo e tentando dialogar com as alunas, mas logo respondia as questões no quadro. Após o café, permaneceram menos alunas na sala e as ausentes foram voltando aos poucos. As 21:00 a professora parou a aula para passar um vídeo do texto trabalhado na aula: “a gente se acostuma”.

Após o vídeo a ASP, entrou na sala para fazer a chamada e concomitantemente a professora disse que daria uma folha para cada aluna para que interpretassem o texto. Algumas mulheres receberam a folha da professora, mas ignoraram a atividade.

A professora falou para a ASP quem não vinha a aula. Uma das mulheres comentou que não estava na aula, pois estava lavando o banheiro. E então a ASP comentou: “vai tirar diploma de lavar banheiro” (sic).

Duas alunas que estavam ao meu lado começaram a conversar sobre a escola e disseram: “estudar aqui não evolui, não vai pra frente” (sic). “eu Campinas eu estudei e lá aprendia, passa nas provas agora aqui, ninguém aprende” (sic). “a gente estuda obrigado, não evolui, não é produtivo” (sic). “no dia da prova a gente não sabia nada, ai o rapaz da biblioteca falava chuta ai, cê acha um professor fala isso. Sem contar que ele chegou uma hora atrasado por causa do horário de verão” (sic).

Enquanto isso, a professora continuava a aula, apenas com as mulheres sentada em frente a lousa “ignorando” as demais. Além disso, a ASP, permaneceu na sala por alguns minutos, conversando com as alunas de diversos assuntos. Depois que deixou a sala, passou diante dessa para verificar se as alunas ainda estavam lá, mesmo após a chamada.

Ao final da aula, a maioria das mulheres já estavam dispersar, por volta das 22h teve o sinal, para finalização da aula e retorno ao alojamento.

Conteúdos ministrados

Os conteúdos ministrados são todos, literalmente, apenas retirados dos livros.

Material didático

Todas as alunas recebem da unidade 4 livros (6º, 7º, 8º e 9º ano), bem como caderno, lápis, borracha, caneta.

Plano de aula

As aulas são montadas e organizadas de acordo com os conteúdos dos livros. Como a sala é seriada, com quatro níveis diferentes, os conteúdos são alternados, um dia utilizam o livro do 6º ano, no outro do 7º e assim, sucessivamente.

6.3. Transcrições das entrevistas realizadas na Unidade 2

Entrevistas realizadas dia 16 de outubro de 2012.

Entrevista 1

E – Qual a sua idade?

E1- 19 anos

E – Há quanto tempo você está presa?

E1- 1 e 4.

E – 1 ano e 4 meses é isso?

E1- Sim

E – E por qual motivo você foi presa?

E1- Tráfico, 33.

E – Entendi. Bem primeiramente gostaria que você me descrevesse a sua trajetória escolar antes de entrar na prisão.

E1- Bem antes de entrar na prisão, eu ia na escola, mas não frequentemente, porque eu não tinha tempo de ir.

E – Você não tinha tempo de ir por que trabalhava?

E1- Não, eu num trabalhava, ficava na rua mesmo, cuidava dos meus irmãos, ai eu num ia pra escola.

E – E você estudou até que série lá fora?

E1- Até a sexta.

E – Entendi. E aqui você está em que série?

E1- Aqui estou terminando a sexta.

E – E na época que você estudava você morava com quem?

E1- Com a minha família.

E – Entendi. E assim tem alguma coisa que te marcou quando você estudava? Alguma situação, ou algo assim.

E1- Ah, não sei. Acho que não.

E – Não teve nada que te marcou?

E1- Ah, acho que não... só uma vez que eu pulei o muro da escola, mas fora isso acho que nada.

E – Entendi, você pulou o muro só uma vez?

E1- É, geralmente, quando eu ia eu pedia pra sair, só pulei o muro uma vez só.

E – Você comentou que não ia muito a escola né, mas assim o que te motivava a ir para a escola?

E1- Ah, eu queria passar de ano, né pra arrumar um serviço bom, termina os estudos e aprende também.

E – E o que te fez procurar a escola na prisão?

E1- Então eu tava em outra unidade, em Ribeirão Preto, e lá eu não estudava, porque eu só fiquei 20 dias lá ai num deu tempo de começar a estudar. Eu procurei porque eu gosto de estudar e aqui é obrigado a estudar né, porque quem não terminou o fundamental tem que estudar aqui.

E – Aqui é obrigado a estudar então?

E1- Sim, quando a gente vem pra cá já sabe que tem que estudar.

E – Entendi. Eu queria que você me contasse quais os momentos que você acha mais prazerosos e os menos prazerosos na sua rotina escolar?

E1- Ah, eu gosto de ciências e história, agora matemática não dá, não entra na minha cabeça.

E – E a relação com as outras meninas como é na aula?

E1 – Ah normal, normal a relação com as outras alunas, quando acaba a aula a gente conversa com a professora, e conversa um pouco durante a aula também. [risos]

E – E você costuma estudar fora do horário de aula?

E1 – Não, num estudo fora da aula não, só lá mesmo.

E – Aham. E a biblioteca você costuma usar?

E1 – Uso, leio bastante livro, leio bastante romance.

E – Tem livros da escola na biblioteca também?

E1 – Tem sim, mas a gente recebe o material da escola.

E – Ah ta. Quais materiais?

E1 – A gente fica com os livros do 6º, 7º, 8º e 9º ano direto.

E – E assim, quais são as outras atividades que você realiza aqui?

E1 – Atividade num tem muito aqui. Eu acordo vo pro trabalho e estudo a noite. Vinha um professor de ginástica umas 2 vezes na semana aqui, mas num vem mais. Ah também tem jogo na biblioteca, dominó, dama... de vez em quando eu pego pra brinca.

E – E você acha que a educação que você tem aqui na prisão é diferente da que você tinha lá fora?

E1 – É.

E – É. Em que você acha que é diferente?

E1 – Ah, porque não é professora da rua é companheira presa igual a gente. É diferente porque é só lição do livro, pega o que ta lá e passa pra gente. A professora explica, mas explica menos que a professora da rua.

E – Entendi, e como é a aula aqui?

E1 – Bem, a aula começa 18:25 e termina umas 21:50, as vezes tem filme, as vezes só lição.

E – E são só alunas de 6^a série que estudam com você?

E1 – Não, é Tudo junto da 5^a a 8^a.

E – Entendi. E a professora passa a mesma lição pra todo mundo?

E1 – Aham, é a mesma lição pra todo mundo, as vezes muda o livro um dia é o da 6^a outro dia da 7^a e é assim.

E – E você acha que estudar aqui, vai te ajudar quando você sair?

E1 – Acho que sim, vou sair e terminar lá fora, porque eu já to montando o semi-aberto.

E – Entendi. E em que você acha que vai te ajudar?

E1 – É que aqui aprendi, to aprendendo né, algumas coisinhas. Aqui a gente tem mais tempo, mais paciência.

E – Mas assim, em que você acha que estudar aqui dentro pode te ajudar lá fora?

E1 – Não sei. Não sei no que pode me ajuda só lá fora mesmo pra saber.

E – Na sua opinião você acha que alguma coisa da educação daqui de dentro poderia ser mudado?

E1 – Acho. Se tivesse uma professora da rua seria melhor.

E – Por que?

E1 – Pra ensina mais, passa lição diferente porque aqui a professora só passa do livro.

E – Entendi, e assim se, por exemplo, viesse uma professora da rua pra dar aula. Você acha que isso te motivaria para ir para escola?

E1 – Sim, motivaria mais a frequentar a escola. A professora da 1^a a 4^a é da rua. Mas aqui num tem estrutura pra estuda, a gente estuda aqui no refeitório.

E – Entendi. Não tem sala de aula?

E1 – Não é aqui mesmo as aulas.

E – E a chamada como é feita?

E1 – Tem uma ASP que faz a chamada. Porque pode falta no máximo 3 vezes no mês.

E – E se faltar mais o que acontece?

E1 – A ASP chama e pergunta porque que a gente ta faltando.

E – Ah entendi. E assim, você tem que fazer lição de casa?

E1 – Não, desde que eu to aqui num fiz nenhuma.

E – Entendi. Bem acho que era mais ou menos isso que eu tinha para perguntar sobre a escola. Obrigada.

E1 – De nada.

Entrevista 2

E – Primeiramente eu gostaria de saber a sua idade.

E2 – 30 anos.

E – E tem quanto tempo que você está presa?

E2 – 3 anos e 2 meses, agora to em semi-aberto.

E – Entendi. E por qual motivo você foi presa?

E2 – Tráfico 33 e 35.

E – Bem eu gostaria que você me contasse um pouco sua trajetória escolar antes de ser presa.

E2 – Eu parei de estudar quando tinha 12, 13 anos. Eu gostava muito de estuda, amava as professoras. Ai eu parei de estuda quando teve a mudança de escola, e ai ficou da 1^a a 4^a em uma e da 5^a a 8^a em outra, ai eu parei quando fui pra 5^a porque mudou todos meus professores, tinha vários professores e a de inglês era insuportável. Antes disso eu nunca tinha tido aula de inglês foi mais por ela que eu resolvi parar. Eu sempre morei com a minha mãe porque meus pais eram separados, ai eu falei pra minha mãe que ia parar de estudar e ela disse que tudo bem, ai eu parei na 5^a e só voltei a estudar aqui.

E – E que série você está agora?

E2 – Agora estou na 7^a, antes de vir pra cá fiquei na comarca, ai num estudava, mas de lá vim direto pra cá e comecei a estuda.

E – Entendi. Eu queria que você me contasse se teve alguma situação que te marcou muito quando você estudava?

E2 – Teve sim. Uma professora que eu tive na 3^a série, sei lá eu amava muito ela, Gislaine, a melhor professora do mundo. Hoje a irmã dela é diretora da escola onde meu filho estuda.

E – E o que fazia você amar essa professora?

E2 – A forma de ensinar, era o que me encantava, o jeito dela, a gente pegava muito facinho.

E – Pegava facinho as matérias?

E2 – É.

E – Entendi. E o que te motivava a frequentar as aulas lá fora?

E2 – Eu gostava de estuda, amo matemática é o que eu mais gosto até hoje.

E – E o que te fez procurar a escola aqui dentro?

E2 – Aqui a gente é obrigada a estuda, mesmo que não quiser.

E – Mas você acha que se não fosse obrigado você procuraria a escola?

E2 – Acho que procuraria se não fosse obrigado, porque eu sempre quis, mas as circunstâncias não deixaram.

E – Circunstâncias?

E2 – A vida errada que eu tinha, não tinha tempo de estuda. Comecei no tráfico cedo com 17 pra 18 anos, ai não tinha tempo de estuda.

E – Entendi. Me conta quais são os momentos que você considera mais e menos prazerosos na escola.

E2 – Mais prazeroso quando vai dar aula de matemática ou vai passar algum filme interessante. Desprazeros, todos os outros, porque as aulas são nada a ver. Não é interessante não dá motivação de estuda é uma aula sem nexo. O moço da FUNAP, estuda, monta uma aula e passa para a menina dá aula pra gente mas as aulas são chatinhas demais. Você vai assistir, você vai ver.

E – Você estuda fora da sala de aula?

E2 – Não, raramente eu pego o livro.

E – E a biblioteca você usa?

E2 – As vezes, é difícil também. Pego mais romance.

E – Entendi. E quais são as outras atividades que você tem aqui?

E2 – Bem eu levanto 6:30 tomo café, 7:30 vou lá para fora limpar, cuidar das plantas, ai 10:50 eu entro, almoço 11 horas. Depois eu durmo um pouco, ai as 14h tem o café, 14:30 eu saio para jogar o lixo, volto tomo banho e espero a hora de ir para aula. Essa é a minha rotina hoje.

E – E você acha que a educação oferecida aqui é diferente da que é oferecida lá fora?

E2 – Faz muito tempo que não estudo, mas acho que é diferente, talvez hoje esteja assim lá fora, mas não sei. Na minha época era melhor.

E – Era melhor em que?

E2 – As matérias eram mais interessantes, hoje as matérias é sem sentido.

E – Você acha que o que você aprende na escola te ajudará quando você sair?

E2 – Ainda falta um ano e pouco, mas eu acho que vai ajudar, porque eu pretendo continuar estudando lá fora e ai eu já tenho um caminhãozinho aqui dentro. Não sei, talvez ajude a arruma um emprego, porque hoje em dia até pra ser catado de lixo precisa ter estudo.

E – Você acredita que algo poderia ser alterado na educação oferecida aqui na prisão?

E2 – Não sei, mas eu acho que vai mudar um pouquinho porque vai vir uma professora da rua, ai não vai ter mais o monitor da FUNAP pra ensinar.

E – E você acha que vir alguém da rua vai te motivar a frequentar as aulas?

E2 – A frequência vai continua a mesma porque se faltar vai se prejudicar aqui, mas uma professora de fora já está acostumada a dar aula a explicar, presa não.

E – Você falou que se não for a escola se prejudica aqui. O que acontece?

E2 – Se alguém abandona a escola rola sindicância e a pessoa vai de bonde, todo mundo que vem para cá sabe que é obrigatório estuda e trabalhar seja qual for o serviço e salário.

E – E os salários são baixos?

E2 – A maioria das empresas daqui de dentro paga por produção. Na rua é salário mínimo.

E – Entendi. E vocês são informada se há ou não remição por estudo?

E2 – Sim, mas o juiz daqui não acata, nem ta subindo remição de escola, só sobe a remição de trabalho.

E – Entendi. Bem acho que era mais ou menos isso que eu tinha pra conversar com você. Obrigada.

E2 – De nada.

Entrevista 3

E – Primeiro gostaria de saber qual sua idade?

E3 – 46

E – E há quanto tempo está presa?

E3 – 2 anos e 6 meses, hoje tem 2 anos e 1 mês que to nessa unidade, e atualmente estou no semi-aberto.

E – Entendi. Então gostaria de conversar um pouco com você sobre a educação aqui na prisão...

E3 – Ah sim, então domingo agora, tem prova do ENCEJA, para vê que passa, quem termina a 8ª, ai passando na prova termina a 8ª e quando sai continua. Sabe eu gosto de

estuda, mas trabalho na rua e volto cansada. Eu leio bastante, hoje mesmo fiquei aqui porque não estava bem de saúde, ai fiquei lendo.

E – Entendi. Bem eu gostaria que você me contasse um pouco como foi sua trajetória escolar antes de entrar na prisão.

E3 – A ultima vez que eu fui na escola tinha 14 anos, comecei a 5^a série, mas parei e voltei aqui. Hoje eu me arrependo de não ter ouvido meu pai. Era bom estudar.

E – E na época que você estudava teve alguma coisa que te marcou muito?

E3 – Hum! Uma coisa foi uma atividade de família, tipo uma redação pra falar sobre família. Eu morei no sítio, vim pra cidade com 23 anos. Sou de Limeira agora, morei em Americana 19 anos e depois mudei pra Limeira.

E – E o que te motivava a ir na escola lá fora?

E3 – Ouvia meu pai, ele dava muito conselho, ouvia as amigas falando que tinha que estuda pra ser alguém na vida que a gente morava no sitio, era difícil, falava que tinha que faze faculdade. Aqui tudo o que aparece eu faço, palestra, tudo. Hoje eu poderia estar formada já. Até falei pra minha filha que foi o único conselho que não ouvi do avô dela. Ela está no 2º ano do ensino médio, agora ganhou curso no Senac de Limeira. E eu falo pra ela que quando sair a gente vai estuda junto. Tudo que eu aprendi aqui eu passo para meus filhos, a gente não pode desperdiçar as oportunidades que a vida dá pra gente.

E – Mas o que te levava a ir na escola?

E3 – Assim, aprender né, eu tava na rua e meus irmãos também estudavam na escola, a gente ia tudo junto ai eu botei na cabeça que não queria mais ir e parei. Eu trabalhava acordava as 4 pra ir pra roça, tinha que anda muito pra ir pra escola. Ai quando fui pra cidade, tive oportunidade de volta, mas não fui porque não quis mesmo. Agora eu estudo e trabalho desde o primeiro dia que eu entrei aqui.

E – Entendi. E o que te fez procurar a escola na prisão?

E3 – Eu vi, assim, uma nova chance pra mim. Se eu tivesse na rua talvez eu não tivesse estudando. Lá fora eu trabalho, falava que ia estuda, mas nunca tinha tido, assim, vontade. Apesar de ser uma prisão a gente sabendo aproveita a oportunidade tem muita coisa boa. Assim vai ter essa prova se eu passar vou pegar meu diploma quando sair e arruma um emprego. Eu não mexia com droga, quem mexia era meu filho eu fui presa no trabalho. Eu to preocupada porque domingo vai ter redação e o monitor da FUNAP falou que eu escrevo bem, esses dias teve uma redação pra falar sobre família, na escola, eu escrevi sobre meu pai todo mundo aplaudiu. Esses dias mandei uma carta por meu pai que minha filha falou que ele até chorou. Quando eu tinha 13, 14 anos comprei uma lousinha e ficava domingo ensinando as crianças, meu pai até fez uma mesinha de madeira e as crianças iam lá. Fico lembrando desse tempo, me dá tanta saudade, se eu pudesse voltar. Gosto tanto de crianças e idoso até falam pra eu fazer um curso pra cuidar. Sabe, porque eu já fui jovem todo mundo quer amor e carinho, tive uma infância muito boa, meus pais sempre foram muito bons. Tenho saudade do sitio, da infância.

E – Me conta o que você considera mais e menos prazeroso na escola.

E3 – A única coisa que as vezes eu fico um pouco irritada é porque eu volto muito cansada do trabalho, mas ai a hora que chega, começo a escrever, me animo. Agora quero ver de passa nessa prova porque ai posso parar, mas não tem nada que eu posso reclama, até agradeço essa oportunidade.

E – E assim, você estuda fora da sala de aula?

E3 – Leio bastante, as vezes pego o livro, o caderno pra ler. A prova aqui também é muito fácil é de x e mais a redação que conta. A gente já fez muito trabalho de cartaz em grupo. Nós que temos mais idade acabamos nos interessando mais que os jovens. Acho que não

tão nem ai, muitas sim, mas tem muitas que acha que o estudo não vale nada. Quando é jovem quer curtir, mas falo pra elas adiantar, quando chegar lá fora já adiantou. Eu dou muito conselho porque eu fiz a mesma loucura de parar meus estudos então hoje eu me arrependo muito.

E – Entendi. E quais são as outras atividades que você tem aqui?

E3 – Bem eu trabalho na rua, saio daqui as 6:30 e volto 17:15. Trabalho num deposito de bebida. Ai pra sair a gente acorda mais cedo se arruma, põe a calça legging, que é a que podemos sair, e a camiseta que a empresa dá.

E – Entendi. E você acha que a educação oferecida aqui na prisão é diferente da oferecida lá fora?

E3 – Oh! Algumas matérias são diferentes aqui a gente usa mais lição de livro, na rua tinha mais explicação, mas o conteúdo é a mesma coisa. Mas também não adianta o professor vir falar e não tiver interesse, aqui o povo vem pra fica conversando. Aqui eu aprendi a fazer crochê que sempre quis aprender e vim aprender aqui dentro. É preciso aproveitar as oportunidades que tem aqui dentro e usar lá fora. Até hoje eu não acredito que to na prisão, parece que na saidinha eu to de férias e depois volto pro trabalho.

E – E você considera que o que você está aprendendo aqui vai te ajudar lá fora?

E3 – Sim com certeza.

E – Como?

E3 – Ah, porque se eu fizer essa prova e passar lá fora eu não vou ter que perder tempo, vou poder começar coisa nova, é como se tivesse adiantando. Aqui to tendo motivação, to tendo ajuda é muito proveitoso tudo que eu aprendo aqui posso passar pra alguém lá fora, principalmente pros meus filhos.

E – E você acha que alguma coisa poderia ser diferente na educação oferecida aqui?

E3 – Não. Pra mim tá ótimo. Assim é uma escola, não leva a sério quem não quer, quem não ta interessado, pra mim ajudo muito, eu retomei a matemática, só não estuda quem não quer.

E – Entendi, bem acho que era mais ou menos isso.

E3 – Eu falo muito né.

E – Não tem problema. Obrigada pela contribuição.

E3 – De nada.

Entrevistas realizadas dia 22 de outubro de 2012.

Entrevista 4

E - qual a sua idade?

E4 – 30 anos

E – Faz quanto tempo que você está presa?

E4 – 2 e 1.

E - E por que você está presa?

E4 – tráfico 33

E - Queria que você me descrevesse um pouco a sua trajetória escolar antes de entrar aqui na prisão. Você estudou antes? Como foi? Até que idade você estudou?

E4 – Ah! Eu parei de estudar depois que eu engravidei do meu do meu quarto filho né! É tinha o desenho lá, nós ia pra escolar, estudava na mesma série né. Ele ia busca eu lá. Quando eu ia pra escola né, quando não ia ele ficava bravo. Mas eu gostava de estuda.

E - Você parou na quarta gravidez? Você tinha quantos anos?

E4 – to com 30, meu menino tá com 6, tava com 24.

E - Ai você já estava fazendo o supletivo, é o EJA na época?

E4 – É.

E - Que série que você parou?

E4 – Na 6^a.

E - E agora você está na 7^a é isso?

E4 – Isso.

E - E antes disso, antes de você voltar a estudar, por que você voltou estudar já adulta. E quando era criança estudou até que série?

E4 – Ah, eu estudava né, assim, ai eu tinha parado é com 15 anos.

E - Foi quando você parou a primeira vez?

E4 –Foi. Eu engravidei né ai comecei a trabalhar.

E - uhum. Entendi. Você parou na 6^a?

E4 – Não eu tinha parado na 4^a série.

E - E tem alguma coisa que te marcou nessa época que você estudou? Seja até 15 anos, seja depois. Alguma coisa que te marcou muito em relação a escola?

E4 – Ah! Não.

E - Nenhuma situação que você lembre, como por exemplo matar aula, aprontar com alguém.

E4 – É... tava dando risada esses dia. Da professora lá que eu derrubei pra mim corre atrás da menina pra mim bate nela [risos].

E - Então você derrubou a professora?

E4 – Ela entrou na frente pra mim não sai da escola eu empurrei ela e ela caiu, ai eu corri atrás da menina ué.

E - E o que tinha acontecido com a menina?

E4 – É porque ela mexia comigo, chamava eu de macaca, e num queria dá lanche pra mim, porque eu num levava lanche na escola (E: entendi). Ai ela mexia comigo, ai eu ia bate na menina. Ela falava que eu era macaca, e eu não gosto que chama eu de macaca, ai eu fui e bati nela, depois a mulher chamou a polícia, a polícia foi busca eu e eu tava batendo na menina ainda, queria joga ela dentro do rio, lá no lago.

E - Mas isso foi quando você era criança ou depois de adulta já?

E4 – Não foi depois de adulta. Porque pra mim passa pra 5^a série eu fiz uma prova lá, na escola lá, ai depois.... pra passar pra 5^a.

E - E onde é que você estudava, que cidade?

E4 – Araras.

E - E o que te motivava a ir para a escola, seja adulta ou quando era criança?

E4 – Ah eu gostava né, é... assim minha sobrinha estudava, tem meu lá vizinho também que assim já da minha idade né, a mulher dele ta aqui presa, ele ia pra escola né, eu gostava é

dele e também... mesmo que nós não fazia lição eu gostava de ir lá oiá, a sala de aula [risos].

E - Você não fazia lição?

E4 – é só de vez em quando só.

E - Você gostava de ir para conversar com os outros?

E4 – É. Pra presta atenção também, eu gosto assim é de aprende coisas ai ia pra assisti aula.

E - Entendi. E o que te fez procurar a escola aqui na prisão?

E4 – Ah, aqui tem que estuda né.

E - Tem que estudar sim ou sim?

E4 – É ou estuda ou estuda [risos], mas é gostoso, passa o tempo né.

E - E se você não tivesse que estudar aqui. Você procuraria?

E4 – Ah, eu gosto; é porque assim na rua as vezes eu parava assim, eu parava depois eu voltava pra escola, porque as vezes eu gosto sabe, de aprende coisas diferente, gosto de....

E - Você parou e voltou quantas vezes? Você me contou de duas, tiveram mais vezes?

E4 – Teve mais vezes que eu parei e depois voltei, na 4^a série mesmo, eu parei depois eu voltei.

E – Me conta os momentos que você considera mais prazerosos e menos prazerosos na rotina escolar daqui.

E4 – Ah, eu na verdade, a hora que chega a hora de ir pra escola dá aquela preguiça e num dá vontade de ir né. Ai começa a enrola, mas depois acabo indo. Mas ai na hora da novela dá aquela angústia, dá vontade de sair da escola pra ir assisti a novela [risos].

E - E tem alguma coisa que você gosta mais na escola aqui?

E4 – Ah, não. Eu vo lá gosto de brinca com todo mundo, as vezes eu brigava com a Jaque (Antiga professora) aqui, mas depois tava tudo bem. É eu gosto de briga.

E - Mas você briga porque?

E4 – Não é que as vezes eu gosto mesmo de briga, ai depois eu vo e fica tudo bem.

E - E você estuda fora do horário de aula? No quarto?

E4 – Ah, as vezes eu pego um livro pra mim lê, que eu gosto de lê de vez em quando, mas livro de desenho, de historinha.

E - Não é nada da escola?

E4 – Não, difícil eu lê coisa assim da escola.

E - Você tem material da escola?

E4 – Sim, tem os quatro livros lá da 6^a, 7^a, 8^a e 9^o ano.

E - Vocês recebem para poder acompanhar as aulas?

E4 – É.

E - Entendi. Você comentou que usa a biblioteca. Você usa sempre, ou não?

E4 – Não, é difícil eu vir aqui pegar um livro pra ler, gosto de ficar escrevendo carta pro meus amigos.

E - E quais são as outras atividades que você realiza no seu dia-a-dia? Como é seu dia aqui?

E4 – Ah! É bom.

E – É bom? Me conta o que você faz no seu dia.

E4 – Ah eu levanto, eu trabalho né, na hora do almoço tira um descansinho, depois seis hora vai pra escola.

E – Você trabalha até a hora do almoço?

E4 – É depois nós para 10:30 e volta 12:30 ai vai até as 16:30.

E – Entendi ai depois você vai jantar, toma banho e vai pra escola seis hora.

E4 – Isso.

E – Entendi. Você acha que a educação que você tem aqui dentro, na escola, é diferente da que você tinha lá fora?

E4 – Não.

E – Por que você acha que não é diferente?

E4 – Ah, eu num sei né, porque, assim, é difícil preta atenção né. (E: aham!) Mas pra mim não tem nada de diferente.

E – Por que é difícil prestar atenção?

E4 – É porque tem hora que assim, que eu to viajando bem lá, sabe? Longe. Ai eu num presto atenção nas coisa. Agora quando eu quero, presto atenção em tudo, faço a lição direitinho.

E – Entendi e quando tem as provas, por que teve prova ontem né?

E4 – É teve, fiquei com a pulga atrás da orelha.

E – Ficou com a pulga atrás da orelha?

E4 – É porque eu não estudei né.

E – Foi muito difícil a prova?

E4 – Mais ou menos. O que mais fiquei assim é aquelas doença, assim, DST, AIDS. Eu num sei né.

E – Tinha perguntas sobre isso?

E4 – Tinha.

E – Era de xizinho, não?

E4 – É.

E – Só a redação que era escrita?

E4 – É.

E – Entendi. E você acha que o aprendizado que você tem aqui na escola vai te ajudar quando você sair daqui?

E4 – Vai.

E – Em que você acha que vai te ajudar?

E4 – Ah em tudo né, porque a gente aprende um pouco mais né, e na rua quando a gente vai procura um serviço, já tem né, aquele estudo a gente já sabe um pouco mais.

E – Você acha que vai te ajudar para procurar um serviço lá fora? A senhora vai voltar pra Araras e tentar arrumar alguma coisa lá?

E4 – Vou. Bom lá em Araras é difícil dá serviço né, pra gente que acabo de sair da cadeia, mas eu tento procura. Vo pra casa da minha mãe em Limeira porque lá também é bão. É bão também que dá pra mim ajuda minhas filhas, né que tão estudando.

E – E você vai ficar aqui mais quanto tempo, você sabe?

E4 – Num sei, to esperando o resultado da minha apelação. Agora fora isso, eu monte em janeiro, na semi-aberto. Tem mais 2 anos e pouquinha pra tirar.

E – E se você não terminar o 9º ano aqui, se você sair antes, você vai procurar lá fora ou não?

E4 – É eu conversei com meu marido, eu acho que eu vou voltar estudar sim, porque eu quero saber pra ajuda as crianças.

E – Você tem 4 filhos né?

E4 – Sim.

E – Eles vem te visitar, ou não?

E4 – Não.

E – Só seu marido?

E4 – Só meu marido.

E – Entendi. E você acha que alguma coisa aqui na educação, na escola poderia ser alterado? Poderia ser diferente alguma coisa aqui?

E4 – Ah! Eu acho que sim né.

E – É. E o que você acha que poderia ser diferente?

E4 – Ah como que eu posso falar pro cé. Ah assim, uma professora da rua, assim pra explicar, alguém que sabe, tem mais experiência assim pra explicar pra gente. Querendo dizer assim, pessoal dá palestra, fala sobre as doenças, é bão. Isso ai, diferente pra gente ir aprendendo.

E – Entendi. Coisas, informações de fora você acha que seria bom?

E4 – É.

E – Entendi. E você acha que essas mudanças, se viesse um professor de fora ou algo assim, ia te motivar mais pra ir pra aula?

E4 – É com certeza né. Ia explicar coisa diferente de fora.

E – Entendi. Bem acho que era mais ou menos isso. Obrigada.

E4 – De nada.

Entrevista 5

E – Bem primeiro eu gostaria de saber a sua idade.

E5 – Tenho 22 anos.

E – E quanto tempo que você está aqui.

E5 – Aqui faz 3 meses.

E – Você tava em outra unidade?

E5 – Tava, em São Bernardo.

E – Então ao todo você está há quanto tempo?

E5 – Ao todo faz 7 meses.

E – E por qual motivo você foi presa?

E5 – Estou presa por associação ao tráfico.

E – É o 35?

E5 – É 35.

E – Eu queria saber um pouquinho da sua trajetória escolar antes de entrar na prisão? Por que você frequentou a escola antes aqui?

E5 – Já.

E – E ai como é que era?

E5 – Eu na rua não gostava de estuda não viu.

E – Não gostava de estuda.

E5 – Não gostava não [risos].

E – Aqui você gosta?

E5 – Aqui eu tenho que estuda né. Eu tenho que aprende um pouquinho, porque hoje eu me arrependo de não ter estudado. Eu devia ter seguido o conselho da minha mãe né.

E – E como foi? Você começou a estudar com 6, 7 anos lá...

E5 – Então eu comecei estuda acho que foi com 6 anos.

E – E ai como foi? Quando é que você parou?

E5 – Fui indo, só que ai eu parei porque eu repeti de ano, ai eu repetia, repetia ai eu parei de estuda.

E – Você repetiu que série?

E5 – Eu repeti na 5^a; não saia da 5^a. Eu repeti acho que uma 4 vezes na 5^a série. Foi por falta, não foi por causa de nota [risos].

E – Entendi. Ai você desistiu na 5^a série?

E5 – É ai eu parei de estuda. Ai depois eu casei né. Eu casei com 14 anos.

E – Assim que saiu da escola você casou?

E5 – É.

E – Ai teve filhos e tudo?

E5 – Tenho dois filhos.

E – Entendi. E você chegou a procurar a escola de novo na rua ou não?

E5 – Não por que meu marido nunca deixou eu estuda né, ele é muito ciumento, ai ele não deixou eu estuda, mas agora eu to estudando, agora eu pretendo termina.

E – E como era a escola? O que você lembra da escola?

E5 – Ah eu gostava, assim, mas eu gostava mais das aulas de educação física, das aulas de dança, só isso que eu gostava.

E – E o que te marcou mais na escola, aconteceu alguma coisa, alguma situação?

E5 – Não, não aconteceu nada. É que eu mesmo, depois que eu ia pra escola que eu vi que não passava de ano eu desisti de estuda, porque eu ia mais pra escola, ai chegava eu ia um dia e faltava uma semana. Ai foi indo, ai eu repeti, ai eu desisti de ir pra escola, ai eu parei de estuda. Mas foi... eu parei de estuda mesmo por falta, porque eu num passava de ano ai eu parei.

E – Você falou que você se arrepende né. Por que você se arrepende?

E5 – Me arrependo, porque se eu tivesse um estudo melhor hoje eu não taria dentro desse lugar né.

E – Você acha que você acabou se envolvendo com o tráfico.

E5 – É por causa de falta de opção, por causa disso mesmo entendeu? Falta de opção

E – Entendi.

E5 – Eu trabalhava também, mas eu me envolvi... eu to aqui mesmo, sinceramente sem deve nada pra ninguém, cê entendeu? É só por que eu ia na casa da mulher que traficava, eu limpava a casa dela, cuidava dos filhos dela. Então ai, o delegado me associou a ela, mas eu não traficava.

E – Mas você sabe que ela traficava?

E5 – Eu sabia que ela traficava, então eu era conivente.

E – E o que te motivava a ir para a escola lá fora?

E5 – O que me motivava? Era só, mesmo... nem sei porque que eu ia na escola, só por causa da minha mãe [risos]

E – Mas não tinha nem uns amigos?

E5 – Ah, eu não gostava de ir na escola mesmo na rua, nunca gostei de estudar na rua.

E – E a sua mãe pegava no seu pé pra você ir?

E5 – Ai minha mãe fala: vai pra escola, vai pra escola. Ai hoje eu me arrependo, deveria ter seguido o conselho dela né.

E – Sua mãe vem te visitar aqui?

E5 – Minha mãe vem uma vez por mês porque ela mora longe né, lá em Taubaté.

E – Você é de lá?

E5 – Não eu sou de Tirapina, meu pai mora em Tirapina, aqui do lado, ai ele vem. Todo domingo ele vem me ver, e a minha mãe vem um vez por mês, ai vem minha sogra, vem meus filhos.

E – Entendi. E o que te levou a procurar a escola aqui na prisão?

E5 – Ah porque eu queria aprender mais, eu queria... eu quero sair daqui mudada né ser uma nova pessoa, pra mim consegui uma profissão, porque sem estudo você não consegue nada né. Ai eu resolvi estudar, aprende, pra mim pode sair mais, com a consciência mais inteligente né quer dizer né, que sou meio burrinha ainda.

E – E ai você acha que isso vai te ajudar lá fora?

E5 – Vai me ajudar muito.

E – E se você não conseguir terminar aqui. Você vai ficar quanto tempo?

E5 – Eu peguei de cadeia 5 anos 7 meses e 15 dias. Só que é na lei de um sexto tenho que fica 11 meses no fechado e 8 meses no aberto.

E – E ai tem a remição também por trabalhar né.

E5 – Tem remição.

E – E o estudo também tem remição?

E5 – Falam que tem né, agora eu já não sei se tem ou se não tem, mas falam que tem remição também.

E – Me conta os momentos que você considera mais prazerosos e menos prazerosos na sua rotina escolar? O que você gosta mais e o que gosta menos?

E5 – O que eu gosto mais e o que gosto menos? Menos eu gosto de matemática, que eu não sei faze conta [risos]. Agora mais o que eu gosto é de filme, que asseste bastante filme, eu gosto de filme.

E – Algum em especial?

E5 – Tem um que a gente não terminou de assisti, era Antonia.

E – E você estuda fora da sala de aula?

E5 – Não, só estudo na aula mesmo. É que eu chego cansada do serviço né, ai dá até preguiça de ir pra escola, porque cê chega cansada do serviço, ai toma banho cê quer dormi, daí num dá pra dormi, tem que ir pra escola, a escola acaba 22h, daí cê dorme e já acorda e tem que trabalha de novo.

E – Você acorda que horas?

E5 – [risos] 7 horas, não eu acordo 6 horas. 7 horas eu entro no serviço.

E – Entendi. E você usa a biblioteca? Costuma vir aqui pegar livro?

E5 – Sinceramente eu vim aqui e peguei um livro só até hoje e num terminei de Le ele ainda [risos]

E – Você não gosta de ler?

E5 – Não eu gosto, mas... é que eu também não tenho tempo né. É puxado; trabalho, escola, então não dá tempo só.... No final de semana eu vou pra igreja, tem igreja no final de semana, no sábado. No domingo tem a visita. Então é, o tempo que eu tenho pra estuda, pra lê o livro, ou é no sábado a tarde, ou no domingo a tarde só que ai eu chego cansada e desbundo.

E – É a única hora que dá pra descansar um pouco?

E5 – É.

E – E que igreja que você vai aqui?

E5 – Eu vo em duas igreja uma é a Filadélfia e a outra eu num lembro o nome. Eu vo em todas porque eu sirvo um Deus só, não importa né em qual que eu vo, basta eu servi.

E – E aqui dentro a religião é benvinda né?

E5 – É. A gente sinceramente, quando tá na rua, a gente não pensa em nada, a gente não serve a Deus, eu mesmo sou assim, eu não servia a Deus, só que depois que eu cai dentro desse lugar, eu aprendi muitas coisas, Deus tirou as vendas dos meus olhos pra mim aprende muita coisa cê entendeu? Isso aqui pra mim não é uma prisão, é uma escola. Cê aprende muita coisa, o lugar que eu tava era pior do que aqui, aqui eu to no céu.

E – O lugar que você estava é São Bernardo?

E5 – É eu tava em São Bernardo, lá são 1800 mulheres, é o caldeirão do inferno, então aqui eu to no céu, pra mim eu to no céu, porque aqui eu tenho a minha cama, tenho meu serviço pra mim trabalha, me sustenta lá eu não tinha nada disso. Lá eu dormia no chão, num colchãozinho de solteiro com quatro mulher, só num colchão de solteiro, então lá eu sofri muito. Aqui sinceramente eu to no céu.

E – E foi você que pediu pra vir para cá?

E5 – Eu que pedi pra vir pra cá, porque eu não aguentava fica lá, não aguentava. Deus ouviu minhas preces né porque aqui pra vim disseram que não aceitava a lei do 35, não aceitava o 35, só que Deus fez a obra na minha vida, porque eu só to no 35 e eu vim pra cá pela honra e a glória do Senhor eu vim pra cá.

E – Que bom que você se sente melhor aqui.

E5 – Eu me sinto, bem melhor. Quero sair daqui pra minha casa.

E – E quais são as outras atividades que você realiza aqui?

E5 – Faço aula de canto. Que mais que eu faço?

E – Vem alguém de fora pra dar aula?

E5 – É. Aula de canto e ginástica.

E – E quando que são essas coisas?

E5 – No sábado a aula de canto.

E – Ginástica também é de sábado?

E5 – A ginástica o rapaz vem quando ele quer e as vezes fica 10 minutos, mas tem que fazer né.

E – Essas coisas são obrigadas a fazer também?

E5 – Obrigada não é né, a gente vai porque a gente quer. Minha aula de canto não é obrigada, eu faço porque eu quero, a ginástica eu faço porque eu quero. O serviço, mesmo que fosse obrigado ou não eu ia trabalha, porque eu gosto de trabalha, não gosto de fica parada, eu gosto de trabalha. Eu sempre trabalhei na roça né, então a gente se acostuma a trabalha. Agora você fica trabalhando sentada no bem bom né é bom.

E – Você trabalhava na roça fazendo o que?

E5 – Colhia laranja, panhava café, fazia de tudo, de tudo um pouquinho. Sofrimento, mas tá bom.

E – Entendi. E você acha que a educação que você tem aqui dentro é diferente da que você tinha lá fora?

E5 – Aprendi muita coisa aqui dentro, porque lá fora eu num dava valor pra nada né.

E – Você acha que aqui dentro a educação está melhor?

E5 – Aqui dentro por mais que seja uma prisão a gente aprende muita coisa, a gente aprende muita coisa, a gente aprende a dá valor numa folha de papel que você não dá lá fora, aqui dentro você aprende a dá valor. Então eu acho que aqui dentro tem mais ensinamento do que lá fora. Porque lá fora você escuta muito assim... muita coisa só que cê num dá ouvido pras coisas que você escuta lá fora, cê vem dá ouvido quando você cai dentro dum lugar desses. E só a gente que passa por um lugar desse é que a gente tá sabendo.

E – Isso você tá dizendo do geral né. Mas e da escola você acha que é diferente a daqui da que você estudava lá fora?

E5 – É diferente.

E – Em que você acha diferente?

E5 – É que a escola que eu estudava lá fora era muita lição, nossa! A lousa era cheia, misericórdia. Aqui a professora é boazinha, de vez em quando ela passa filme, ai ela passa 3, 4 continha ai nós faz, depois nós fica conversando.

E – E tem lição de casa?

E5 – Não, até agora eu num fiz lição de casa.

E – E os livros vocês usam?

E5 – Os livros eu fiz umas conta lá, mas num sei faze não.

E – Até pega o livro pra dar uma olhada?

E5 – É mas num tem como, num consigo, eu só sei conta de mais e menos [risos] to sendo sincera.

E – E você acha que o aprendizado que você está tendo aqui na escola vai te ajudar na sua reinserção social?

E5 – Vai me ajuda muito.

E – Vai? Em que vai te ajudar?

E5 – Vai me ajudar arrumar um serviço melhor né, porque que nem eu que trabalhava na roça, porque quem não tem estudo só trabalha em roça, agora se você tive estudo você pode ser uma secretária, você pode ser... eu já não tenho nem como ser mais porque eu já to velha [risos].

E – Você acha mesmo que está velha pra fazer qualquer coisa?

E5 – Eu vou faze, em nome de Jesus eu vo faze. Eu quero, eu quero... a primeira coisa que eu quero faze é, faze a obra do Senhor, a primeira coisa que eu quero fazer quando sair desse lugar.

E – O que é a obra do Senhor?

E5 – Fala muita coisa pra muitas pessoas que tão lá fora, que não sabem o que é dentro de um lugar desse.

E – Você quer, vamos dizer ser missionária?

E5 – É eu quero faze o que as pessoas vem e faz aqui entendeu? Que nem, vem a Pastoral, lembrei o nome da igreja de repente. Porque é um serviço comunitário né, vem passa a palavra pras pessoas que precisam, eu quero fala muito pras pessoas lá fora, não dentro da cadeia, pra elas não precisar cair num lugar desses. Quero dar meu testemunho é porque eu não desejo o que eu passei pra nem um cachorro, nem pro meu próprio inimigo, num desejo.

E – Entendi. E você acredita que alguma coisa da escola aqui poderia ser alterado?

E5 – Não, pra mim tá bom, porque a gente aprende bastante coisa, eu aprendi bastante coisa na escola também. Só ta difícil a continha de dividir e multiplicar, tá difícil. Nem dividir, nem multiplicar, não sei.

E – Então tá. Obrigada, acho que era mais ou menos isso.

E5 – Falei demais né [risos]

E – Não imagina. Obrigada.

E5 – De nada.

Entrevista 6

E – Primeiro eu queria saber a sua idade.

E6 – 34 anos

E – Faz quanto tempo que você está presa?

E6 – 2 anos e 1 mês.

E – Você foi presa por que?

E6 – Tráfico 33

E – É eu queria que você me contasse a sua trajetória escolar antes de entrar na prisão. Como era?

E6 – Ah, normal.

E – Normal como? Você estudou até que série?

E6 – Estudei até a 3^a série.

E – Quando criança mesmo?

E6 – É.

E – E por que você parou de estudar?

E6 – Ah. Por que meus pais não tinham condições de manter na escola, ai eu peguei e saí.

E – Você estudava em escola pública?

E6 – Isso.

E – Que condições que não tinham?

E6 – Era muito longe, e não tinha como pagar a perua.

E – Ah precisava pegar uma condução para ir até lá?

E6 – Isso.

E – E tem alguma coisa que te marcou muito nessa época da 1^a à 3^a série? Alguma memória, boa ou ruim da escola.

E6 – Ah, tinha. Foi bão. Tive duas professoras que eu gostava.

E – É como é que era essas professoras? O que você lembra?

E6 – Ah elas era muito legal, elas era muito atenciosa comigo, dava a lição, conversava bastante.

E – Entendi. Eram atenciosas né.

E6 – Isso.

E – E o que te motivava a ir pra escola lá fora?

E6 – Ah, aprende né.

E – Aprende? Você tinha vontade de aprender.

E6 – Tinha.

E – Mas ai teve que parar de estudar?

E6 – Foi triste né, ai eu fiquei sem aprender nada, além do que eu queria aprender.

E – E ai você parou de estudar e começou a trabalhar como é que foi?

E6 – Ai comecei a trabalhar. Ai eu comecei trabalhar como doméstica.

E – E ai você nunca mais teve vontade de voltar a estudar?

E6 – Ah eu tive, mas eu num pude volta por que ai eu casei e o marido num deixava eu ir.

E – E ai tinha que ficar em casa cuidando dos filhos? Você parou de trabalhar também?

E6 – Não continuei trabalhando.

E – E o que te levou a procurar a escola aqui na prisão?

E6 – Ah [pausa] que é bom pra gente né, estuda pra... a gente ganha remição [pausa] e aprende o que não conseguiu aprender quando era pequena, quando era mais nova.

E – Entendi. E que série que você está aqui?

E6 – Eu to na 4^a. [pausa]

E – Me conta o momento que você considera mais prazeroso e menos prazeroso aqui na escola. O que gosta mais, o que gosta menos.

E6 – Ah o que eu gosto mais é matemática. [pausa] Menos é... ai como que fala, faze... responde, responde frases.

E – Responde frase? Fazer prova você diz?

E6 – Não, é tipo, a professora passa um, passa uma história na lousa e depois a gente tem que é... [pausa] ah eu num lembro

E – Redação?

E6 – É.

E – Tem que fazer uma atividade em cima do texto que ela passou?

E6 – Isso. É mais difícil.

E – Entendi. E você estuda fora da sala de aula?

E6 – Não.

E – Nem pega o livro? Você tem o material também né?

E6 – É. O livro eu leio.

E – E você costuma usar a biblioteca?

E6 – Não.

E – E como é que é a aula? Por que é da 1^a a 4^a série junto.

E6 – É a 1^a a 4^a e a 2^a.

E – E ai a professora é de fora?

E6 – Ela é de fora.

E – Entendi. E quais são as outras atividades que você realiza no seu dia-a-dia?

E6 – [pausa] Ah nós assisti filme e faz... [pausa]

E – Ah na escola vocês assistem filme também?

E6 – É o dia que nós vai pra assisti o filme no outro dia nós vai faze o que nós assistimo.

E – Entendi. Vai trabalhar o filme?

E6 – Isso.

E – E a aula é da 18h às 22h também?

E6 – Não é das 18h às 20:30.

E – Da 1^a a 4^a é menos tempo.

E6 – É.

E – E além de estuda, que mais você faz aqui?

E6 – Trabalho.

E – E de fim de semana?

E6 – Fim de semana eu vo na igreja, agora eu dei uma paradinha, mas vo volta a ir de novo?

E – Você faz a aula de canto também? Que me disseram que tem no fim de semana.

E6 – Não por que nós chego da saidinha nós fico sabendo ai, nós nem sabia.

E – Ah começou esses dias.

E6 – É. Nós nem tava sabendo.

E – Foi no feriado então.

E6 – É quando aviso já tava... nós num tinha dado nome nem nada.

E – E você acha que a educação que é oferecida na escola aqui dentro é diferente daquela de quando você estudou lá atrás?

E6 – É.

E – Em que você acha que é diferente.

E6 – É diferente que... algumas coisas é mais difícil né.

E – Aqui você acha mais difícil?

E6 – Algumas lições é mais difícil.

E – Você pode me dar algum exemplo?

E6 – Ah tipo é... dividir.

E – A parte de matemática você acha difícil.

E6 – É.

E – Mesmo você gostando bastante.

E6 – Mesmo eu gostando dela, tem alguma, é, que é meio complicada.

E – E ai como você faz?

E6 – Ai a gente pede ajuda pra ela, ela dá uma, ela... ela fala o como que vai, como que... monta ela e a gente vai e mexe com a mente e começa a faze.

E – Entendi. Sempre pede ajuda pra professora?

E6 – Isso.

E – Você acha que ir na escola aqui, aprender aqui dentro, vai te ajudar quando você sair daqui?

E6 – Vai sim.

E – Em que você acha que vai ajudar?

E6 – Ah, em várias coisas, né. Você vai arruma um serviço, ai precisa de um grau de escola, ai você já tem, então fica mais fácil arruma um serviço melhor.

E – E se não der tempo de terminar aqui seus estudos?

E6 – Se não der tempo, eu vo estuda a noite na rua.

E – Você acha que alguma coisa da escola aqui poderia ser diferente, poderia ser alterado?

E6 – Alguma coisa na escola?

E – É.

E6 – Não eu acharia que, poderia assim, que o local que a gente estuda num é muito legal.

E – É. Onde que é a aula de vocês?

E6 – É lá no fundo.

E – Mas é num...

E6 – No local que nós trabalha, que as meninas trabalha.

E – Ah é na oficina de trabalho, entendi.

E6 – É, então pra nós, num tipo... tempo de chuva é ruim lá.

E – Ah é! Por que? Molha?

E6 – Molha, então a gente gostaria que tivesse um lugar mais adequado pra gente estudar né. Tem cheiro forte de borracha também, tem vezes que a professora nossa, ela tem alergia, porque é muito, o cheiro é muito forte, insuportável de fica.

E – E não tem outro lugar pra ter aula?

E6 – Num tem outro lugar que pode tá dando aula pra nós. Nós reclama pra ela né, mas ela num pode faze nada né.

E – Entendi. E você acha que, por exemplo, mudar de lugar, ia motivar você frequentar mais a aula?

E6 – Ah sim.

E – Te dá mais ânimo?

E6 – Ia sim, ia sim.

E – Então acho que era isso. Se eu tiver alguma dúvida volto a te procurar ta bom?

E6 – Tá bom então.

Entrevista 7

E – Bem primeiro eu queria saber a sua idade.

E7 – 34

E – Faz quanto tempo que você está presa.

E7 – 1 e 8.

E – E por que você foi presa?

E7 – Tráfico 33.

E – Ta. Então eu queria que você me contasse um pouco sua trajetória escolar, antes de entrar na prisão. Como foi? Quando começou estudar? Quando parou?

E7 – Eu comecei estuda no pré, na idade certa, é parei na 6ª série, por que fiquei grávida e depois então eu num estudei mais.

E – Então foi por que você engravidou que você parou?

E7 – Não eu ainda estudei grávida, depois que minha filha nasceu eu optei por para pra cuida dela.

E – Ai você casou e tal.

E7 – Não, num casei, só casei bem depois. Fui cuida dela mesmo.

E – Foi trabalha também, não?

E7 – Fui, fui trabalha assim, meio período, mas cuidava mais dela do que trabalhava.

E – E você tentou voltar estudar depois?

E7 – Não, nunca mais tentei.

E – Veio volta a estudar só aqui dentro?

E7 – Só aqui dentro.

E – E hoje você está em que série?

E7 – Agora, eu terminei né, acho que to fazendo a 7ª, porque eu já eliminei, é eu passei na prova como chama, do ENCEJA, uma coisa assim.

E – A de ontem?

E7 – Não a do mês passado, ai eu passei de série.

E – Entendi, então agora você está na 7^a. Me conta alguma experiência que você acha que foi marcante na escola antes de você ser presa.

E7 – Deixa eu vê.... o que que você quer que eu fale, das lição?

E – Alguma situação que te lembre da escola, uma situação engraçada, chata, ou algo assim que te remeta a escola.

E7 – Ah a quadrilha, a quadrilha. No último ano de escola eu dancei quadrilha muito bonitinha, e é uma coisa que eu lembro muito, minha vó fez uma roupa muito bonitinha pra mim e aquela quadrilha é inesquecível.

E – E como foi?

E7 – É eu tava, tava assim com um vestido muito bonito, pra mim foi muito engraçado, eu me diverti muito. Foi... eu tava gestante já e o vestido bem largão sabe? Foi muito bonito, eu nunca vou esquece.

E – Tava com barrigão já?

E7 – Tava, tava. Eu fui até a filha do fazendeiro, só que com barrigão de verdade [risos]. Todo mundo tomava cuidado pra não bate na minha barriga, ai na hora do olha a ponte, que vira né (E- Aham). Ai todo mundo virava com cuidado pra não bate na minha barriga né. Tudo que tinha pra come, eles traziam pra mim correndo, com medo de eu fica com vontade. Assim foi uma escola, a escola inteira que se mobilizou na minha gravidez, nossa minha filha... tudo que é amigo vinha com alguma coisa pra ela sabe quando ela nasceu. Ainda quando ela nasceu, eu estudei, 3 meses depois que ela nasceu e depois eu parei em outubro? Acho que eu parei em agosto, setembro? Uma coisa assim, antes de finaliza o ano. E nossa todo mundo assim, assim eles se mobilizaram em prol dela. Era a nenezinha da escola. E virava e mexia eu levava ela lá fora do horário de aula e fazia uma festa. Então foi algo assim, que me marcou muito, essa quadrilha, da barriga de verdade.

E – E o que te motivava a ir pra escola?

E7 – Eu gosto muito de aprende, eu sou muito curiosa, eu gosto de conhece o que eu num conheço, eu gosto de é... [pausa] sou muito pergunta deira o que eu num entendo eu quero sabe, o que eu num sei eu quero sabe por que que eu num sabia, eu quero aprende sabe? Eu gosto de estuda.

E – Entendi. E isso desde sempre. Era o que te motivava a ir pra aula.

E7 – Isso, sempre. Eu me lembro que uma vez a professora tava falando sobre pessoas que moravam debaixo da ponte, acho que eu tava na 2^a, ou 3^a série eu num me recordo. Era a professora que chamava Salete, acho que era a 2^a. E ela falou e eu... a sala mó silêncio, quase 40 aluno, e eu: pergunto professora como que alguém mora em baixo da ponte se só tem rio. Até, todo mundo riu de mim, por que pra mim, não existia mendigo debaixo da ponte, debaixo de ponte só passava rio. Então é, eu sempre gostei, eu sempre fui muito curiosa.

E – E o que te levou a procurar a escola aqui na prisão?

E7 – Não. Aqui a gente é obrigado a estuda, não é eu que procurei, a escola que procura a gente .

E – E se não fosse obrigado você acha que iria procura?

E7 – [pausa] No nível que tá a escola hoje, não.

E – Não ia procurar. Me conta momentos que você considera menos prazeroso e mais prazeroso na escola?

E7 – Eu gosto quando passa coisa que eu não sei, coisa que é... eles me obrigam a usar a mente sabe, sabe que me obrigam é a exercer aquele que eu acho que eu não sou capaz e no final eu vejo que eu aprendi e que eu sou capaz de aprender sabe, eu gosto de... muito de matemática, eu gosto de histórias, sabe? Coisa assim antigas tipo dos índios, dos escravos, eu gosto dessas coisas. Odeio mapa.

E – A parte de geografia?

E7 – Nossa eu odeio mapa, num sei quem que invento mapa, mas eu num gosto.

E – Você não acha importante o mapa?

E7 – Então eu aprendi a quilometra, a medi o mapa obrigatoriamente, mas foi uma coisa até uma, uma experiência até assim, interessante, por exemplo, hoje eu sei quantos quilômetros dá de Sorocaba até aqui, pela régua, cê ta entendendo? Antes não, eu jamais saberia faze isso.

E – É escala né?

E7 – É essa escala ai mesmo. Esse negócio ai que eu aprendi [risos].

E – E você estuda fora da sala de aula?

E7 – Algumas coisas que eu tenho interesse.

E – E que coisas são essas?

E7 – Desde que eu comecei a estudar que eu gosto muito de estudar redação, e pra eu aprender a escrever e pronunciar as palavras corretamente.

E – Aham. E como é que você faz isso, pra você estudar redação?

E7 – Eu fico com o livro do ENEM, lendo as redações, os erros, os é as dicas. As vezes eu pego algum livro que me interessa, leio alguns trechos que eu acho interessante pra eu pôde...

E – Esses livros são livros de história, normal.

E7 – Isso. E eu preciso aprender a usar o dicionário, que é eu num tenho o hábito de usar dicionário, e tem muitas palavras que eu desconheço totalmente. Nessa prova mesmo eu tive muita dificuldade, por que tem muitas palavras que eu desconheço, muitas palavras que assim é rotineira do dia-a-dia, só que eu num sei o significado entendeu? (E: Entendi). Na hora de ler eu num consigo assimilar a pergunta a aquela única palavra, e ontem eu me senti com bastante dificuldade na prova de ciências humanas, ciências humanas e ciências da natureza também.

E – Mais na parte de leitura e interpretação?

E7 – Isso! Eu não consegui porque teve as palavras, as palavras dos negros, dos escravos. Palavras que eu num consegui, ter assim, uma... ai como... num entra aqui na minha mente, eu num tenho conhecimento. Então se eu num tenho conhecimento eu num consigo, se eu num sei, se eu num consigo. Eu sou assim oh, se você me manda ler uma pergunta, se eu num consegui entender a pergunta, eu num consigo dar a resposta. Então foi mais ou menos o que aconteceu na prova de ontem, eu lia a pergunta, um trecho eu entendia, o trecho que tava aquela palavra eu num conseguia entender, eu num conseguia dar a resposta.

E – Entendi, ai você teve bastante dificuldade na prova.

E7 – Nossa! Tive muita dificuldade ontem na prova. Eu trouxe até, eles deram a prova pra gente, eu preciso procura aquelas palavras, que eu tive muita dificuldade, muita, muita mesmo.

E – E você costuma usar a biblioteca?

E7 – [pausa] Pra? [pausa] Pegar livros assim?

E – É, ou pra vir aqui ler alguma coisa.

E7 – Faz dias que eu num pego, faz um bocado de tempo. Quando eu cheguei eu pegava mais, eu tinha mais tempo, ai depois eu entrei na cozinha, o tempo era mais curto, é cansativo você dorme, agora piorou ainda, faz dias já que eu num leio. Eu to lendo um livro, mas assim, bem pausadamente.

E – Entendi. Quais são as outras atividades que você faz no seu dia-a-dia?

E7 – Trabalho.

E – E de fim de semana?

E7 – No final de semana eu vou no culto e só.

E – E você se inscreveu na aula de canto também?

E7 – Não, não me inscrevi, mas eu participei sábado, achei interessante, mas não me inscrevi.

E – Você acha que a educação oferecida aqui dentro é diferente da oferecida lá fora?

E7 – Bastante.

E – E me fala o que é esse bastante. Em que é diferente?

E7 – Ah, em que é diferente? Acho que na matéria, acho que... ah no conteúdo né, no... mais o que? [pausa] no... interesse de se ensina e de se aprende. Tem pessoas que fazem por amor, ensina por amor, igual quando você faz uma coisa que você gosta, outra que quando você faz você é obrigado, é diferente.

E – Você acha que falta, um pouco de prazer na escola?

E7 – Tudo que é obrigado não é bom. Não é verdade? Tudo que você tem uma certa obrigação de faze não é bom.

E – Então você acha que ser obrigada a estudar acaba atrapalhando um pouco?

E7 – Não. Acho que se você esquece a parte da obrigação e você vai é, se dedicando a... pegar o que você aprende aqui pra usa amanhã entendeu? Você pode até ir com prazer entendeu? Mas depende do que é apresentado pra você entendeu? Por exemplo, esses tempos atrás o monitor daqui mandou a gente faze, colagem de pré, desenho de pré, aquilo me revoltava, cé tá entendendo, então eu ficava ali aquelas horas na escola porque era obrigada não porque eu gostava. E agora quando fala assim, vai passar fração, equação, aquele negócio de raiz quadrada, é aquele negócio, de, de... dois quinto lá sabe, eu to aprendendo, coisa que eu num sei.

E – Você quando é mais puxado, vamos dizer assim?

E7 – É, eu acho que a aula, é produtiva é uma coisa que eu vo carrega comigo pra vida inteira, entendeu? Agora quando passa esse negócio idiota, quase que eu infarto dentro da escola, mas sou obrigada a fica.

E – Entendi. E você acha que ir na escola aqui vai te ajudar quando você sair?

E7 – Bastante. Bastante.

E – Em que você acha que vai te ajuda?

E7 – É eu acho que eu aprendi a pronuncia melhor as palavras, tem algumas palavras que eu num tinha conhecimento que eu aprendi a te é conta que eu num tinha conhecimento, porcentagem por exemplo, eu num tinha conhecimento nenhum hoje eu já tenho, é várias coisas que foi ensinado aqui... o negócio do mapa que eu te falei, lá a escala, vai me ajuda, eu tenho certeza que vai me ajuda sim.

E – Mas ajuda em que lá fora?

E7 – É igual eu falei pra você aquele dia. Eu queria presta muito as provas do ENEM, mas eu acho que eu num passei na de ontem, então num tem né, sem chance né. Se eu num consegui passa na de ontem né que é super fácil imagina a do ENEM.

E – A de ontem era pra 8ª série?

E7 – Elimina o fundamental. Então é pra eu poder, até mesmo dá continuidade pros estudos lá fora.

E – Você quer fazer faculdade?

E7 – Eu queria, eu queria muito. Sabe? Já que eu tive a oportunidade de ta voltando a estuda, eu queria muito, só que... queria fazer de assistente social.

E – Legal. E você acha que alguma coisa aqui da escola poderia ser alterado?

E7 – Como assim?

E – Algo da escola, você acha que poderia ser diferente do que é hoje?

E7 – [pausa] Pera ai eu num entendi a pergunta, ai eu num vo te dá a resposta.

E – Ta, vamos lá, a escola hoje é da forma lá como eu vi com vocês...

E7 – Aquela bagunça.

E – Você acha que alguma coisa poderia ser diferente?

E7 – Acho que poderia ter mais respeito, ao monitor que tá na frente, por que cê ta ali se dedicando a ensina, acho que a obrigação da gente é ter o mínimo de respeito pra aprende, eu acho que se meia dúzia, num que aprende a cota delas é fica calada e deixa quem quer, aprender, entendeu? Então eu acho que deveria existir mais respeito, mais educação, hum... e mais aulas produtivas.

E – Aulas produtivas que você chama é o que?

E7 – Uma matéria, bagagens, que eu disse pra você que eu vo carrega pra vida inteira, não desenho de pré que eu vá prega na parede, que eu odeio aqueles negócio.

E – Entendi. E você acha que essas mudanças iam te deixar mais motivada pra ir a aula?

E7 – Não só a mim, mas quanto mais várias companheiras, por que ali tem muitas que você vê que num tem interesse nenhum na aula, mas que quando é uma aula produtiva, elas se empenham, a procura aprende, igual a mim, que não faz diferença nenhuma. Tem muitas que se você pega no dia-a-dia e for vê, elas num tem interesse nenhum, vai porque é obrigada, mas se você vê que a aula é uma coisa interessante, elas se prontificam a ta ali pra tenta aprende também. Não só a mim, porque eu acho que uma andorinha só não faz verão, né. E aquele velho ditado, se quisesse estuda, fosse estuda na rua, não na cadeia, mas já que eu sou obrigada, acho que tenho direito a minha opinião né. (E – Entendi.) Acho que a escola podia, assim, ser mais produtiva.

E – E o material você usa?

E7 – Uso, todo. Uso o do ENCEJA, uso, uso, os materiais usa nas aulas agora, e os caderno, todo o material é fornecido pela unidade né, então a gente usa.

E – Mas você usa só na escola né, você não usa quando você vai pro alojamento?

E7 – Então, [pausa] é igual eu falei pra você, nesses últimos dias não, mas quando eu comecei estuda eu lia bastante, achei muita coisa interessante, até tentei, tentei lá longe, entendeu? Lá bem longe, é aprende um pouquinho de palavras em inglês, mas eu não consegui, por que se eu não consigo fala male má o português imagina o inglês, né. Mas é ultimamente eu num tenho nem tempo, o negócio tá puxado.

E – Tem muito trabalho?

E7 – É que nós trabalha até 16:30, nós vai pra fila do banho. 17:30 se conseguiu toma banha, 18:25 tá na escola! Ai quando se vai deita, cê ta morta, num tem tempo nem pra abrir o olho assim, oh. Cê num guenta.

E – Então tá acho que era isso. Obrigada.

E7 – De nada.

Entrevistas realizadas dia 23 de outubro de 2012.

Entrevista 8

E – Qual a sua idade?

E8 – Eu to com 48 ano.

E – Você está presa tem quanto tempo?

E8 – 6 meses

E – E você foi presa por que?

E8 – to envolvida no 155, to acusada.

E – Não foi julgada ainda?

E8 – Não ainda num fui.

E – Bem eu queria que você contasse um pouquinho como era a sua ida na escola antes de você entrar aqui na prisão? Como era, você foi na escola?

E8 – Estudei bem pouco, bem pouquinho.

E – É você estudou, o que? A 1^a? A 2^a série?

E8 – Num estudei nem a 1^a inteira.

E – E qual foi o motivo que você entrou e saiu?

E8 – Porque lá na minha casa era assim, minha mãe tinha bastante filho, eles tiveram, é 15 filho, e os mais grandinho ele levava pra roça, corta cana com ele.

E – Ai você teve que trabalhar bem cedo então?

E8 – Eu trabalhava, cortava cana né, daí quando... um dia na semana ou duas vezes na semana ela mandava nós pra escola, mandava a gente pra escola. Nossa! Eu gostava de ir pra escola. Gostava de estuda, menina, mas era mais na roça do que na escola, a professora ficava brava: num pode te falta. Falava pra mim né. É meu pai que leva eu pra roça, se num fosse ele até batia. Num era só eu, tudo as minha irmã, nem elas sabe escreve. Nenhuma das minhas irmã num sabe.

E – Ai você foi volta só aqui mesmo?

E8 – Graças a Deus. To aproveitando bem as oportunidades, eu to estudando com fé e corage. Eu gosto de estuda.

E – E desse pouco tempo que você foi na escola, teve alguma coisa que te marcou muito?

E8 – De lição?

E – Pode ser de lição, ou dos colegas, da rotina de ir pra escola.

E8 – Ah, eles tratava eu muito bem, os menino da escola, tratava. Tratava a gente muito bem, principalmente a professora assim, ponhava eu bem na frente, assim, não sei se era por causa que eu faltava muito, né. Ela ponhava sempre perto dela na frente, assim, na carteira.

E – E era muito difícil? Como é que era estuda lá?

E8 – Num era, parece que hoje num tem aquela cartilha que tinha antigamente, que tinha a vaquinha, né. Hoje é tudo diferente.

E – Tinha a cartilha.

E8 – É tinha a cartilha que tinha o elefante, depois a gente escrevia: e-le-fan-te. Tinha abelha a gente escrevia: a-be-lha.

E – Ia competando.

E8 – É, tinha todo aqueles desenhinho. Acho que hoje tem só que diferente né? E eu sinto num pode estuda. Ai depois com 12 ano eu saí da minha casa, fui mora com o pai... fui mora com meu namorado, né com 12 ano, ele tinha 18. Depois de... com 12 ano, quando faltava alguns meses pra faze 13 ano, nós teve o 1º filho. Eu fique mãe muito cedo, ai mais bem que eu perdi a vocação de escola ainda, eu num tive interesse mais, porque daí eu tinha que cuida da casa, cuida do nenê, eu achava que num tinha importância estuda. Acha minha cabeça? Eu pensava isso. Hoje eu vejo, né, o quanto que é importante a escola, hoje eu vejo. Eu quero escreve uma carta pro meu marido, que ele ta preso também, eu tenho que pedi pra minha amiga minha, companheira minha.

E – Ele foi preso junto com você?

E8 – Meu marido não [começa a chorar] Desculpa.

E – Ta tudo bem. Deve ser algo que mexe muito com você.

E8 – [chorando] Tenho que pedi pra amiga escreve pra mim. [pausa] Ele manda, ele sabe escreve, ele manda pra mim, semana passada mesmo ele mando. Eu tenho que pedi, eu vo falando e elas vão escrevendo pra mim.

E – Pra responder pra ele né.

E8 – [chorando] Eu num esperava que eu ia passa por isso, senão eu tinha aproveitado a oportunidade, eu tinha estudado, lá atrás, depois que eu saí da casa dos meus pais, né.

E – Você chegou a voltar?

E8 – Depois num deu certo, eu fui mora com o rapaz, num deu certo, ele judiava de mim, larguei dele, fui mora com a minha daí, filho foi nascendo, fui trabalhano, nunca tive oportunidade de estuda, nunca quis.

E – Você tem quantos filhos?

E8 – Eu so mãe de 9, mas infelizmente tem só 8 vivo. 4 menino e 4 mulher que vive. Eu lembro que o meu irmão ia pro Mobral a noite, meu irmão ia, e a professora falava assim pro meu irmão: traz suas irmã, também. Eu nunca tive interesse de i, nunca. Porque eu achava que era só quando era criança que tinha que estuda, eu pensava assim. Mas agora to com 48 ano, to estudando. Graças a Deus.

E – E você tinha vontade de estuda quando você era criança?

E8 – Tinha, tinha eu gostava de estuda.

E – E o que você gostava mais, o que te fazia ir pra escola?

E8 – Escreve, gostava de escreve, a professora ponhava, pedia pra mim apaga a lousa; apagava. Eu gostava de tudo isso.

E – Entendi. E o que fez você procura a escola aqui na prisão?

E8 – Que eu sempre tive interesse de estuda, sempre. Antes de eu vim presa, eu tava, porque eu tenho um filho que estuda a noite, ele passo né, ai a professora chamo eu lá e falo que ele ia te que estuda a noite. Ai eu pensei de i junto com ele, mas num tive tempo de i, infelizmente eu vim presa dia 18, dia 19 de abril. Eu tava pensando né de estuda com ele, a professora chamo eu lá e falo: num é bão a senhora acompanha ele mãe?

E – Ele é adulto?

E8 – Ele tá com 18 ano hoje. É que na sala de aula ele só dormia, daí a professora chamo eu lá pergunto pra mim. Ai eu falei: vo começa a vir com ele. Isso mesmo, vem com ele, vem estuda junto com ele, quem sabe, ele num tem interesse. Ele só dormia na classe, num estudava, daí a professora chamo eu na reunião e falou pra mim né, marco tudo meu nome lá, que eu ia começar a estuda a noite, daí eu vim para aqui. Mas antes de vim aqui, eu fui pra São Bernardo, daí lá em São Bernardo eu mandei um... (E – você ficou presa lá?) Fiquei 2 meses lá. Ai eu mandei um bilhetinho que eu queria estuda, daí a mulher falo pra mim que num tinha vaga lá, que num tinha vaga, que é muita né. Ela falo que lá num tinha vaga pra eu estuda não. Ai graças a Deus, num fiquei muito tempo lá, fiquei só 2 meses, daí vim pra cá.

E – Ai aqui tinha vaga.

E8 – Eu cheguei aqui dia 16, quando foi dia 17, graças a Deus comecei estuda, já entrei na escola, que eu mais queria na minha vida era estuda, que a gente tendo estudando a gente num fica pensando nas coisa, a hora passa mais rápido, e daí quando ela foi faze entrevista comigo lá, ela explico que aqui é obrigado, estuda e trabalha, explico pra mim.

E – Isso antes de vir pra cá?

E8 – É quando foram conversa comigo lá.

E – Você que pediu a transferência?

E8 – O home assim que eu cheguei lá, ele falo pra mim, que eu ia te que i né, que eu so primária né, nunca fui presa graças a Deus, tenho fé em Deus que é a primeira e última vez. Daí ele explico pra mim que eu num podia fica lá, por que né, a causa minha era pequena, eu ia vim prum CR. Ele explico pra mim, assim que eu cheguei lá. Ainda eu cheguei muito nervosa: mas eu num quero i proto lugar, quero i embora pra minha casa, falei pra ele, quero ir embora pra minha casa, cuida dos meu filho. Ele disse: não, a senhora vai embora pra casa da senhora, mas antes a senhora vai ter que passar por um CR, daí passo 3 dia e foro lá faze entrevista comigo.

E – Foi lá em São Bernardo conversar com você.

E8 – Foi, faze triagem comigo né, que fala. Foi pergunta se eu queria vir. Eu falei quero, porque aqui é tudo muito mais melhor do que lá. Lá graças a Deus eu num cheguei dormi no chão, num cheguei durmi no chão, porque a moça né, ponho eu pra dormi junto com ela, mas mesmo assim é difícil, duas durmindo numa caminha de solteiro e lá no alto ainda, eu tinha medo da menina cai de noite porque ela dormia na beiradinha, eu num durmia. Eu num durmia, menina, agora aqui graças a Deus, assim que eu cheguei, mas eu durmia de dia, mas eu durmia de dia aqui, parecia que eu nunca tinha dormido na vida.

E – E me conta um pouquinho o que você mais gosta e o que você menos gosta na escola aqui?

E8 – Ah eu gosto de tudo.

E – De tudo. Não tem nada que você gosta mais ou gosta menos?

E8 – Só não gosto quando ela não vem.

E – Quando a professora falta.

E8 – É quando ela não vem.

E – Mas ela falta muito?

E8 – Não falta, ela é muito interesseira com nós. Só num gosto quando num tem aula, que nem sábado e domingo. Mas ela num deixa nós sem aula ela vem. Ela tem um nenezinho pequeno, mas ela não... ela deixa os problema dela e vem dá atenção pra nós.

E – É a professora de fora né.

E8 – É.

E – E você ta em que série agora?

E8 – Eu num sei bem, eu acho que eu to no 1º ainda né. Eu já vim sabendo lê já. Interessante né, mas sabe porque eu consegui?

E – Hã?

E8 – Por que depois que eu larguei dos marido meu que eu fui mora com 12 ano, que eu fiquei com ele até com meus 16 ano, depois um deu mais certo eu larguei. Ai fui trabalha com uns pessoal rico, e a mulher era professora, então quando ela chegava da es... de tarde assim, ela falava senti aqui, ai eu sentava ela escrevia pra mim mandava eu copia, escrevia pra mim e mandava eu lê. Ai eu invoquei mais de lê do que escreve, aprendi a mais lê, ela escrevi e falava o que ta escrito aqui? Ai eu lia.

E – Ai ela foi ensinando.

E8 – É, ela falava assim, hoje tá escrito o que cê vai faze pra nós no almoço, daí eu lia era: arroz né. Arroz ao forno, ai eu tinha que lê pra pode faze.

E – Que legal.

E8 – É apesar que antes de eu junta com esse rapaz, depois meu pai tiro eu da roça, e ela disse dá dó, porque eu era bem magrinha, dela fica indo pra roça. O senhor num que dá ela pra ela trabalha com nós.

E – Essa é a moça que te ensinou a ler.

E8 – É. Meu pai falou assim: mas eu vo dá minha filha pro céis, eu tinha 11 ano, vo dá minha filha pra mora com o céis? Ela falo assim: não, ela vai trabalha com nós, vai te um dinheirinho dela ai o dinheirinho eu mando pro senhor, falo pra ele. Daí com 11 ano eu fui mora com essa mulher.

E – Ah você foi mora com ela antes de casa?

E8 – É ela tiro eu da roça, dei graças a Deus. Daí eu peguei e fui mora... ela tinha as filha dela, tinha o menino que chama Fabricio, ele ta com 32 ano hoje, ele tinha 9 meses quando eu entrei trabalha lá, e daí eu entrei babá dele, ai depois ele foi crescendo e eu tive que faze comida, porque a mulher trabalhava no fórum, era escrivã, ela faleceu já, era escrivã de faze registro, ai quando ela vinha a noite ela dava aula, né, então eu entrei numa boa família. Daí ela me ensino a escreve. As menina dela, escrevia e perguntava pra mim: o que tá escrito aqui? Daí eu lia. Porque as menina chegavam da escola e ia faze as lição delas. Vem ajuda nós, ela falava. Ai eu ia. Gostoso aquele tempo. Daí eu inventei de fugi com esse marido meu. Acha? Só que ela nunca me... sabe? Ela foi madrinha minha de casamento, porque ela trabalhava no registro do cartório ela num queria que eu ficasse amigada, inclusive ele tinha 18 anos, tirava acho que 2 dele e passava pra mim. Fizero o meu casamento, eu casei. Casei de noiva. O Fabrício tinha 3 aninho, foi padrinho meu de aliança, foi a coisa mais linda, daí ela pego, né, continuei trabalhando pra ela a mesma coisa.

E – Entendi, ai você ia pra casa dela fazia as coisas e de noite ia pra sua casa.

E8 – É. De noite eu ia dormi, ia mora e ia dormi com meu marido. Daí ela perguntava: ele ta judiano do cé? Eu falava... é eu mentia, falava que num tava. Depois um dia eu falei pra ela: num posso menti pra senhora, ele ta judiano de mim sim. Ele chegava com a roupa tudo marcado de batom, sabe que as outra mulher bejava ele, ai eu ia fala ele batí ni mim. Eu perguntava: por que que sua roupa ta assim? Num é da sua conta, e dava, batia ni mim. Daí com 3 anos de casamento eu num guentei, peguei e larguei dele.

E – Ai você voltou pra casa dessa mulher?

E8 – Daí fiquei na casa da minha mãe, só que daí eu voltei na roça, fui pra roça outra vez corta cana, mas eu num saia da casa dela, quando ia lá pro centro ela, falava: vem aqui. Dava café pra mim, dava um monte de roupa. Daí as criança minha foi nascendo. Eu amiguei com outro rapaz, daí... Você vê que eu so mãe de 9 filho, ela dava roupa pra mim, a minha geladeira que eu tenho foi ela que me deu, mesmo eu num trabalhando mais ela sempre me ajudo, sempre. Ela já morreu, já, ela que fazia registro, inclusive quando meus filhos nascia, só que ela pedia pra eu num conta pro outros lá né, ela num cobrava meus registro, das crianças minha, nunca cobro, daí eu perdia o registro, molhava na chuva. Ela fazia outro. Tadinha ela morreu.

E – E assim, você estuda fora da sala de aula?

E8 – Eu estudo lá dentro, lá dentro.

E – Sim. Mas quando você sai da aula você estuda também? Quando você vai para o quarto?

E8 – Que nem hoje mesmo eu tenho um monte de lição que ela deixou pra mim.

E – Deixou lição de casa?

E8 – Deixou lição pra mim faze, daqui a pouco eu vo faze. Deixou conta, deixou um monte de lição.

E – Ela passa lição então pra entregar no dia seguinte?

E8 – É pra entrega no dia seguinte.

E – E ai você usam livro. Tem livro também?

E8 – Tem livro, a gente usa tudo que ela deu. Deus que sabe quando eu vo sai daqui, mas enquanto eu tive aqui eu quero estuda, e lá fora também quando eu sai eu vo pra escola de noite. Vo trabalha né, faze as atividade durante o dia e depois de noite ir pra escola.

E – Você quer continuar estudando lá fora?

E8 – Por que é muito importante menina, eu quero escreve assim: arroz. Eu vo te um monte de dificuldade pra escreve arroz, mas pra mim lê eu já leio, eu sei lê, graças a Deus.

E – Falta treinar a mão só?

E8 – É isso que ela falo pra mim, daí eu falei pra mim que tinha mandado a minha amiga escreve um a carta, e ela falo assim: Nossa, eu quero que você escreva a carta, e eu tenho fé em Deus que eu vo sai daqui escrevendo a carta.

E – E você usa a biblioteca? Você vem pega algum livrinho?

E8 – Tem vez que eu venho.

E – Ai você pega pra levar pro quarto pra ler.

E8 – É.

E – E você consegue ler?

E8 – Sim, eu gosto de lê, gosto, eu consigo graças a Deus.

E – E quais são as outras coisas que você faz no seu dia-a-dia aqui?

E8 – Num tem muito tempo pra quase nada. Porque assim oh, agora é 10 pras 10. 11h é o almoço, depois a gente né. Eu to esperando chegar serviço pra trabalha né, mas num chego ainda serviço.

E – Você está sem trabalho ainda?

E8 – É a produção acabou ontem, to esperando chegar produção. Se chegar produção, a gente vai trabalha, a equipe nossa, em 6 nós trabalha. Se num chega a gente tem é que

fica lá dentro, porque eu faço tapete, também, faço bolsinha, aprendi graças a Deus, aprendi aqui também, eu num sabia nem pega na agulha de crochê eu num sabia.

E – As companheiras que ensinaram?

E8 – É as meninas que ensinaram, eu num sabia, eu faço tapete, eu faço bolsa, né bolsinha, ai quando é 15:30, 16h é o banho da gente. A gente toma banho. 17h é a janta, ai 18h a professora chega, 18:15, daí eu vo pra sala de aula ai a gente fica lá até 21h, 21:30. Talvez até 20:30, sabe? Daí a gente volta pro alojamento né que 20h é o café, daí a gente volta pro alojamento quando é 22h é hora do silêncio, ai num pode, é só pode ir no banheiro, num pode fica andando no corredor mais, apaga a luz, a gente tem que fala baixinho no alojamento, tudo de baixo de regra.

E – E aqui cada um tem sua cama?

E8 – É. E eu agradeço a Deus, menina, quando eu cheguei aqui eu chorei, eu num acreditava, eu pensava que eu ir vir, que nem lá, eu num esperava que aqui era tudo diferente, eu ia ter minha cama. Eu durmo na primeirinha, durmo na primeirinha, graças a Deus. Porque depois que eu ganhei minha filha com 42 anos eu fiquei com a urina solta, quando dá vontade de faze xixi eu já tenho que i. E eu agradeço a Deus porque peguei a primeirinha. E é perto do banheiro que eu moro entendeu? No 5. Então o médico falo pra mim que se desse muito problema assim ele ia te que ergue minha bexiga, mas graças a Deus não precisa, só quando dá vontade de faze xixi, assim, já tenho que corre senão eu faço xixi. Não posso segura, porque com 12 ano eu fiquei mãe, 12 ano e 11 meses, porque quando foi 2 de fevereiro meu filho nasceu e eu faço ano dia 29 de março, ele nasceu né, daí eu tive um monte de filho tudo normal. Agora a minha caçulinha chama Maria Joaquina.

E – Ela tem quantos anos a caçulinha?

E8 – Dia 9 do mês que passo ela fez 6 aninho, num vejo a hora de sai daqui pra cuida dos meus filho.

E – E eles vão todos pra escola?

E8 – Minha filha num deixa eles perde aula, minha filha tem 28 ano.

E – Ela que cuida dos menores?

E8 – Ela que tá cuidando, tão tudo junto com ela [choro]

E – Eles moram aqui mesmo?

E8 – [chorando] Eles moram lá em Goiás, que ela caso com um moço de lá, minha filha caso, daí quando ela fico sabendo que eles tavam no abrigo elas num deixo eles fica no abrigo e levo eles com ela, o juiz deu a guarda deles pra ela até eu sai daqui.

E – Que bom que você pode contar com ela né.

E8 – É.

E – Assim, você sabe onde eles estão né.

E8 – [chora]

[pausa]

E – Bem, você acha que a escola hoje aqui, é diferente daquela que você estudou quando era criança?

E8 – Não é muito diferente, só que a diferença daquele tempo é que nós era criança né, nós brincava de pega-pega no pátio lá, corria. O recreio era arroz doce, não era pão com mortadela na época, eu nem levava lanche de casa né. Minha mãe tinha muitas crianças num tinha nem condições. Eu comia lanche da escola, eu gostava do lanche, do arroz doce que eles davam.

E – E aqui é diferente daquela época?

E8 – É bem diferente aqui na, a gente tem pão com manteiga, café com leite, é bem diferente, mas é mais gostoso. [risos]

E – E os conteúdos é diferente o que você aprendia lá do que você aprende aqui? Você falou da cartilha, né. Você acha que é muito diferente hoje?

E8 – Ah, hoje a cartilha num vem na mão da gente né, fica com a professora, ela tira da cartilha e passa no caderno.

E – Não tem que copiar da lousa?

E8 – Não ela passa no meu caderno, assim, oh. Ai já to fazendo frase, que ela pede pra gente faze frase, por que as vezes já to conseguindo faze frase. Ela tira do livro, de um livro, eu falo acho que é cartilha né? Que tem um monte de desenhinho, em cavalinho, tem casa, tem a fada. Só que antigamente a gente falava cartilha né, pra aquele livro, então ela tira daquele livro e faz no caderno da gen... da pessoa né.

E – Ai ela explica como tem que fazer?

E8 – Explica.

E – Ela explica um por um.

E8 – Explica um por um. Tem menina que ta bem adiantada lá na série dela sabe. Acho que a mais... só tem eu que é mais fraca né, de... quatro.

E – Tem quatro que estudam juntas?

E8 – É que nós tamo na série mais baixa, segundo ano.

E – Ah entendi. Ela divide?

E8 – É passa lição pra nós quatro a mesma né. Depois pras meninas que estão mais adiantadas, passa na lousa e as meninas copiam da lousa, né.

E – Ela vai passando a lição por etapa.

E8 – É, ela tem umas três series lá que estuda, uma diferente da outra.

E – E você acha que estudar, vai te ajudar quando você sair daqui?

E8 – Vai menina.

E – Em que você acha que vai te ajudar?

E8 – Vai me ajuda muito, nossa! Porque óia eu tenho 9 filhos, se me fala assim, escreve escreve o nome, eu vo quebra muito a cabeça, mas vo escreve. Ela explico pra mim, que eu como muitas palavras, talvez assim eu não ponha palavra, sabe talvez eu ponha mais palavra a mais, ela falo. Se eu escrevesse Ana Paula. Eu vo sabe escreve Ana que é o meu nome né. Ana Paula é o começo do meu nome. Mas agora o Paula já vai se difícil pra mim. Eu num sei escreve o nome dos meus filho. Então vai se muito importante que a primeira coisa, eu quero escreve o nome deles e quero mostra pra eles que eu sei.

E – Primeira coisa você quer escrever o nome dos filhos então?

E8 – É. Eu tenho uma filha minha que ela chama Roberta né, nossa ela é muito inteligente, ela não perde aula, o professor falo que ela é a primeira a acaba as lição dela, ela fica quietinha na sala. E ela ta fazendo curso. Ela pretende se bombeira né, e ela escreve tudo os nome.

E – Quantos anos ela tem?

E8 – Ela tem 12 aninho. Ela escreve o meu nome, o nome do pai dela, o nome dela, o nome dos irmão dela, depois ela mostra pra mim, não mãe o nome nosso é assim, ela explicava

pra mim lá em casa, mas nunca tive vocação pra aprende, agora que eu vejo o quanto que é importante, a gente sabe escreve né. Meu marido escreve o que ele quer pra mim na carta.

E – E você consegue ler o que ele escreve pra você?

E8 – Eu leio tudinho, eu leio tudinho o que ele escreve pra mim.

E – Para ler você não tem dificuldade então?

E8 – Só se for um texto muito grandão sabe, as palavras muito grandona, ai eu vo demora um pouquinho, mas eu leio. É. A bíblia, eu leio muito a bíblia também, eu gosto de lê. Eu entendo bem a bíblia.

E – Entendi. E você acha que tem alguma coisa que poderia ser diferente na escola aqui?

E8 – A gente tem tudo que precisa já, né. Vem igreja faze oração sábado pra gente aqui.

E – Mas da escola, você acha que precisa mudar alguma coisa, ou não?

E8 – [pausa]

E – Algo poderia ser diferente?

E8 – Que jeito assim?

E – Você acha que o jeito que está a escola. Pra você está bom?

E8 – Ela, só falo, assim, que ela vai leva as carteira pra nós tudo pro... né.

E – Ah, ela vai trazer carteira pra cá?

E8 – Ela vai traze carteirinha pra nós.

E – A mesa de você hoje é como?

E8 – É uma carteira tudo antiga. Ela falo que vai traze umas carteira, tudo mais... é mais assim moderna.

E – Entendi. E ai vai ficar diferente a aula.

E8 – É vai fica diferente.

E – E você acha que se trouxer outras carteiras vai ficar melhor pra estudar lá?

E8 – Mais confortável nós vai fica lá.

E – Entendi. Bem acho que é isso. Obrigada.

E8 – De nada.

Entrevista 9

E – Primeiro eu queria saber a sua idade.

E9 – 21.

E – Quanto tempo faz que você está presa?

E9 – 7 meses.

E – Foi julgada já?

E9 – Não to no aguarde.

E – E você foi presa por que?

E9 – Tráfico 33

E – É atualmente você está em que série?

E9 – 7^a

E – E como era quando você estudava antes? Lá fora na escola?

E9 – Ah foi boa.

E – Foi boa. É e você começou a estuda na idade certa?

E9 – Comecei.

E – E ai você parou depois?

E9 – Parei depois que eu casei.

E – Você parou em que série?

E9 – Na 7^a

E – Parou na 7^a mesmo. E você parou pra casar?

E9 – Eu casei com 16.

E – E ai você parou depois por que motivo?

E9 – Porque eu mudei.

E – De cidade?

E9 – Mudei.

E – Ai você saiu da escola e não teve mais interesse de voltar?

E9 – Ai, foi é eu casei em dezembro e ai em janeiro eu já tava grávida, ai eu num voltei.

E – Entendi, e você não teve mais vontade de voltar?

E9 – Tive.

E – E o que aconteceu que você não voltou?

E9 – É que eu ia, mas nunca tinha vaga, tinha que fica esperando surgi uma vaga.

E – E assim, teve alguma experiência que te marcou muito quando você ia na escola?

E9 – Não.

E – Nada que você lembre assim, sobre a escola.

E9 – Eu era muito bagunceira [risos].

E – É que bagunça você fazia?

E9 – Ah uma vez eu espalhei as pastas de todo mundo no chão e falei que foi a outra menina.

E – As pastas de atividade?

E9 – É. Ai falei que era ela.

E – Mas por que? Você não gostava dessa outra menina?

E9 – É [risos].

E – E aconteceu alguma coisa com ela ou com você?

E9 – Foi pra diretoria.

E – E ai.

E9 – Teve um dia de suspensão só.

E – E descobriram que tinha sido você?

E9 – Não [risos].

E – E o que te motivava a ir pra escola?

E9 – O que me motivava? Ah eu gostava de ir.

E – Tem alguma coisa que você gostava mais?

E9 – Não.

E – Você ia por que? Por causa dos amigos? Da lição? Da professora?

E9 – Não, por causa dos amigos, se fosse pela professora nem ia [risos].

E – E o que te levou a procurar a escola aqui?

E9 – Ah eu num procurei, aqui a gente é obrigada a estuda

E – Mas se não fosse obrigado, você acha que você procurariaw

E9 – Não.

E – Por que não?

E9 – Ah, porque é muito cansativo.

E – Então se fosse para trabalhar e estudar e você pudesse escolher você iria só trabalhar?

E9 – Só trabalhar. [pausa]

E – Eu queria que você me contasse os momentos que você considera mais prazerosos e os menos prazerosos na escola. O que gosta mais, o que gosta menos.

E9 – O que eu gosto mais é quando acaba a aula. [risos] A gente pode deita.

E – E o que gosta menos?

E9 – Da aula.

E – Tem algum motivo?

E9 – Não, o cansaço mesmo.

E – E você estuda fora da sala de aula?

E9 – Eu leio livro, mas livro aqui da biblioteca.

E – Você pega bastante livro da biblioteca?

E9 – Pego, de vez em quando.

E – Mas as coisas da escola, você não estuda fora, só lá mesmo?

E9 – É só lá dentro mesmo.

E – E quais as outras atividade que você realiza aqui no dia-a-dia?

E9 – Ah, só trabalho, leio livro e as vezes jogo dominó e dama.

E – E isso você faz que horas?

E9 – A noite, só que de final de semana.

E – Entendi. E no fim de semana tem mais alguma atividade que você faz?

E9 – Vou na igreja.

E – Você acha que a educação que você tem aqui dentro é diferente da que você tinha na escola lá fora?

E9 – É.

E – No que é diferente?

E9 – [risos] Ah umas coisinha é diferente. Num sei o que fala.

E – Umas coisinhas o que?

E9 – Ah o jeito como explica, as pessoa.

E – E você acha que ir na escola aqui vai te ajudar quando você sair?

E9 – Vai.

E – Em que?

E9 – Num sei [risos].

E – Ah. O que você acha que pode te ajudar você ter estudado, estar estudando aqui?

E9 – Pra poder arruma um serviço lá fora melhor.

E – E se não der tempo de terminar aqui?

E9 – Termina lá fora. [pausa]

E – Você acha que alguma coisa poderia ser mudada na forma como é a escola aqui dentro?

E9 – Não.

E – Você acha que como está, está bom?

E9 – [pausa]

E – Nada? Nem a estrutura física? Nada?

E9 – Ah, eu acho que só o horário.

E – Que horário que você acha que poderia ser melhor?

E9 – Das 19:30 às 21:30.

E – E você acha que essa mudança no horário, ia te deixar mais motivada pra ir a escola?

E9 – Ah, ia.

E – Por que?

E9 – Porque a gente ia pode descansa um pouco.

E – Acho que era mais ou menos isso. Obrigada.

E9 – De nada.

Entrevista 10

E – Primeiro eu queria saber a sua idade.

E10 – 47 anos

E – Você está presa há quanto tempo?

E10 – 1 ano e 10.

E – Já foi julgada?

E10 – Já.

E – E você foi presa por que?

E10 – Tráfico 33, 35 e o 40 né.

E – Você está em que série agora?

E10 – Eu ainda não to matriculada, mas to estudando, como cheguei era final de ano, acho que num me matriculei, mas lá em São Bernardo eu estudava na 2^a. Acho que eu to entre 1^a e 2^a aqui.

E – Entendi. Me conta um pouquinho como é que era quando você estudava, quando era criança. Como foi sua história na escola?

E10 – Então eu estudei normal, eu entrei no 1º ano e só estudei até o 2º depois eu saí da escola porque tinha que trabalhar.

E – Você saiu para trabalhar?

E10 – É. Eu tive que sair pra trabalhar mesmo né, eu tinha uns 11 anos, por ai. E de primeiro trabalhava né.

E – E tem alguma coisa que te marcou nessa época que você estudava lá? Alguma recordação, memória que você tem da escola?

E10 – Ah, eu gostava de estudar.

E – Gostava. E o que você gostava?

E10 – Na lição da escola? Gostava de ditado.

E – Gostava das outras crianças, professor?

E10 – Gostava, tinha bastante colegas.

E – E teve alguma situação que te marcou muito?

E10 – Tem, uma vez que eu fui chama uma amiga minha e o cachorro me mordeu [risos]

E – Como assim?

E10 – Eu fui chama ela pra nós ir pra escola, ai o cachorro me mordeu bem aqui assim [mostra o braço].

E – Ela ia com você pra escola?

E10 – Ia, ia. Eu fui chama ela escondido da minha tia, sabe? Que eu morava com a minha tia, eu morava em frente a escola, ai ela falo: vai direto pra escola. E eu num fui, eu fui lá na casa dela chama ela na rua de baixo. Ai cheguei lá pra chama ela o cachorro me mordeu [risos].

E – Entendi. E o que motivava você a ir pra escola?

E10 – Porque eu gostava de ficar com os colegas, brinca, gostava de tomar sopa.

E – Que cidade que era?

E10 – Santa Cruz das Palmeiras.

E – E você saiu para trabalhar e foi trabalhar em que?

E10 – Lavoura. Trabalhava junto com a família.

E – Entendi. E você tinha vontade de voltar estudar?

E10 – Chego um tempo eu voltei, mas ai eu parei de novo.

E – Ah, você chegou a voltar.

E10 – Voltei, mas eu parei de novo, ah daí eu num tinha mais paciência.

E – Você voltou com quantos anos?

E10 – Ah eu tinha uns 18 anos, por ai.

E – Mas ai num ficou muito tempo.

E10 – Ai não, num fiquei não.

E – E o que te levou a procurar a escola aqui na prisão?

E10 – Ah, porque eu queria estuda lá em São Bernardo que eu comecei né, pra mim aprende mais alguma coisa e pra remição também né. Pra mim aprende mais, que ainda não sei, que to no 2º ano só, ainda nem terminei e pra remição também né que eu peguei cadeia alta.

E – Você pegou quanto tempo?

E10 – 8 anos e 10 meses.

E – E na escola está tendo remição também?

E10 – É dizem que tem né. A professora da rua falo que tem. Diz que a cada 3 meses sobe pro juiz.

E – Entendi, ele manda pro juiz quem ta estudando, quanto tempo?

E10 – É manda tudo.

E – E como é a rotina da escola? Como é a aula de vocês?

E10 – Ah é uma aula normal assim, mesma coisa que uma escola de rua mesmo.

E – Mas o que normal? Me conta um pouquinho como é a aula.

E10 – Ah, ela dá conta, ela dá... como fala, matéria assim pra nós faze.

E – Tem lição de casa também?

E10 – Não ainda não. Num passa nenhuma pra casa.

E – E me conta o que você mais gosta na escola e o que você menos gosta?

E10 – Que eu gosto? Que nós passa o tempo lá né, acho melhor fica lá do que fica andando por ai, eu gosto de fica na escola por isso né, por que passa o tempo, eu saio da escola já vo dormi.

E – E tem alguma coisa da escola que você gosta mais?

E10 – Eu gosto de tudo. Só em matemática, que eu so meia fraca.

E – Entendi. E o que você menos gosta?

E10 – Na escola? [pausa] Ah num tem assim... é a matemática que eu num... [pausa]

E – E você costuma estuda fora da aula? Quando vai para o alojamento.

E10 – Não.

E – Vocês recebem livro também?

E10 – Nós não, só o caderno e a lição que a professora passa.

E – E você usa a biblioteca?

E10 – Eu usava sim, ai depois comecei a trabalha ai parei.

E – Antes de trabalhar você usava mais?

E10 – É eu pegava livros pra lê, agora eu parei.

E – E quais são as outras atividades que você realiza no seu dia-a-dia?

E10 – Ah eu só estudo e trabalho, e faço ginástica de quinta.

E – E fim de semana?

E10 – Fim de semana não, só descanso.

E – Vai pra alguma igreja?

E10 – Vo, e vo de quinta as vezes na reunião da católica.

E – E você acha que a escola aqui é diferente da de fora?

E10 – [pausa] Eu acho que não porque a professora nossa é da rua também né, então pra mim... apesar que faz muitos anos e eu num lembro muito bem, mas é a mesma coisa.

E – E você acha que ir na escola aqui vai te ajudar quando você sair?

E10 – Eu acho que vai.

E – No que você acha que vai ajudar?

E10 – Vai no aprendizado, mais vo aprende mais, que tem muita coisa que tenho eu tenho que aprende ainda.

E – E esse aprendizado o que você acha que vai te ajuda lá fora?

E10 – Ah [pausa] se eu fica mais tempo aqui, eu posso estuda mais, ai chega lá... eu termina os estudo, to mais adiantada.

E – Você pretende termina?

E10 – Pretendo.

E – E acha que não vai dar tempo de termina aqui?

E10 – Não, não vai da tempo não, ano que vem eu quero ir embora. Que a gente tando matriculada aqui jpa serve pra rua.

E – E você acha que tem alguma coisa que poderia ser mudada na escola aqui?

E10 – A escola aqui?

E – É. Alguma coisa poderia ser diferente?

E10 – [pausa] Ah, pra mim ta normal.

E – Nem a parte da estrutura física?

E10 – Ah eu acho que devia ter cadeira própria.

E – Entendi. E como é a cadeira que vocês estudam lá?

E10 – É umas cadeira que tem é... tem uns negocinho que vira, mas ta tudo quebrada.

E – E você acha que se mudasse as cadeiras ia te motivar mais para ir a aula?

E10 – Não, porque eu tenho vontade de ir do mesmo jeito.

E – Então do jeito que tiver você vai mesmo assim.

E10 – Vou.

E – Entendi, acho que era isso, se eu tiver alguma dúvida depois eu pergunto.

E10 – Tá bom.

Entrevista 11

E – Bem primeiro eu queria saber qual a sua idade.

E11 – 40.

E – E tem quanto tempo que você está presa?

E11 – Eu fui presa no dia 4 de maio, é vai faze 5 mês.

E – Já foi julgada?

E11 – Já fui sentenciada semi-aberto.

E – E por que a senhora foi presa?

E11 – É por causa que eu matei meu marido. 121. Por causa que eu sofria demais com ele, ele falava de mata meus dois filhos, ai depois mata eu né. Ai eu dava parte dele na polícia e ninguém tomo previdência disso ai. E ele judiava muito de mim e dos meu filho, ai fui obrigada a faze isso, por causa que ele judiava demais de mim, num queria separa de mim de jeito nenhum. E num foi só eu que fiz isso ai, foi uma colega minha também.

E – Entendi. Vamos lá então pra gente conversar um pouquinho sobre escola. A senhora chegou a ir pra escola quando criança?

E11 – Ah eu cheguei a ir pra escola quando criança só que eu num aprendi a lê, fiz só o 1º ano, faz tempo.

E – E por que você deixou de ir pra escola?

E11 – É porque as coisa, pra, era de dificuldade mais difícil né, e a minha mãe tinha muita criança pequena e nós era tudo pobrezinho, num tinha como nós, i, minha mãe mante nós na escola.

E – Ai teve que sai.

E11 – É ai teve que sai pra trabalha.

E – A senhora fez só o 1º ano então?

E11 – Só.

E – E nesse primeiro ano que você ficou na escola teve alguma coisa que te marcou muito?

E11 – [pausa] Eu num lembro.

E – O que você lembra da escola?

E11 – Eu lembro só que nós era pequeno, que nós ia pra escola, nós ia estuda, mas a cabeça, é a gente é fraca da ideia né, é num e num ia na mente direito né pra estuda. Num entrava, a gente ia pra escola e parece que as ideia num ajudava, né.

E – E como era com as outras crianças?

E11 – Legal. Era bão.

E – Você gostava de ir pra escola?

E11 – Eu gostava.

E – E o que te fazia ir pra escola, o que te motivava?

E11 – Ah, nós ia pra escola né, fica na escola, ai... [pausa] o pai e a mãe que nós ia estuda, que ia servi pra nós mais tarde né, mas o que acontece é que a gente tem a memória fraca [pausa]. Nós ia pra escola, é verdade, só que a gente num aprendia a lê por que é memória fraca.

E – E seus irmãos também pararam de ir pra escola?

E11 – Não eles continuaram, tem uma irmã minha que é mais bem estudada.

E – Você parou para trabalha?

E11 – É pra trabalha.

E – Você era a mais velha?

E11 – Não, tem duas mais velha que eu.

E – E o que te fez procurar a escola aqui na prisão?

E11 – Ah eu achei melhor estuda, pra aprende, aprende a lê e escreve né. Lá no Butantã também nós estudava lá, ai nós pedimo transferência pra cá por causa que é mais perto da família né.

E – Sua família é daqui?

E11 – Não de Caconde, fica longe daqui, ai como lá era mais longe pros meus filho faze visita, eles num iam lá, ai depois que nós pedimo transferência pra cá eles já vieram umas par de vez.

E – Você começo a estudar lá então.

E11 – Comecei estuda lá. Ai estudei lá, trabalhei também.

E – E o que você mais gosta e o que menos gosta aqui na escola?

E11 – Ah de tudo a gente gosta um pouco né.

E – Mas do que você mais gosta?

E11 – Gosto de estuda.

E – Tem alguma matéria que você gosta mais?

E11 – Ah a professora ensino umas continhas pra nós faze lá, é já fizemo prova de matemática, de português devagarinho a gente vai aprendeno né.

E – Aham. E tem alguma coisa que você gosta menos?

E11 – Que eu gosto menos? [pausa] Ah num tem, tudo a gente gosta um pouquinho né.

E – Entendi. E como é a escola aqui? Tem aula a professora explica?

E11 – Explica, ela explica. Ela é uma boa professora.

E – Você tá na 1^a série mesmo?

E11 – É 1^a. Ta eu e minha colega.

E – E ela passa lição de casa, lição pra fazer no alojamento?

E11 – Ela passa, que nem hoje mesmo, ela vai pra São Paulo, ela não sabe a hora que ela ia chega, mas é pra nós tá tudo na escola esperando ela, que ela vem, nem que chegue mais tarde.

E – Entendi. E você tem o costume de estuda alguma coisa fora do horário de aula?

E11 – [pausa] Fora do horário de aula?

E – É você costuma chegar no alojamento e estudar alguma coisa da escola?

E11 – É, que eu trabalho na cozinha, hoje sai 17h, da cozinha, mas ela passo lição pra nós faze na escola.

E – Ah, ta. Ela não dá lição pra fazer depois do horário de aula?

E11 – Não.

E – Entendi. E você usa a biblioteca?

E11 – Não.

E – E que outras coisas você faz aqui? Você trabalha na cozinha né que você falou e que mais.

E11 – Eu trabalhei na lavanderia, ai passaram eu pra cozinha também. Por que todos nós vai te que passa na cozinha né.

E – Entendi. E de fim de semana, faz alguma atividade?

E11 – Vou na igreja.

E – E você acha que a escola aqui é diferente daquela de quando você era criança?

E11 – Bem diferente.

E – O que você acha que é diferente?

E11 – É que a professora nossa, ela num passava continha pra nós né, agora hoje a professora já passa, continha pra nós faze.

E – Lá quando era criança não tinha continha?

E11 – Não. E as letra do alfabeto também ela faz pra nós.

E – E o que passava quando era criança você lembra?

E11 – Só o A, E, I, O, U, só pra nós. Faze bolinha. Pra treina.

E – E você acha que estudar aqui na prisão vai te ajudar quando você sair?

E11 – Eu creio que sim.

E – E no que você acha que pode te ajudar?

E11 – Aprende a lê e escreve né.

E – E o que ler e escrever ajuda?

E11 – Ajuda muita coisa. Que a coisa mais ruim que tem é a pessoa num sabe a leitura né.

E – Você acha que pode te ajudar com seus filhos?

E11 – Meus filho tudo estuda.

E – É quantos anos eles tem?

E11 – A menina mais velha tem 19 ano e o moleque mais novo tem 18. A menina já é casada já e o rapazinho ta com ela lá, e o rapaz ta solteiro.

E – E você acha que alguma coisa aqui da escola poderia ser diferente?

E11 – Não.

E – Não. Nem a estrutura física? O lugar podia mudar alguma coisa?

E11 – Não. Ta tudo bão do jeito que tá.

E – Então tá. Acho que era isso. Obrigada.

E11 – De nada.

Entrevista 12

E – Primeiro eu queria saber a idade da senhora.

E12 – 51.

E – E quanto tempo faz que você está presa?

E12 – 5 mês vai faze amanhã.

E – E qual foi o motivo?

E12 – O motivo foi que meu filho de menor, de 15 ano, pegou droga a noite entero no meu quintal e teve denuncia, ai a polícia invadiu, ai ele entregou a droga e a polícia prendeu ele e prendeu eu. Ai botei ele e eu, ele foi pra FEBEM, só que fico 41 dias só.

E – Ele já saiu então?

E12 – Já saiu.

E – Ta. E assim, você chegou a ir pra escola quando criança?

E12 – Quando eu fui criança, foi assim, meu pai não deixava nós estuda, ai meu pai faleceu eu tinha 11 ano. ai fico um irmão meu de 18 ano responsável por nós. Ai a gente foi mora

numa colônia que tinha escola, ai eu entrei, estudei acho que uns 3 mês nessa escola, saímos, estudamos em outra.

E – Então você estudou a 1^a série com 11 anos?

E12 – É.

E – Antes disso você não tinha estudado nunca?

E12 – Nunca. Com 12 ano. ai a gente mudou pra outro lugar, ficou estudando mais 3, 4 meses na outra escola, ai terminei o ano a professora falei que eu tinha passado, mas eu num voltei mais, fui trabalhar pra ajuda minha mãe e meu irmão.

E – Você terminou a 1^a série então?

E12 – Num terminei fiz 6 meses só. Só que ela disse que eu tinha passado pro 2º ano.

E – Ela tinha dito que você tinha passado.

E12 – É ela falei que eu tinha passado, mas ai num voltei mais fui ajuda minha mãe e meu irmão, ai com 15 ano já amiguei também, tive um filho ai já num fui. Ai estudo os filhos, tudo estudo graças a Deus, e eu não. Eu ia estudar lá em São Bernardo, tinha dado o nome lá, só que daí transferiu eu pra cá né, então é comecei a estudar aqui.

E – Você já foi sentenciada?

E12 – Ainda não. To esperando.

E – Entendi. E desses 6 meses que você estudou, teve alguma situação que te marcou?

E12 – Ah sim. Que a turma dava risada de mim, que eu era já mocinha, né. Já tinha seio todo, ai eles falava se eu num tinha vergonha de ta estudando, uma mulher já é estudando. Ai onde que eu peguei e: Ah, se eu sou grande eu vou trabalhar então e fui pra roça.

E – Entendi. Que você estudava junto com as crianças.

E12 – Junto com as criancinhas pequeninhas né, tudo criancinha, só eu grandona no meio, ai eles tiravam sarro, falava que eu já era moça né, já era grandona, então se eu num tinha vergonha, e dizia: eu não. Só que daí terminei as aulas também, minha mãe precisou que eu fosse trabalhar pra ajuda ela naqueles tempos, ai fui trabalhar na roça.

E – E aqui você está em que série?

E12 – A professora botou eu no 1º, mas acho que ela vai passar pro 2º. Que eu já to fazendo umas coisas do 2º ano já.

E – Entendi. E o que te motivava a ir pra escola quando você tinha 12 anos?

E12 – Eu num tinha vontade, eu ia obrigada, que minha mãe fazia nós ir.

E – Sua mãe.

E12 – É meu irmão que fico responsável por nós tadinho. Já morreu até. Ai meu irmão falei: não, tem que estudar. Porque senão a polícia vem aqui e leva o céus preso. Falei: ah que leva nada [risos] ai a gente num... eu estudei só um pouquinho 6, 7 meses só.

E – O irmão que ficava em cima?

E12 – Ficava em cima. Agora minha mãe tadinha, ela cortava o dedo, num podia trabalhar mais então eu entrei no lugar dela, pra trabalhar, pra ganhar o dinheiro pra ajuda ela em casa.

E – Foi trabalhar com o que?

E12 – Nossa! Fiz tanto serviço. Óia, cata toco, corta cana. Com 14 anos eu catava toco no pasto e plantava. Então tinha que limpar o pasto pra pode plantar, ai meu tio colocava nós pra cortar cana, adubava... serviço de gente grande nós mesmo fazia, ele ponho nós pra fazer.

E – E isso foi onde?

E12 – Em Brotas. Daí quando eu amiguei com meu marido eu tinha 15 ano, ele ensino eu faze de tudo serviço, faze cerca, tira leite, eu aprendi de tudo. Eu brinco com a professora. Eu falo: ai dona, põe eu pra faze tudo quanto serviço, mas num põe eu pra estuda. [risos]. Que aqui nós ta brincando. Porque eu gosto de trabalha e não de estuda.

E – E o que te fez procura a escola aqui na prisão?

E12 – Então, porque eu falei oh, a gente fala que não, mas é... em Brotas, era pra mim entra com meu marido que meu marido ele foi estuda no Sesi, ele: vem entra comigo. Eu falei: eu não, tem que fica cuidando da casa. Porque ele estudava a noite. Eu falei: se a gente tem tempo de estuda aqui, porque num tem um tempinho também quando tá na casa da gente, né? Ai eu brinco com as meninas. Quando chega lá em Brotas, vo me matricula e vo fica estudano.

E – Entendi. Então é, por que você procurou a escola aqui?

E12 – Ah porque eu num tinha nada que faze, ai vi as outras menina, as colega minha indo, eu disse: ah vo também né. Ele falo, não é bão mesmo que você tem que estuda né, o diretor falo pra gente, que a gente tinha que estuda mesmo e trabalha, né. Eu falei eu faço qualquer coisa pra ocupa o tempo, e eu gosto.

E – Então me conta o que você mais gosta e o que você menos gosta na escola.

E12 – Eu gosto de tudo, só não gosto de faze conta que eu num sei ainda. Ela ta me ensinando. Eu falo: ah dona eu num sei. E ela: não, vai aprende.

E – E o que você gosta mais?

E12 – Ah, que ela desenha lá as coisa na lousa. Desenha não ela põe na lousa e a gente copia lá da lousa, e ela manda a gente lê. Eu falo assim, eu sei lê bastante, eu num sei escreve. Então, num sei junta muito assim as letra, mas estuda eu sei. Lê bem assim, mas escreve eu já esqueço as letra, que vai talvez.

E – Entendi. Tem mais dificuldades.

E12 – É, mais dificuldade nisso ai.

E – E você costuma fazer coisas da escola fora da escola?

E12 – Hoje ela passo tarefa pra nós faze, que ela vai chega mais tarde e é pra nós faze antes dela chega.

E – Mas ela não passa geralmente, pra no alojamento?

E12 – Não.

E – Só na sala de aula mesmo?

E12 – Só na sala de aula.

E – E você costuma usar a biblioteca?

E12 – Ah, sim eu pego livro. Eu pego mais livro evangélico, que eu sou evangélica então pego mais evangélico, pra lê, eu leio bastante graças a Deus.

E – E que outras coisas você faz aqui?

E12 – Trabalho na cozinha, faço de tudo lá na cozinha.

E – E de fim de semana?

E12 – Fim de semana, de sábado é um plantão nosso de fica na cozinha né e domingo, mas ai se a gente tem visita ai vai outra pessoa no lugar.

E – Entendi. E você participa de alguma igreja também?

E12 – Eu participo. Ai como é que meu Deus? De manhã que ele vem, o pastor de Limeira. É a Filadélfia. Que lá em Brotas eu só da plenitude da graça, to batizada nela, mas aqui eu to nessa daqui até eu i embora. Porque Deus é um só né, então a gente participa. É bom né, eu gosto, me sinto bem.

E – E você acha que a escola, a educação aqui dentro, é diferente daquela que você foi lá 7 meses?

E12 – Ah é diferente.

E – É o que você acha que é diferente?

E12 – Ah sei lá é só adulto. Então num tem um não tem vergonha do outro né. Que é tudo adulto, tudo já de idade e lá não só eu que era mocinha e as crianças lá tudo comigo, aqui eu gosto, eu me sinto bem na escola.

E – Aqui você se sente melhor porque são todos adultos né. Então um tem dificuldade aqui o outro ali.

E12 – É [risos] nas continha.

E – E vocês se ajudam?

E12 – Uma ajuda a outra.

E – E você acha que estudar aqui dentro vai te ajudar quando você sair daqui?

E12 – Ah vai.

E – Em que você acha que vai ajudar?

E12 – Ah, é que saindo lá eu vo te minha audiência, o juiz vai querer saber o que eu to fazendo, se eu num to fazendo nada fala: ah então já ta presa num ta fazendo nada? E lá eu num estudava, só trabalhava né, ai eu vo fala que eu to estudando, que dizem que é bom a gente estuda, no dia da audiência o juiz sabe que ta estudando, trabalhando.

E – Mas você acha que vai te ajudar quando você estiver livre também?

E12 – Ah vai me ajuda bastante sim.

E – É! Em que você acha que vai ajudar?

E12 – É, porque ai eu vo chega lá e vo matricula eu na escola e vo estuda, vo continua de onde eu parei aqui. Já falei, pro meu marido: saindo daqui eu vo estuda ai, mas de noite não de dia.

E – Entendi. Seu marido está te esperando lá fora?

E12 – Ta. Ele vem todo domingo me visita aqui, vem todo domingo.

E – E você acha que alguma coisa aqui da escola poderia ser diferente?

E12 – [pausa] Diferente de que jeito?

E – Não sei. Pode ser de conteúdo, a sala... Você acha que alguma coisa podia ser diferente?

E12 – Porque lá onde a gente estuda eu acho que tá bom né, porque é sozinho lá. Quartinho sozinho. Que tem umas que estuda, aqui na, no refeitório e nós estuda lá. Acho que tá bom lá onde nós tá.

E – Você acha que não tem nada que poderia ser mudado?

E12 – Não, acho que não. Ela só disse que vai leva as cadeira, né. Aquelas coisinha certa pra nós estuda, né.

E – Ah, ela vai trazer cadeiras novas.

E12 – É.

E – E você acha que trazendo cadeiras novas, vai fazer com que as meninas ou você fique mais motivada para ir na aula?

E12 – Ah não, acho que nada faz né. A gente tendo vontade estuda estuda de qualquer lado, estuda de qualquer jeito.

E – E você acha que você tem vontade?

E12 – Ah eu tenho, eu sou motivada pra ir pra escola.

E – Então tá bom.

E12 – Eu gosto.

E – Bem acho que era só isso então. Obrigada.

E12 – De nada.

Entrevista 13

E – Primeiro eu queria saber a sua idade.

E13 – 62 ano.

E – Faz quanto tempo que você está presa?

E13 – 2 anos e [pausa] 2 anos e 10 meses.

E – Já foi sentenciada?

E13 – Já.

E – E por que a senhora foi presa?

E13 – É homicídio, 121.

E – Entendi. E que série a senhora está agora aqui na escola?

E13 – 3º ano.

E – E você estudo quando era criança?

E13 – Só até o 3º ano.

E – Você começou estudar com a idade normal?

E13 – Com 8 ano.

E – E como era quando você estudava?

E13 – Ah, era diferente de agora, os professor ensinava bem mais coisa do que ensina agora. Ensinava onde tinha ponto, onde tinha vírgula. Agora, e agora num ensina.

E – E por que você deixou de ir pra escola?

E13 – Porque num tinha escola no sítio. Eu morava no sítio, e só veio te essa escola lá quando eu tinha 8 ano. Daí eu fiz o 3º ano, num tinha o 4º ano, daí eu parei de estudar.

E – Entendi. E ai você teve que parar porque só tinha até o 3º ano. A escola era muito longe?

E13 – É depois a escola era muito longe.

E – A senhora cresceu no sítio então.

E13 – Cresci no sítio.

E – Ai você parou de estudar e foi trabalhar?

E13 – Aprendi cultura [pausa]

E – E tem alguma coisa que você lembra dessa época que você estudou lá com 8, 9 anos que te marcou?

E13 – [pausa] Ah... Eu gostava de faze matemática. [pausa]

E – E o que te motivava a ir pra aula quando criança?

E13 – Ah eu gostava. O sonho meu era ser professora, mas num tinha escola. Era 2 hora de carro pra chega na cidade.

E – É. De onde que você é?

E13 – Eu era da Fazenda de São José. No município de Tirapina.

E – E o que te fez procurar a escola aqui na prisão?

E13 – Aqui é obrigatório estuda.

E – E se não fosse, você acha que você ia querer se matricular?

E13 – Eu, agora, vo se sincera fala, num queria estuda mais, porque, eu to indo porque é obrigatório mesmo, que nessa idade vo estuda pra que? Agora num tem mais futuro. 62 anos, ta estudando agora. Agora num faz mais falta escola pra mim.

E – Então se pudesse escolher você não estudava mais?

E13 – Não.

E – Entendi. E assim, me conta o que você mais gosta na escola hoje, e o que você menos gosta?

E13 – [pausa] Ah eu num sei. Eu tenho 3 hérnia de disco, num posso fica sentada tempo numa posição, que dói tudo. E tenho problema de pressão alta e tenho crise de choro de nervosa.

E – Entendi. Mas tem coisa que você mais gosta e menos gosta?

E13 – Eu gosto de matemática. De língua portuguesa eu num gosto.

E – Você não gosta de escrever, tem dificuldade?

E13 – Não. Eu erro muito. Agora nas conta eu num erro, daí eu gosto.

E – E você estuda fora da sala de aula?

E13 – Não. Só lá mesmo.

E – E a biblioteca você usa?

E13 – Não, num pego livro. Só de sexta-feira que ela leva livro pra nós lê, uma hora.

E – Mas ai é pra fazer a leitura lá?

E13 – É leitura lá.

E – E quais são as outras atividades que você tem aqui? Você trabalha também?

E13 – Não faço nada. Comecei trabalha, varre o pátio, mas num aguentei, precisei para.

E – Então você fica só no alojamento e vai pra escola de noite?

E13 – No alojamento e vo pra escola.

E – E de fim de semana você faz alguma atividade?

E13 – Não.

E – Nem igreja, nada?

E13 – Frequento, a congregação cristã do Brasil de sábado.

E – E você acha que a escola aqui dentro, é diferente da escola de quando você estudava, quando era criança?

E13 – Eu acho que é.

E – O que a senhora acha que é diferente?

E13 – Um pouco de as coisa muda.

E – Do que você diz? O conteúdo? O que muda?

E13 – O jeito deles explica.

E – Você acha que era mais fácil antes? Agora?

E13 – Não, antes era mais difícil.

E – O era mais difícil antes e agora é mais fácil?

E13 – Ah, tudo as coisa.

E – Você acha que hoje é tudo explicado de uma maneira mais simples?

E13 – É.

E – E isso facilita pra aprender? Fica mais fácil?

E13 – Ah, eu acho, que a pessoa num aprende muito não.

E – Você acha que aprende, mas bem pouco?

E13 – Bem pouco, eu acho que do meu tempo aprendia mais coisa do que agora. Não é porque eu era nova e tinha a mente boa não. É que ensinava mais as coisa mesmo.

E – Entendi.

E13 – Mandava você faze um ditado. Olhava a vírgula, um acentinho no “e”, o parágrafo aqui no final, aqui no começo, era tudo certinho, num é que nem agora, faz e nem ponto ponha no final da linha, nada.

E – E você acha que estudar aqui vai te ajudar quando você estiver na rua?

E13 – Eu acho que não.

E – Não. Por que você acha que não?

E13 – Porque da escola na rua, eu num vo faze nada da escola na rua, a hora que eu sai eu num vo estuda mais, que com 62 anos, estuda pra que? Agora num tem mais futuro.

E – Então, você acha que não vai te ajudar em nada?

E13 – Não. Se eu fosse nova sim.

E – Que iria te ajudar se você fosse nova?

E13 – Se fosse nova eu ia continua estudando. É o sonho meu era estuda.

E – E você acha que alguma coisa poderia ser diferente na escola aqui?

E13 – Ah! Nós só tem 2 hora e meia de escola.

E – Você acha que deveria ser mais tempo?

E13 – Eu acho que o certo seria 4 hora que nem o normal né.

E – Você acha que tem pouco tempo de aula?

E13 – Eu acho que é pouco tempo na escola. [pausa] Num dá tempo de aprende muito as coisas. Chega e logo é hora de ir embora, e hora do café junto, hora de toma remédio junto também. Ta tendo aula ai tem que vim correndo toma café, toma remédio, depois volta na escola de novo.

E – Ai já está na hora de ir embora.

E13 – É. É muito pouco tempo.

E – E você acha que se aumentasse o tempo, você ia ficar mais motivada pra ir a aula?

E13 – Eu gosto de ir na escola. Só o problema é que dói muito minhas costas, eu num posso ficar muito tempo sentada, [pausa] e to meia ruim da vista que nem com os óculos to enxergando direito, preciso passar com oculista imediatamente. Eu tenho de operar, eu tenho uma pelinha nos dois olhos, o médico fala que tem que operar, que esse aqui já é o quinto óculos que eu uso. A pelinha ta vindo em cima da bola do olho. Eu óio assim, enxergo uma bolinha preta, então essa pelinha branca que tem que ser operar. Tem uns 3 anos, três não uns 5 anos que o médico fala pra mim que eu ia te de operar.

E – E ai isso dificulta também na escola?

E13 – É. Eu óio, pra enxergar na lousa eu óio em cima dos óculos, no caderno eu óio dentro dos óculos, senão num enxergo.

E – Então tá bom, acho que hoje era isso que a gente tinha para conversar.

E13 – Ta.

E – Obrigada.